



SEMIDEUSES E MAGOS



RICK RIORDAN

SINOPSE

MAGIA, MONSTROS E DESORDEM SURGEM quando Percy Jackson e Annabeth Chase encontram com Carter e Sadie Kane pela primeira vez. Criaturas estranhas estão aparecendo em lugares inesperados e os semideuses e magos precisam de unir para acabar com eles. Enquanto lutam com bronze celestial e hieróglifos brilhantes, os quatro heróis descobrem que têm muito em comum e mais poder do que jamais imaginaram ser possível. Mas serão suas forças combinadas o suficiente para frustrar um inimigo antigo, que é a mistura de encantamentos gregos e egípcios para um propósito obscuro? Rick Riordan empunha sua habitual mágica narrativa nesta aventura cheia de adrenalina.

Para entrar em contato envie um email para:

bibliotecadededalo@gmail.com

Em caso de erros envie: livro, capítulo e erro.

Para melhor visualização de imagens, usar o modo
claro do leitor.

SEMIDEUSES E MAGOS

AVENTURAS DE PERCY JACKSON, ANNABETH CHASE
E CARTER E SADIE KANE

RICK RIORDAN

Tradução de Flora Pinheiro e Regina Winarski

Edição por
BIBLIOTECA DE DÉDALO
(03/11/2020)

Copyright © 2012, 2013 e 2014 Rick Riordan
Edição em português feita por Biblioteca de Dédalo

TÍTULO ORIGINAL

Demigod and Magicians: The Son of Sobek, The Staff of Serapis and The Crown of Ptolemy

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Biblioteca de Dédalo

ISBN: 978-85-8057-350-3, 978-85-8057-635-1 e 978-85-8057-754-9

1. Mitologia grega - Literatura infanto-juvenil. 2. Mitologia romana - Literatura infanto-juvenil. 3. Mitologia egípcia - Literatura infanto-juvenil. 4. Ficção infanto-juvenil americana. 5. Literatura infanto-juvenil americana.

[2020]

BIBLIOTECA DE DÉDALO

www.bibliotecadedalo.weebly.com

O FILHO DE SOBEK

UMA AVENTURA DE CARTER KANE E PERCY JACKSON



CARTER KANE

SER DEVORADO POR UM CROCODILO gigante já foi bem ruim.

O garoto com a espada reluzente fez meu dia ficar ainda pior.

Talvez eu deva me apresentar.

Meu nome é Carter Kane. Sou aluno do primeiro ano na metade do tempo, mago no restante, e preocupado em período integral com todos os deuses egípcios e monstros que estão sempre tentando me matar.

Tudo bem, a última parte foi um pouco de exagero. Nem *todos* os deuses querem me matar, só muitos deles — mas isso já era de se esperar, uma vez que sou um mago da Casa da Vida. Somos uma espécie de polícia das forças sobrenaturais do Egito Antigo, e nossa função é garantir que não instaurem o caos completo no mundo moderno.

Enfim, nesse dia em especial eu estava seguindo o rastro de um monstro em Long Island. Nossos cristalomantes vinham detectando certa perturbação mágica na região havia semanas, então começou a aparecer nos noticiários locais que uma enorme criatura tinha sido vista nas lagoas e

pântanos próximos à rodovia Montauk, alimentando-se de animais selvagens e assustando os moradores. Um repórter até a chamou de “Monstro do Pântano de Long Island”. Quando soa o alarme dos mortais, é hora de ver o que está acontecendo.

Normalmente, Sadie, minha irmã, ou algum dos outros iniciados da Casa do Brooklyn, teria me acompanhado. Mas estavam todos no Primeiro Nomo, no Egito, em um treinamento de uma semana para aprender a controlar demônios do queijo (sim, isso existe, mas acredite em mim: é melhor não conhecê-los), então fui sozinho.

Amarrei o barco-trenó voador em Freak, meu grifo de estimação, e passamos a manhã sobrevoando South Shore em busca de sinais de problema. Se você estiver se perguntando por que não fui nas costas de Freak, imagine asas tipo as de um beija-flor batendo mais rápido e mais forte do que pás de helicóptero. A não ser que queira virar picadinho, é melhor ir de barco.

Freak tinha um faro bom para magia. Depois de algumas horas de patrulha, ele gritou “FREEEEK” e deu uma guinada para a esquerda, descrevendo círculos sobre o estreito verde e pantanoso entre dois terrenos.

— Lá embaixo? — perguntei.

Freak tremeu e guinchou, batendo a cauda de penas pontiagudas nervosamente.

Não dava para ver muito bem o que havia lá embaixo — apenas um rio de águas barrentas que refletia o sol daquele dia quente de verão, serpenteando pela grama e por entre

árvores retorcidas do pântano até desaguar na baía Moriches. A região parecia um pouco com o delta do Nilo, lá no Egito, só que as áreas pantanosas eram cercadas dos dois lados por bairros residenciais com fileiras e mais fileiras de casas e seus telhados cinzentos. Ao norte, uma fila de carros enfrentava o trânsito da rodovia Montauk — pessoas saindo de férias para escapar da multidão na cidade e se juntar à multidão nos Hamptons.

Eu me perguntei quanto tempo um monstro do pântano carnívoro levaria, se houvesse mesmo um abaixo de nós, até pegar gosto por humanos. Se isso acontecesse... Bem, para ele seria como estar em um daqueles restaurantes “coma à vontade”.

— O.k. — falei para Freak. — Pode me deixar perto da margem do rio.

Assim que desembarquei, Freak guinchou e disparou para o céu, com o barco-trenó.

— Ei! — gritei, tentando impedi-lo, mas era tarde demais.

Freak se assusta fácil. Monstros carnívoros tendem a apavorá-lo, assim como fogos de artifício, palhaços e o cheiro do suco Ribena esquisito de Sadie. (Não dá para culpá-lo pelo suco. Sadie foi criada em Londres e desenvolveu um gosto meio estranho.)

Eu teria que resolver o problema com o monstro, e então assobiar para Freak vir me buscar.

Abri a mochila e verifiquei o equipamento: corda encantada, minha varinha encurvada de marfim, um pedaço

de cera para fazer uma estatueta mágica *shabti*, meu conjunto de caligrafia e uma poção de cura que minha amiga Jaz preparara para mim um tempo antes. (Ela sabe que me machuco bastante.)

Só faltava uma coisa.

Eu me concentrei para criar uma abertura no Duat e estendi a mão. Nos últimos meses, aperfeiçoei o armazenamento de provisões de emergência lá — armas extras, roupas limpas, doces e engradados de refrigerantes gelados —, mas enfiar a mão em uma dimensão mágica ainda era um pouco esquisito, como se estivesse atravessando camadas de cortinas frias e pesadas. Segurei o punho da minha espada e puxei. Era um *khopesh* pesado, com uma lâmina curva como um ponto de interrogação. Armado com a espada e a varinha, estava pronto para dar um passeio pelo pântano e encontrar o tal monstro faminto. Ah, que alegria!

Entrei na água e de imediato afundei até os joelhos. O fundo do rio parecia um purê congelado. A cada passo, meus sapatos faziam um barulho tão nojento — bloct-bloct, bloct-bloct — que fiquei até feliz por Sadie não estar ali comigo. Ela teria rido sem parar.

E, ainda pior: fazendo tanto barulho, sabia que não conseguiria surpreender nenhum monstro.

Uma nuvem de mosquitos me envolveu. De repente, eu me senti nervoso e sozinho.

Podia ser pior, disse a mim mesmo. *Você poderia estar estudando demônios do queijo.*

Mas não me convenci por completo. Próximo dali, ouvi crianças rindo e gritando, provavelmente no meio de alguma brincadeira. Perguntei-me como devia ser isso: ser um garoto normal, passar as tardes de verão com meus amigos.

Era um pensamento tão agradável que até me distraí. Não notei as ondulações na água até que a uns cinquenta metros de mim algo surgiu na superfície, uma fileira de placas de couro verde-escuro. Ele submergiu na mesma hora, mas agora eu sabia com o que estava lidando. Já tinha visto crocodilos antes, e esse era bizarramente grande.

Lembrei-me de El Paso, no penúltimo inverno, quando eu e minha irmã fomos atacados pelo deus crocodilo gigante, Sobek. Definitivamente, não era uma boa lembrança.

O suor começou a escorrer por meu pescoço.

— Sobek — murmurei —, se for você me perturbando de novo, juro por Rá que...

O deus crocodilo tinha prometido nos deixar em paz agora que estávamos bastante íntimos do chefe dele, o deus sol. Ainda assim... crocodilos têm fome. E então tendem a esquecer suas promessas.

A água não me deu mais pistas. As ondulações tinham passado.

Quando se tratava de detectar monstros, meus sentidos mágicos não eram muito aguçados, mas a água à minha frente pareceu bem mais escura. Isso significava que era mais funda ali, ou então que algo enorme se esgueirava abaixo da superfície.

Quase desejei que *fosse* Sobek. Ao menos assim eu teria uma chance de conversar antes que ele me matasse. Sobek adorava se gabar.

Infelizmente, não era ele.

No microssegundo seguinte, quando a água ao redor de mim se agitou, percebi que deveria ter trazido todo o Vigésimo Primeiro Nomo para me ajudar. Vi olhos amarelo-brilhantes do tamanho de minha cabeça e uma joia de ouro luminoso envolvendo um pescoço enorme. Uma mandíbula monstruosa se abriu — fileiras de dentes tortos e o interior rosado de uma boca grande o suficiente para devorar um caminhão de lixo.

E a criatura me engoliu inteiro.

Imagine ser embalado a vácuo e ficar de cabeça para baixo dentro de uma sacola de lixo gigante e pegajosa, sem ar. Estar na barriga do monstro foi assim, só que mais quente e fedorento.

Por um momento, fiquei atordoado demais para reagir. Era inacreditável que ainda estivesse vivo. Se a boca do crocodilo fosse um pouco menor, teria me partido ao meio. Como não era o caso, tinha me engolido de uma vez só, uma porção individual de Carter. Agora eu podia aguardar ansiosamente para ser digerido bem devagar.

Que sorte a minha, não?

O monstro começou a se mover violentamente, e ficou bem difícil raciocinar. Prendi a respiração, sabendo que poderia ser a última. Ainda tinha a espada e a varinha, mas

não podia usá-las com os braços presos ao lado do corpo. Também não dava para alcançar as coisas na mochila.

Só restava uma opção: comandos. Se me lembrasse do símbolo hieroglífico certo e o pronunciasse, poderia invocar alguma força poderosa, uma magia tipo “ira dos deuses” que me permitisse abrir caminho para fora daquele réptil.

Em teoria: ótima ideia.

Na prática: não sou bom com comandos, mesmo nas melhores situações. Estar sufocando na barriga escura e fedorenta do crocodilo não estava ajudando minha concentração.

Você consegue, disse a mim mesmo.

Depois de todas as aventuras perigosas que vivi, não podia morrer daquele jeito. Sadie ficaria arrasada. Então, quando superasse a tristeza, ela iria atrás da minha alma na pós-vida egípcia e ficaria rindo da minha cara por eu ter sido tão burro.

Meus pulmões começaram a arder. Estava prestes a desmaiar. Escolhi um comando, reuni toda a concentração que tinha e me preparei para pronunciá-lo.

O monstro deu um solavanco repentino para cima. Ele bramiu, o que soava bem estranho para quem estava dentro dele, e seu corpo se contraiu a meu redor, fazendo-me sentir como se estivesse sendo espremido para fora de um tubo de pasta de dentes. Fui atirado da boca da criatura e saí rolando pela grama do pântano.

De algum jeito, fiquei de pé. Cambaleei um pouco, ainda meio cego, arfando e coberto de suco intestinal de

crocodilo, que tinha cheiro de aquário sujo.

A superfície do rio se agitou com bolhas. O crocodilo havia desaparecido, mas parado no pântano, a uns seis metros de mim, estava um adolescente de jeans e camiseta laranja desbotada que dizia acampamento alguma coisa. Não dava para entender o resto. Ele parecia um pouco mais velho do que eu — talvez tivesse uns dezessete anos — e tinha cabelos pretos despenteados e olhos verdes. O que mais chamava a atenção era a espada dele — uma reluzente espada de bronze com lâmina de fio duplo.

Não sei qual de nós ficou mais surpreso.

Por um segundo, o Cara do Acampamento apenas olhou para mim. Ele notou o *khopesh* e a varinha, e tive a sensação de que ele realmente os *via* como eram. Os mortais comuns têm dificuldade para ver a magia. O cérebro não consegue interpretá-la, então, por exemplo, eles olhariam para a minha espada e veriam um taco de beisebol ou uma bengala.

Mas aquele garoto... ele era diferente. Imaginei que devia ser um mago. O único problema era que eu conhecia vários magos dos nomos nos Estados Unidos, e nunca tinha visto esse cara. Também nunca vira uma espada daquelas. Tudo nele parecia... *não egípcio*.

— O crocodilo — falei, tentando manter a voz calma e firme. — Para onde foi?

O Cara do Acampamento franziu a testa.

— De nada.

— O quê?

— Eu bati na traseira daquele crocodilo. — Ele repetiu o movimento com a espada para explicar. — Foi por isso que cuspiu você. Então, de nada. O que você estava fazendo na barriga dele?

Admito que eu não estava no melhor dos humores. Eu fedia. Meu corpo doía. E, sim, estava um pouco envergonhado: o poderoso Carter Kane, líder da Casa do Brooklyn, tinha sido vomitado por um crocodilo como uma bola de pelos imensa.

— Estava descansando — retruquei, ríspido. — O que você *acha* que eu estava fazendo? Agora, quem é você e por que estava lutando contra meu monstro?

— *Seu* monstro? — Ele veio andando na minha direção através da água, e a lama não parecia atrapalhá-lo. — Olhe só, cara, não sei quem é você, mas aquele crocodilo vem aterrorizando Long Island há semanas. Eu levo isso para o lado pessoal, porque aqui é a minha área. Ele comeu um dos nossos pégasos há alguns dias.

O choque foi tão grande que parecia que eu tinha batido com as costas em uma cerca elétrica.

— Você disse *pégasos*?

Ele fez um gesto para ignorarmos a pergunta.

— Esse monstro é seu ou não?

— Não sou dono dele — resmunguei. — Estava tentando impedi-lo! Agora, para onde...

— O crocodilo foi por ali. — Ele apontou a direção com a espada. — Eu já estaria atrás dele, mas você me pegou de surpresa.

O garoto pareceu avaliar meu tamanho, o que me deixou um pouco inquieto, já que ele era uns quinze centímetros mais alto. Ainda não dava para entender o que estava escrito em sua camiseta, apenas a palavra acampamento. Ele usava um colar de couro com algumas contas de argila coloridas, que lembrava o trabalho de artes de uma criança. Não carregava uma mochila de mago ou varinha. Talvez ele as guardasse no Duat. Ou talvez fosse apenas um mortal delirante que encontrara uma espada mágica por acidente e agora achava que era um super-herói. As relíquias antigas podem confundir muito a mente.

Enfim, ele balançou a cabeça.

— Eu desisto. Filho de Ares? Sei que você é um meio-sangue, mas o que aconteceu com sua espada? Está toda torta.

— É um *khopesh*. — Meu choque estava rapidamente se transformando em raiva. — A lâmina é curva.

Mas não estava pensando na espada.

O Cara do Acampamento tinha me chamado de *meio-sangue*? Talvez eu não tivesse ouvido direito. Talvez quisesse dizer outra coisa. Só que meu pai era afrodescendente. Minha mãe era branca. *Meio-sangue* não era uma palavra da qual eu gostava.

— Só... Dê o fora, tá? — falei entredentes. — Preciso acabar com aquele crocodilo.

— Cara, *eu* preciso acabar com o crocodilo — insistiu ele.
— Na sua última tentativa, ele devorou você. Lembra?

Meus dedos apertaram o punho da espada com mais força.

— Estava tudo sob controle. Eu estava prestes a invocar o Punho...

Assumo completamente a responsabilidade pelo que aconteceu a seguir.

Foi sem querer. Juro. Mas eu estava com raiva. E, como já devo ter mencionado, não sou naturalmente bom em canalizar comandos. Na barriga do crocodilo, estava me preparando para invocar o Punho de Hórus, uma enorme mão azul e brilhante capaz de pulverizar portas, paredes e praticamente tudo o que estiver no caminho. Meu plano era abrir passagem socando o monstro. Um pouco nojento, é verdade, mas provavelmente eficaz.

Acho que ainda estava com o feitiço na cabeça, pronto para ser disparado como uma arma carregada. Parado à frente do Cara do Acampamento, eu estava furioso, além de surpreso e confuso. Então, quando tentei pronunciar a palavra *punho*, ela acabou saindo em egípcio antigo: *khifa*.

Um hieróglifo tão simples:



Quem poderia imaginar que causaria tantos problemas?

Assim que pronunciei a palavra, o símbolo reluziu no ar entre nós. Um punho gigante, do tamanho de um lava-louças, materializou-se e atingiu o Cara do Acampamento com força suficiente para jogá-lo para fora da cidade.

Eu o fiz perder até os sapatos. Ele foi lançado para fora do rio como um foguete, com um som de *bloct*. A última coisa que vi foram seus pés descalços em velocidade de escape enquanto ele voava para trás até sumir de vista.

Não, eu não me senti bem com isso. Bem... talvez um pouquinho. Mas também fiquei morto de vergonha. Mesmo que ele fosse um idiota, magos não devem sair por aí acertando as pessoas de surpresa com o Punho de Hórus e tirando-as de órbita.

— Ah, que ótimo.

Dei um tapa na minha própria testa e comecei a andar pelo pântano, preocupado com a possibilidade de tê-lo realmente matado.

— Foi mal, cara! — gritei, esperando que ele pudesse ouvir. — Você está...?

A onda veio do nada.

Uma onda de mais de seis metros me engolfou, e fui puxado de volta para o rio. Subi à superfície e comecei a tossir, com um gosto na boca horrível de peixe. Pisquei para tirar a sujeira dos olhos bem a tempo de ver o Cara do Acampamento saltar na minha direção como um ninja, empunhando a espada.

Ergui meu *khopesh* a fim de aparar o golpe. Por pouco evitei que minha cabeça fosse partida em duas, mas o Cara do Acampamento era rápido e forte. Enquanto eu cambaleava para trás, ele atacava de novo e de novo. A cada investida eu me defendia, mesmo sabendo que ele estava levando a melhor. A lâmina dele era mais leve e

veloz, e — sim, admito — ele era mais habilidoso na esgrima.

Queria explicar que havia cometido um erro. Não era realmente inimigo dele. Mas a prioridade, naquele momento, era não ser cortado ao meio.

O Cara do Acampamento, no entanto, não tinha dificuldades para falar.

— Agora entendi — disse ele, tentando atingir minha cabeça. — Você é algum tipo de monstro.

CLANG! Interceptei o golpe e cambaleei para trás.

— Não sou um monstro — consegui dizer.

Para vencer aquele cara, teria que usar mais do que a espada. O problema é que não queria machucá-lo. Embora ele estivesse tentando me transformar em um sanduíche de Kane fatiado, ainda me sentia culpado por ter começado a briga.

Ele desferiu outro golpe, e não tive escolha. Dessa vez, usei a varinha, aparando a espada na curva do marfim e canalizando uma explosão de magia por seu braço. O ar entre nós piscou e crepitou. O Cara do Acampamento tropeçou. Faíscas azuis de magia voaram a seu redor, como se o feitiço não soubesse bem o que fazer com ele. Quem era aquele cara?

— Você disse que o crocodilo era *seu* — disse o Cara do Acampamento, de cara feia e com os olhos verdes reluzindo de raiva. — Você perdeu seu bichinho de estimação. Talvez seja um espírito do mundo inferior que atravessou as Portas da Morte.

Antes mesmo que eu conseguisse processar suas palavras, ele fez um movimento com a mão livre. O rio mudou de curso e me derrubou.

Consegui levantar. Já estava ficando bem cansado de engolir água do pântano. Enquanto isso, o Cara do Acampamento veio para cima de mim outra vez, com a espada erguida, preparada para me matar. No desespero, deixei a varinha cair. Enfiei a mão dentro da mochila e meus dedos encontraram a corda.

Joguei-a na direção dele e gritei o comando *Tas* — amarrar — no momento em que a lâmina de bronze afundou em meu pulso.

A dor se alastrou por todo o meu braço. Minha visão ficou turva e pontos amarelo-brilhantes surgiram diante de meus olhos. Larguei a espada e apertei o pulso, sem fôlego, pensando única e exclusivamente na dor excruciante.

No fundo, sabia que o Cara do Acampamento podia me matar com facilidade. Por algum motivo, ele não fez isso. Uma onda de náusea fez com que eu me curvasse para a frente.

Eu me forcei a examinar o ferimento. Sangrava muito, mas me lembrei de algo que Jaz tinha dito uma vez na enfermaria da Casa do Brooklyn: os cortes costumam parecer muito piores do que são. Torci para que fosse verdade. Puxei um pedaço de papiro de dentro da mochila e o apertei na ferida como uma atadura improvisada.

A dor ainda era horrível, mas pelo menos o enjoo ficou mais suportável. Minha mente começou a clarear, e me

perguntei por que ainda não tinha virado picadinho.

O Cara do Acampamento estava sentado ali perto, com água pela cintura, parecendo infeliz. A corda mágica havia envolvido o braço que segurava a espada e prendido a mão dele à lateral da cabeça. Sem poder soltar a espada, ele parecia ter um chifre de rena saindo da orelha. Tentava puxar a corda com a mão livre, mas é claro que não estava funcionando.

Por fim, ele apenas suspirou e olhou para mim com raiva.

— Estou realmente começando a odiar você.

— Começando a *me* odiar? — protestei. — Eu estou me esvaindo em sangue aqui! Foi você que começou tudo isso me chamando de meio-sangue!

— Ah, qual é? — O Cara do Acampamento se levantou com dificuldade, pois a espada-antena deixava sua cabeça pesada. — Você não pode ser mortal. Se fosse, a espada teria atravessado seu corpo. Se não é um espírito ou um monstro, tem que ser um meio-sangue. Provavelmente um semideus traidor do exército de Cronos.

Não entendi a maioria das coisas que aquele cara dissera, mas uma delas chamou minha atenção.

— Então, quando falou *meio-sangue*, você...

Ele me encarou como se eu fosse idiota.

— Eu quis dizer *semideus*. É. O que você *achou* que eu queria dizer?

Tentei processar a informação. Já tinha ouvido o termo *semideus* antes, mas não era um conceito egípcio. Talvez o garoto sentisse a minha ligação com Hórus, que eu era

capaz de canalizar o poder do deus... mas por que descreveria tudo de modo tão estranho?

— O que você é? — perguntei. — Metade mago de combate, metade elementalista da água? Está com que nomo?

O garoto deu uma risada amarga.

— Cara, não sei do que você está falando. Não ando com gnomos. Sátiros, às vezes. Até ciclopes. Mas nunca gnomos.

A perda de sangue devia ter me deixado tonto. Suas palavras começaram a quicar na minha cabeça como aquelas bolas de loteria: ciclopes, sátiros, semideuses, Cronos. Antes ele havia mencionado Ares. Aquele era um deus grego, não egípcio.

Foi como se o Duat tivesse se aberto abaixo de mim, ameaçando me puxar para suas profundezas. *Grego... não egípcio.*

Um pensamento começou a se formar em minha cabeça. Não gostei nada. Na verdade, fiquei apavorado.

Apesar de toda a água do pântano que engoli, senti a garganta seca.

— Olha — comecei a dizer —, sinto muito por ter atingido você com aquele feitiço do punho. Foi um acidente. Mas o que não entendo... é que você deveria ter morrido. E não morreu. Isso não faz sentido.

— Não fique tão desapontado — resmungou ele. — Mas, já que estamos falando desse assunto, você também deveria estar morto. Não existe muita gente que

conseguiria lutar tão bem contra mim. E a minha espada deveria ter pulverizado seu crocodilo.

— Pela última vez, não é *meu* crocodilo.

— O.k., tanto faz. — Ele não parecia convencido. — A questão é que meu golpe pegou direitinho naquele crocodilo, mas apenas o atçou. O bronze celestial deveria tê-lo transformado em pó.

— Bronze celestial?

Nossa conversa foi interrompida por um grito em algum lugar próximo — o grito de uma criança apavorada.

Meu coração quase parou. Eu era mesmo um idiota. Tinha esquecido por que estávamos ali.

Encarei o Cara do Acampamento.

— Temos que deter o crocodilo.

— Trégua? — sugeriu ele.

— Certo — concordei. — Podemos continuar nos matando depois de cuidar do animal.

— Combinado. Agora, será que você pode desamarrar minha mão da cabeça? Estou me sentindo como um maldito unicórnio.

Não digo que confiávamos um no outro, mas pelo menos passamos a ter um objetivo comum. Não tenho a menor ideia de como, mas ele invocou seus sapatos do rio e os calçou. Então me ajudou a envolver o ferimento com uma tira de linho e me esperou beber da poção de cura.

Depois disso, senti-me bem o suficiente para correr atrás dele na direção dos gritos.

Pensei que estava em boa forma de tanto treinar magia de combate, carregar artefatos pesados e jogar basquete com Khufu e seus amigos babuínos (babuínos levam basquete muito a sério). Mesmo assim, foi difícil acompanhar o Cara do Acampamento.

O que me lembrava... Estava começando a ficar cansado de chamá-lo assim.

— Qual é seu nome? — perguntei, arfando enquanto corria atrás dele.

Ele olhou para mim de modo desconfiado.

— Não sei se devo dizer. Nomes podem ser perigosos.

Ele tinha razão, é claro. Nomes têm poder. Havia um tempo, minha irmã Sadie aprendera meu *ren*, meu nome secreto, e isso ainda me deixava bastante nervoso. Um mago experiente é capaz de causar todo tipo de problemas sabendo apenas o nome comum de uma pessoa.

— Justo — respondi. — Eu falo primeiro. Meu nome é Carter.

Acho que ele acreditou em mim. As rugas próximas aos olhos se suavizaram um pouco.

— Percy.

Aquele nome parecia meio incomum para mim. Soava britânico, eu acho, embora Percy falasse e agisse bem como um americano.

Saltamos um tronco apodrecido e finalmente saímos do pântano. Tínhamos começado a subir por uma colina até as casas mais próximas quando percebi que havia mais de uma pessoa gritando. Não era um bom sinal.

— Só para avisar — adverti Percy. — Você não vai conseguir matar o monstro.

— Espere para ver — resmungou ele.

— Não, eu quis dizer que ele é *imortal*.

— Já ouvi essa antes. E já transformei vários *imortais* em pó e os mandei de volta para o Tártaro.

Tártaro?, pensei.

Conversar com Percy estava me dando uma séria dor de cabeça. Lembrou a vez em que meu pai me levara à Escócia para uma de suas palestras de egiptologia. Eu tentara falar com alguns locais e sabia que eles estavam conversando na minha língua, mas parecia que alternavam cada frase compreensível com outra em um idioma estranho — com palavras e pronúncias diferentes —, e eu ficava me perguntando o que, diabos, queriam dizer. Era assim com Percy. Nós *quase* falávamos a mesma língua — magia, monstros, etc. Mas seu vocabulário estava todo errado.

— Não — tentei de novo, já na metade da colina. — Esse monstro é um *petsuchos*, um filho de Sobek.

— Quem é Sobek?

— O deus crocodilo. Um deus egípcio.

Isso o fez parar na hora. Olhou para mim, e senti o ar entre nós ficar carregado de eletricidade. Uma voz bem no fundo de minha mente disse: *Cale a boca. Não conte mais nada.*

Percy olhou para o *khopesh* que eu havia recuperado do rio, então para a varinha presa em meu cinto.

— De onde você vem? Sério.

— Onde nasci? — perguntei. — Los Angeles. Agora moro no Brooklyn.

Aquilo não pareceu fazê-lo se sentir melhor.

— Então, o monstro, esse tal *pet-suco*...

— *Petsuchos* — corriji. — É uma palavra grega, mas o monstro é egípcio. Era tipo o mascote do Templo de Sobek, venerado como um deus.

Percy grunhiu.

— Você fala como Annabeth.

— Quem?

— Nada. Só me poupe da aula de história. Como fazemos para matá-lo?

— Já disse, ele...

Outro grito veio de cima da colina, seguido por um *CRUNCH* alto, como o som produzido por um compactador de metal.

Subimos correndo até o topo, depois pulamos a cerca de um quintal qualquer e chegamos a uma rua residencial sem saída.

Exceto pelo crocodilo gigante no meio da via, era uma vizinhança como qualquer outra nos Estados Unidos: uma rua sem saída com casas típicas de subúrbio e seus gramados bem-aparados, carros nas garagens, caixas de correio próximas ao meio-fio e bandeiras penduradas acima das varandas.

Infelizmente, essa imagem do estilo de vida americano foi arruinada pelo monstro, que estava ocupado devorando um carro híbrido verde com um adesivo na traseira que

dizia meu poodle é mais inteligente que o seu aluno nota 10. Talvez o *petsuchos* tivesse pensado que o carro era outro crocodilo e estivesse tentando afirmar sua dominância. Ou talvez apenas não gostasse de poodles ou de alunos que gabaritavam.

Independentemente de seu descontentamento, o crocodilo parecia ainda mais assustador em terra do que na água. Tinha doze metros de comprimento, a altura de um caminhão de entregas e uma cauda tão grande e poderosa que virava carros sempre que ele a sacudia. Sua pele brilhava em um tom verde-escuro e vertia uma água que se acumulava em volta das patas. Eu me lembrei da vez em que Sobek dissera que seu suor divino dera origem aos rios do mundo. Eca. Parecia que aquele monstro tinha a mesma transpiração divina. Eca ao quadrado.

Os olhos da criatura brilhavam com uma luz amarela assustadora. Os dentes brancos e afiados pareciam reluzir. O mais estranho nele, porém, eram as joias. Pendurado em seu pescoço havia um elaborado colar com várias correntes de ouro e pedras preciosas suficientes para comprar uma ilha.

Foi ao ver o colar lá no pântano que percebi que o monstro era um *petsuchos*. Eu tinha lido que o animal sagrado de Sobek usava algo parecido no Egito, mas não tinha a menor ideia do que o monstro estava fazendo em um bairro de Long Island.

Enquanto Percy e eu absorvíamos a cena, o crocodilo resolveu tomar uma atitude. Abocanhou o carro verde e o

partiu ao meio, atirando pedaços de vidro, metal e *air bag* pelos gramados.

Assim que ele largou os destroços, meia dúzia de crianças surgiu do nada — aparentemente, elas estavam escondidas atrás de alguns dos outros carros — e atacou o monstro, gritando a plenos pulmões.

Inacreditável. Eram apenas crianças (deveriam cursar o ensino fundamental), armadas com nada além de balões e arminhas de água. Acho que estavam de férias e deviam estar se refrescando com uma guerra de água, quando o monstro as interrompeu.

Nenhum adulto a vista. Talvez todos estivessem trabalhando. Talvez todos estivessem dentro de casa, desmaiados por causa do choque.

As crianças pareciam estar mais com raiva do que com medo. Correram ao redor do crocodilo, atirando balões de água que caíam sobre sua couraça sem provocar danos.

Era estúpido e inútil? Era. Mas não pude deixar de admirar a coragem delas. Estavam dando o seu melhor para enfrentar o monstro que invadira sua vizinhança.

Talvez vissem o crocodilo como ele era, ou quem sabe seus cérebros mortais as fizessem pensar que se tratava de um elefante fugido do zoológico, ou um motorista do FedEx enlouquecido.

Fosse lá o que vissem, estavam em perigo.

Senti a garganta fechar. Pensei em meus iniciados na Casa do Brooklyn, que não eram mais velhos do que

aquelas crianças, e meus instintos de “irmão mais velho” afloraram. Saí correndo para a rua.

— Saíam de perto dele! Fugam! — gritei. Então joguei minha varinha bem na cabeça do crocodilo. — *Sa-mir!*

A varinha atingiu o focinho e uma luz azul se espalhou pelo corpo do monstro. O hieróglifo para dor brilhou por toda a sua couraça.



Todos os pontos em que o símbolo aparecia soltavam fumaça e faíscas, fazendo o monstro se debater e bramir irritado.

As crianças se dispersaram e se esconderam atrás de carros e caixas de correio destruídos. O *petsuchos* voltou seus olhos amarelos e brilhantes para mim.

A meu lado, Percy assobiou baixinho.

— Bem, você conseguiu chamar a atenção dele.

— É.

— Tem certeza de que a gente não consegue matá-lo?

— Tenho.

O crocodilo parecia estar prestando atenção à conversa. Os olhos amarelos iam de um para o outro, como se ele estivesse tentando decidir qual de nós devoraria primeiro.

— Mesmo se você *pudesse* destruir o corpo dele — expliquei —, o crocodilo apenas reapareceria aqui perto. Está vendo aquele colar? É encantado com o poder de Sobek. Para derrotar o monstro, a gente precisa tirar o colar

dele. E então o *petsuchos* deve encolher até ficar do tamanho de um crocodilo normal.

— Odeio a palavra *deve* — sussurrou Percy. — Está bem. Vou pegar o colar. Mantenha-o distraído.

— Por que *eu* tenho que distrair o monstro?

— Porque você é mais irritante — respondeu Percy. — Tente não ser devorado de novo.

— GRRRAU — bramiu o crocodilo, que tinha bafo de lixeira de restaurante de frutos do mar.

Eu estava prestes a dizer a Percy que ele também era *bem* irritante, mas não tive chance. O *petsuchos* fez sua investida, e o meu novo companheiro de batalha saiu da frente, deixando-me bem no caminho da destruição.

Primeiro pensamento aleatório: ser devorado duas vezes no mesmo dia seria bem embaraçoso.

Pelo canto do olho, vi Percy disparar para a direita do monstro. As crianças mortais saíram de seus esconderijos e começaram a gritar e jogar mais balões de água no crocodilo, como se estivessem tentando me proteger.

O *petsuchos* partiu para cima de mim com a mandíbula aberta, prestes a me abocanhar.

E eu fiquei com raiva.

Já havia enfrentado os piores deuses egípcios. Mergulhara no Duat e cruzara a Terra dos Demônios. Estivera na praia do Caos. Eu não ia vacilar diante de um crocodilo superdesenvolvido.

O ar ficou carregado de energia quando meu avatar de combate começou a surgir ao meu redor, como um exoesqueleto azul-brilhante na forma de Hórus.

Fui erguido do chão até ficar suspenso no meio de um guerreiro com cabeça de falcão de seis metros de altura. Dei um passo à frente, preparando-me, e o avatar imitou meu movimento.

— Por Hera! — gritou Percy. — Mas o quê...?

O crocodilo se lançou contra mim.

Ele quase me desequilibrou. Sua mandíbula se fechou em torno do braço livre de meu avatar, mas usei a espada azul-brilhante do falcão guerreiro para golpear seu pescoço.

Talvez o *petsuchos* não pudesse ser morto. Mas eu esperava ao menos poder cortar o colar, que era sua fonte de poder.

Infelizmente, abri demais o golpe e atingi o monstro no ombro, perfurando sua couraça. Em vez de sangue, começou a escorrer areia, o que é bem comum com os monstros egípcios. Adoraria tê-lo visto se desintegrar por completo, mas não tive essa sorte. Assim que puxei a lâmina, a ferida começou a se fechar e apenas alguns poucos grãos de areia continuaram a sair. O crocodilo mexeu a cabeça de um lado para o outro, jogando-me no chão, e começou a me sacudir pelo braço como um cachorro faria com seu brinquedo.

Quando me soltou, fui arremessado e atravessei o telhado da casa mais próxima, deixando uma cratera em forma de falcão guerreiro na sala de estar de alguém. Torci

para que não tivesse esmagado algum mortal indefeso no meio de seu programa de tevê favorito.

Minha visão clareou e vi duas coisas que me irritaram. Primeiro, o crocodilo estava prestes a atacar de novo. Segundo, meu novo amigo Percy estava parado no meio da rua, boquiaberto, olhando para mim. Ao que parecia, ver meu avatar tinha sido um choque tão grande que ele esquecera sua parte no plano.

— Deuses, o que é isso? — indagou ele. — Você está dentro de um homem gigante e que brilha com cabeça de galinha!

— Falcão! — gritei.

Decidi que, se sobrevivesse, jamais permitiria que aquele cara conhecesse Sadie. Eles provavelmente passariam o restante da eternidade se revezando para me insultar.

— Que tal uma ajudinha aqui?

Meu companheiro de combate voltou à realidade e correu em direção ao crocodilo. Quando o monstro veio para cima de mim, chutei seu focinho, o que o fez espirrar e balançar a cabeça por tempo suficiente para eu me soltar dos escombros.

Percy saltou sobre a cauda do crocodilo e correu por suas costas. O monstro começou a se debater com força, e sua couraça jorrava água para todos os lados. De algum modo, Percy manteve o equilíbrio. Ele devia praticar ginástica olímpica ou algo assim.

Enquanto isso, as crianças mortais encontraram munição melhor — pedras, pedaços de metal dos carros destruídos,

até mesmo algumas chaves de roda — e voltaram a atingir o monstro, mas eu não queria que ele desviasse a atenção para elas.

— Ei!

Ataquei a cabeça dele com o *khopesh*. O golpe deveria ter lhe arrancado mandíbula, mas de alguma maneira ele conseguiu abocanhar a lâmina e prendê-la. Acabamos lutando pela espada azul brilhante enquanto ela chiava, transformando os dentes do réptil em areia. Aquilo devia doer, mas o crocodilo não largava e continuava a puxar.

— Percy! — gritei. — Quando você quiser!

Ele avançou no colar. Segurou-o e tentou partir os elos dourados, mas sua espada de bronze sequer os arranhou.

Enquanto isso, o crocodilo estava enlouquecido, tentando tirar a espada de minha mão. A aura do avatar de combate começou a vacilar.

Invocar um avatar é uma ação de curto prazo, como arrancar em uma corrida em velocidade máxima. Não dá para prosseguir por muito tempo, ou você vai sofrer um colapso. E eu já estava suando e sem fôlego. Meu coração batia acelerado. Minha reserva de magia estava quase esgotada.

— Anda logo!

— Não consigo cortar!

— O fecho — sugeri. — Deve ter um.

Assim que disse isso, eu o encontrei. Estava na garganta do monstro, uma cartela dourada envolvendo os hieróglifos que formavam o nome sobek.

— Ali! Na parte de baixo!

Percy desceu pelo colar como se fosse uma rede, mas no mesmo momento o avatar entrou em colapso. Caí no chão, exausto e tonto. O que salvou minha vida foi o crocodilo estar puxando a espada do avatar. Quando ela desapareceu, o monstro caiu para trás e bateu em um carro.

As crianças mortais se dispersaram. Uma delas se escondeu debaixo do carro, que logo desapareceu quando a cauda do crocodilo o arremessou para longe.

Percy chegou à parte de baixo do colar e se segurou com todas as forças. A espada tinha sumido. Ele provavelmente a deixara cair.

O crocodilo se pôs de pé outra vez. A boa notícia: ele não pareceu reparar em Percy. A má notícia: ele *com certeza* reparou em mim, e parecia completamente furioso.

Eu não tinha energia sequer para correr, muito menos para invocar magia para lutar. As crianças armadas com balões de água e pedras tinham mais chance de derrotar o crocodilo do que eu naquele estado.

Sirenes soavam a distância. Alguém chamara a polícia, o que não me deixou exatamente feliz. Isso só queria dizer que outros mortais estavam vindo o mais rápido possível para se oferecer como lanche de crocodilo.

Recuei até o meio-fio e tentei — ridiculamente — dominar o monstro com o olhar.

— Bom garoto... Parado aí...

O crocodilo rosnou. Sua couraça jorrava água, como se fosse a fonte mais grotesca do mundo, e meus sapatos

começaram a chapinhar quando eu andava. Os olhos amarelos ficaram iluminados, talvez de felicidade. Ele sabia que eu estava acabado.

Deslizei a mão para dentro da mochila. Só achei um pedaço de cera. Não havia tempo para fazer um *shabti* decente, mas não tinha uma ideia melhor. Larguei a mochila e comecei a esfregar a cera furiosamente com as mãos, tentando amolecê-la.

— Percy — chamei.

— Não consigo abrir o fecho! — gritou ele. Não tirei os olhos do crocodilo, mas pelo canto da visão percebi que Percy esmurrava a base do colar. — Será que é algum tipo de magia?

Aquela foi a coisa mais inteligente que ele disse a tarde toda (não que ele tivesse dito muitas). O fecho era uma cartela de hieróglifos, e seria preciso um mago para desvendá-la e abrir o colar. Seja lá o que Percy fosse, ele não era um mago.

Eu ainda estava modelando a cera, tentando transformá-la em uma estatueta, quando o crocodilo decidiu parar de saborear o momento e me devorar logo de uma vez. Quando ele avançou em minha direção, joguei o *shabti* feito pela metade e gritei o comando.

O hipopótamo mais deformado do mundo surgiu em pleno ar. Ele bateu direto na narina esquerda do crocodilo e se alojou ali, sacudindo as robustas pernas traseiras.

Não era a minha estratégia mais brilhante, mas ter um hipopótamo enfiado em sua narina deve ter sido distração

suficiente. O crocodilo bramiu e cambaleou, sacudindo a cabeça. Percy caiu e rolou para longe, quase sendo pisoteado pelo monstro, e correu para se juntar a mim no meio-fio.

Olhei horrorizado enquanto a criatura de cera, agora um hipopótamo vivo (ainda que bastante deformado), tentava se libertar da narina do crocodilo ou se alojar ainda mais fundo na cavidade nasal do réptil — eu não sabia qual das duas opções.

O crocodilo deu uma guinada súbita, e Percy me puxou e impediu que eu fosse pisoteado.

Corremos em direção às crianças mortais. Incrivelmente, nenhuma delas estava ferida. O crocodilo continuou a se debater e destruir casas enquanto tentava desobstruir a narina.

— Tudo bem? — perguntou Percy.

Eu ainda estava sem fôlego, mas assenti fracamente com a cabeça.

Uma das crianças me ofereceu a arminha de água. Acenei com a mão, dispensando-a.

— Gente — disse Percy para elas. — Estão ouvindo as sirenes? Vocês precisam correr até o início da rua e impedir a passagem da polícia. Digam a eles que é muito perigoso vir aqui. Detenham os policiais!

Por algum motivo, as crianças obedeceram. Talvez ficassem felizes em ter algo para fazer. Pela maneira como Percy falou, senti que estava acostumado a levantar o moral

de tropas em desvantagem numérica. Ele soava um pouco como Hórus — um líder nato.

— Boa ideia — elogiei depois que as crianças saíram correndo.

Ele assentiu com a cara fechada. O crocodilo ainda estava distraído com o intruso nasal, mas eu não achava que o *shabti* fosse durar muito. Sob tanta pressão, o hipopótamo logo iria derreter e voltar à forma de cera.

—Você tem algumas cartas na manga, Carter — admitiu Percy. — Tem mais algum truque?

— Não — respondi desanimado. — Estou ficando sem nada. Mas, se alcançar aquele fecho, acho que sou capaz de abri-lo.

Percy mediu o *petsuchos* com o olhar. A rua estava ficando alagada com a água que vazava da couraça do crocodilo. As sirenes estavam mais altas. Não tínhamos muito tempo.

— Pelo visto, é a minha vez de distrair o crocodilo — disse ele. — Prepare-se para correr até o colar.

— Você está sem a sua espada — protestei. — Você vai morrer!

Percy deu um sorriso torto.

— Corra até ele assim que começar.

— Assim que começar *o quê?*

O crocodilo espirrou, lançando o hipopótamo de cera pelos ares. O *petsuchos* se voltou para nós, bramindo de raiva, e Percy partiu para cima dele.

No fim das contas, eu nem precisava ter perguntado que distração Percy tinha em mente. Quando começou, ficou bem óbvio.

Ele parou à frente do crocodilo e ergueu os braços. Imaginei que tivesse algum tipo de magia em mente, mas ele não pronunciou nenhum comando. Não tinha cajado nem varinha. Apenas ficou parado olhando para o crocodilo, como se dissesse: *Ei, olhe para mim! Sou delicioso!*

O crocodilo pareceu surpreso por um momento. Se nada desse certo, ao menos morreríamos sabendo que confundimos o monstro várias e várias vezes.

Ele continuava a suar. O líquido nojento já inundava a calçada e estava na altura dos nossos tornozelos. Parte escorria pelos ralos da rua, porém havia mais saindo da pele do réptil.

Então entendi o que estava acontecendo. Quando Percy ergueu os braços, a água começou a girar em sentido anti-horário. Começou perto das patas do crocodilo e rapidamente aumentou, até que o redemoinho se espalhou por todo o final da rua, girando com força suficiente para começar a me puxar.

Quando percebi que era hora de correr, a correnteza já estava forte demais. Eu precisava encontrar outra maneira de alcançar o colar.

Um último truque, pensei.

Temí que o esforço fosse literalmente me consumir. Reuni minhas últimas energias mágicas e me transformei em um falcão, o animal sagrado de Hórus.

Instantaneamente, minha visão se tornou cem vezes mais aguçada. Disparei para o alto, acima dos telhados, e o mundo inteiro pareceu entrar em alta definição. Vi os carros de polícia a apenas algumas quadras, e as crianças paradas no meio da rua acenando para eles. Eu enxergava cada poro e placa pegajosa da couraça do crocodilo, cada hieróglifo no fecho do colar. E vi como o truque de mágica de Percy era impressionante.

O fim da rua fora completamente tomado pelo furacão. Percy estava parado no meio dele, imóvel, e a água agora girava tão rápido que até mesmo o crocodilo gigantesco perdera o equilíbrio. Carros destruídos foram arrastados da calçada; caixas de correio, arrancadas dos gramados e levadas pela água, que aumentava tanto em volume quanto em velocidade, elevando seu nível e transformando toda a vizinhança em uma centrífuga líquida.

Foi a minha vez de ficar pasmo. Alguns momentos antes, eu havia concluído que Percy não era mago. Entretanto, nunca tinha visto um mago capaz de controlar tanta água.

O crocodilo cambaleou e tentou resistir, movendo-se em círculo com a correnteza.

— Quando você quiser — murmurou Percy entredentes.

Sem minha audição de falcão, jamais o teria ouvido em meio à tempestade, mas percebi que estava falando comigo.

Lembrei que tinha um trabalho a fazer. Ninguém, mago ou não, poderia controlar tamanho poder por muito tempo.

Bati as asas e mergulhei em direção ao crocodilo. Quando cheguei ao fecho do colar, voltei à forma humana e o agarrei. Ao meu redor, o furacão rugia. Eu mal conseguia enxergar através do turbilhão e da neblina. A correnteza agora estava tão forte que puxava minhas pernas, ameaçando me arrastar para a enchente.

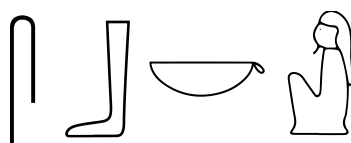
Eu estava *tão* cansado. Não me sentia assim, tão pressionado além dos limites, desde que lutara contra o Lorde do Caos, o próprio Apófis.

Deslizei a mão pelos hieróglifos do fecho. Tinha que haver um segredo para abri-lo.

O crocodilo voltou a bramir e se debater com violência, lutando para continuar de pé. Em algum lugar à minha esquerda, Percy gritou de raiva e frustração, tentando sustentar a tempestade; mas o redemoinho começava a perder força.

Eu tinha no máximo alguns segundos até o crocodilo se libertar e atacar. Então Percy e eu morreríamos.

Senti os quatro símbolos que formavam o nome do deus:



O último símbolo não representava um som, na verdade. Era o hieróglifo para deus, indicando que as três letras anteriores — SBK — formavam o nome de um deus.

Em caso de dúvida, pensei, aperte o botão “deus”.

Empurrei o quarto símbolo, mas nada aconteceu.

A tempestade estava se acalmando. O crocodilo começou a avançar contra a corrente, encarando Percy. Pelo canto do olho, em meio à toda a neblina, eu o vi se apoiar no joelho.

Passei os dedos pelo terceiro hieróglifo, a cesta de vime (Sadie sempre a chamava de “xícara de chá”), que representava o som de *K*. O hieróglifo pareceu levemente quente ao toque — ou era só imaginação?

Não havia tempo para pensar. Eu o empurrei. Nada aconteceu.

A tempestade cessou. O crocodilo bramiu, triunfante, pronto para sua refeição.

Fechei o punho e esmurrei o hieróglifo da cesta com toda a força. Dessa vez, o fecho produziu um *clique* satisfatório e se abriu. Caí no chão, e centenas de quilos de ouro e pedras preciosas se derramaram sobre mim.

O crocodilo vacilou, urrando como a artilharia de um navio de guerra. O que restava do furacão se desfez em uma explosão de vento, e eu fechei os olhos, pronto para ser esmagado pelo corpo do monstro.

De repente, a rua ficou em silêncio. Sem sirenes. Sem gritos de crocodilo. A montanha de joias de ouro desapareceu. Eu estava caído de costas na água suja, encarando o céu azul e vazio.

O rosto de Percy apareceu acima de mim. Ele parecia ter acabado de correr uma maratona no meio de um furacão, mas estava sorrindo.

— Bom trabalho — disse ele. — Pegue o colar.

— O colar?

Meu cérebro ainda estava lento. Aonde tinha ido todo aquele ouro? Sentei-me e tateei a calçada. Meus dedos se fecharam em torno de um colar agora de tamanho normal. Bem... do tamanho *normal* considerando algo que caberia no pescoço de um crocodilo comum.

— O-o monstro? — gaguejei. — Para onde...?

Percy apontou. A poucos metros, parecendo muito contrariado, estava um filhote de crocodilo com menos de um metro de comprimento.

— Você está brincando.

— Talvez seja o bichinho abandonado de alguém. — Percy deu de ombros. — A gente vê isso no noticiário de vez em quando.

Eu não conseguia pensar em uma explicação melhor, mas como um filhote de crocodilo tinha se apoderado de um colar que o transformara em uma máquina mortífera gigante?

Pessoas começaram a gritar no começo da rua.

— Por aqui! São aqueles dois garotos!

Eram as crianças mortais. Ao que parecia, elas haviam concluído que o perigo tinha passado. Agora estavam trazendo os policiais diretamente até nós.

— Precisamos ir. — Percy pegou o bebê crocodilo, envolveu seu pequeno focinho com uma das mãos, e olhou para mim. — Você vem?

Juntos, corremos de volta para o pântano.

Meia hora mais tarde, estávamos sentados em uma lanchonete na rodovia Montauk. Dividi o restante da poção de cura com Percy, que por algum motivo insistia em chamá-la de *néctar*. A maioria de nossos ferimentos tinha cicatrizado.

Amarramos o crocodilo do lado de fora, na floresta, com uma coleira improvisada, até decidirmos o que fazer com ele. Limpamos a sujeira o melhor que pudemos, e ainda parecíamos ter tomado banho em um lava a jato com defeito. O cabelo de Percy estava jogado de lado e cheio de grama presa nele. A camiseta laranja estava rasgada na frente.

Tenho certeza de que minha aparência não era muito melhor. Havia água em meus sapatos, e eu ainda estava tirando penas de falcão das mangas da camisa (transformações às pressas podem fazer a maior bagunça).

Estávamos exaustos demais para conversar enquanto assistíamos ao noticiário na tevê em cima do balcão. Policiais e bombeiros foram atender a uma emergência estranha relacionada à rede de esgoto local. Aparentemente, a pressão nos canos de drenagem havia ficado muito alta, provocando uma grande explosão que causara uma enchente e erodira o solo com tanta gravidade que várias casas no final da rua foram destruídas. Fora um milagre nenhum dos moradores ter se ferido. As crianças da área contaram histórias inacreditáveis sobre o Monstro do Pântano de Long Island, afirmando que ele havia causado os danos durante uma luta contra dois adolescentes, mas é

claro que as autoridades não acreditaram. Entretanto, o repórter reconheceu que parecia que algo bem grande havia caído nas casas destruídas.

— Um acidente estranho com a rede de esgoto — disse Percy. — Essa é nova.

— Só se for para você — resmunguei. — Parece que provoço esses acidentes aonde vou.

— Anime-se. O almoço é por minha conta.

Ele revirou os bolsos do jeans e de lá tirou uma caneta esferográfica. E mais nada.

— Ih... — O sorriso desapareceu. — Na verdade... Você consegue conjurar dinheiro?

Então, é claro, o almoço foi por *minha conta*. Eu *conseguia* fazer dinheiro aparecer do nada, já que guardava um pouco no Duat junto com outros suprimentos de emergência. Por isso, logo depois, havia cheeseburguers e batatas fritas a nossa frente, e as coisas estavam começando a melhorar.

— Cheeseburguers — disse Percy. — O alimento dos deuses.

— Concordo.

Mas, quando olhei para ele, perguntei-me se estava pensando o mesmo que eu: que estávamos nos referindo a deuses *diferentes*.

Percy cheirou seu sanduíche. Sério, aquele cara podia comer um boi.

— Então... o colar — disse ele, entre mordidas. — Qual é a história?

Hesitei. Ainda não fazia ideia de onde Percy vinha ou o que ele era, e não tinha certeza de que queria perguntar. Agora que havíamos lutado juntos, não podia deixar de confiar nele. Ainda assim, sentia que o assunto era perigoso. Tudo o que disséssemos poderia ter sérias consequências não apenas para nós, e sim também para todos que conhecíamos.

A sensação era parecida com a de dois anos antes, quando meu tio Amós contara a verdade sobre as origens da família Kane — a Casa da Vida, os deuses egípcios, o Duat, tudo. Em apenas um dia, meu mundo ficou dez vezes maior e me deixou tonto.

Agora eu estava diante de um momento como aquele. Se meu mundo expandisse dez vezes mais *de novo*, temia que meu cérebro explodisse.

— O colar é encantado — expliquei, por fim. — Qualquer réptil que o use se torna o próximo *petsuchos*, o Filho de Sobek. De alguma maneira foi parar no pescoço daquele filhote de crocodilo.

— Ou seja, alguém o *colocou* no pescoço dele.

Não queria pensar nessa possibilidade, mas assenti de modo relutante.

— Quem, então?

— É difícil saber — respondi. — Tenho muitos inimigos.

Percy deu uma risada irônica.

— Sei como é. Alguma ideia do *porquê*, então?

Dei outra mordida no cheeseburger. Estava gostoso, mas agora tinha ficado difícil me concentrar nele.

— Alguém queria causar problemas — especulei. — Acho que talvez... — Estudei Percy, tentando medir o quanto deveria revelar. — Talvez quisessem causar um problema que atraísse a nossa atenção. A atenção de *nós dois*.

Percy franziu a testa. Ele fez um desenho usando ketchup e batata frita. Não um hieróglifo, mas uma letra que não era latina. Chutei que fosse grega.

— O monstro tinha um nome grego — disse ele. — Estava comendo pégasos em... — Ele hesitou.

— Na sua base — completei. — Algum tipo de acampamento, pela sua camiseta.

Ele se mexeu no banco, desconfortável. Ainda não dava para acreditar que ele falava em pégasos como se fossem reais. Eu me lembrei de uma vez na Casa do Brooklyn, talvez um ano antes, em que tivera certeza de que vira um cavalo alado no céu de Manhattan. Na ocasião, Sadie dissera que eu estava tendo alucinações. Agora não tinha tanta certeza disso.

Finalmente, Percy me encarou.

— Olha, Carter, você não é nem de longe tão irritante quanto pensei. E nós formamos uma boa dupla hoje, mas...

— Você não quer revelar seus segredos. Não se preocupe, não vou perguntar sobre seu acampamento. Ou seus poderes. Nem nada disso.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Não está curioso?

— Estou *extremamente* curioso. Mas, até descobrirmos o que está havendo, acho melhor mantermos certa distância.

Se alguém, ou *alguma coisa*, soltou aquele monstro aqui, sabendo que ia chamar a nossa atenção...

— Então talvez essa pessoa quisesse que nos encontrássemos — completou ele. — Desejando que coisas ruins acontecessem.

Assenti. Lembrei-me da sensação incômoda de antes, a voz em minha cabeça me alertando para não dizer nada a Percy. Tinha passado a respeitá-lo, porém ainda sentia que não devíamos ser amigos. Não era para sequer chegarmos *perto* um do outro.

Muito tempo atrás, quando eu era bem mais novo, vi minha mãe fazer um experimento científico diante de seus alunos da faculdade.

Potássio e água, ela dissera. *Separados, são totalmente inofensivos. Mas juntos...*

Ela derrubou o potássio em uma proveta com água, e CABUM! Os estudantes recuaram assustados quando uma miniexplosão chacoalhou todos os frascos no laboratório.

Percy era a água. Eu era o potássio.

— Agora nos conhecemos — disse ele. — Você sabe que fico aqui em Long Island. E eu sei que você mora no Brooklyn. Se fôssemos procurar um ao outro...

— Eu não acho que seria uma boa ideia. Não até sabermos mais. Preciso fazer algumas pesquisas em, bem, no meu lado. Tentar descobrir quem estava por trás desse incidente com o crocodilo.

— Tudo bem. Vou fazer o mesmo do meu lado.

Ele apontou o colar do *petsuchos*, que cintilava em minha mochila.

— O que vamos fazer com isso?

— Posso mandá-lo para um lugar seguro — prometi. — Não vai causar mais problemas. Nós lidamos com relíquias como essa o tempo todo.

— *Nós*. Quer dizer que... vocês são muitos?

Não respondi.

Percy ergueu as mãos.

— Tudo bem. Não está mais aqui quem perguntou. Tenho uns amigos no Acam... quer dizer... do meu lado que adorariam explorar um colar mágico como esse, mas vou confiar em você. Pode ficar.

Não percebi que estava prendendo a respiração até que a soltei.

— Obrigado. Legal.

— E o crocodilo bebê?

Ri nervosamente.

— Você quer ficar com ele?

— Pelos deuses, não.

— Posso ficar com o crocodilo, dar um lar a ele. — Pensei em nossa piscina da Casa do Brooklyn. Imaginei o que nosso crocodilo gigante e mágico, Filipe da Macedônia, acharia de ter um novo amigo. — É, acho que ele vai se adaptar bem.

Percy pareceu não saber o que pensar disso.

— O.k., bem... — Ele estendeu a mão. — Foi bom trabalhar com você, Carter.

Apertamos as mãos. Nenhuma faísca voou. Não houve trovões. Mas ainda não podia deixar de lado a sensação de que tínhamos aberto uma porta ao nos encontrarmos daquela maneira — uma porta que talvez não conseguíssemos fechar.

— Com você também, Percy.

Ele se levantou para ir.

— Só mais uma coisa. Se esse alguém que promoveu nosso encontro... Se for um inimigo de nós dois... E se *precisarmos* um do outro para lutar contra ele? Como entro em contato?

Considerarei a ideia e tomei uma decisão impulsiva.

— Posso escrever em sua mão?

— Tipo o quê? Seu telefone?

Ele franziu a testa.

— Não exatamente...

Peguei o cálamo e a tinta mágica. Percy estendeu a mão e eu desenhei um hieróglifo em sua palma — o Olho de Hórus. Assim que completei o símbolo, ele brilhou e desapareceu.

— Basta dizer meu nome e eu o ouvirei. Vou saber onde está e irei ao seu encontro. Só vai funcionar uma vez, então não desperdice.

Percy observou a palma vazia.

— Vou confiar que isso não seja algum tipo de rastreador mágico, certo?

— Sim. E eu estou confiando que, quando você me chamar, não vai me atrair para algum tipo de emboscada.

Ele me encarou. Aqueles olhos verdes tempestuosos eram mesmo um pouco assustadores. Então Percy sorriu, e parecia um adolescente normal e despreocupado.

— Justo. Até a próxima, C...

— Não diga meu nome!

— Brincadeira. — Ele apontou para mim e piscou. — Que os deuses o mantenham estranho, meu amigo.

E então foi embora.

Uma hora depois, eu estava de volta ao barco-trenó voador com o filhote de crocodilo e o colar mágico enquanto Freak me levava de volta para a Casa do Brooklyn.

Agora, olhando para trás, toda essa história com o Percy parece tão irreal que mal acredito que realmente aconteceu.

Eu me pergunto como Percy conjurou aquele redemoinho, e o que, diabos, é bronze celestial. Acima de tudo, uma palavra não sai da minha cabeça: *semideus*.

Algo me diz que eu poderia obter algumas respostas se procurasse bastante, mas tenho medo do que posso descobrir.

Por enquanto, acho que vou contar sobre isso apenas para Sadie. No começo ela vai achar que estou brincando. E, é claro, vai implicar comigo, mas ela também saberá quando estou falando a verdade. Por mais que minha irmã seja irritante, confio nela (embora nunca vá dizer isso na cara dela).

Talvez ela tenha alguma ideia sobre o que devemos fazer.

Quem quer que tenha nos reunido, orquestrado que nossos caminhos se cruzassem... Isso parece coisa do Caos. Não posso deixar de pensar que foi um experimento para ver que tipo de confusão nosso encontro provocaria. Potássio e água. Matéria e antimatéria.

Felizmente, acabou tudo bem. O colar do *petsuchos* está guardado em segurança, e nosso novo bebê crocodilo está nadando feliz na piscina.

Da próxima vez... Bem, tenho medo de que talvez não tenhamos tanta sorte.

Em algum lugar por aí tem um garoto chamado Percy com um hieróglifo secreto na mão. E algo me diz que, mais cedo ou mais tarde, vou acordar no meio da noite e ouvir uma palavra sussurrada urgentemente em meus pensamentos:

Carter.

O CAJADO DE SERÁPIS

UMA AVENTURA DE ANNABETH CHASE E SADIE KANE



ANNABETH CHASE

ANNABETH ACHAVA QUE O DIA não podia piorar até o momento em que viu o monstro de duas cabeças.

Ela passou a manhã toda fazendo trabalhos atrasados da escola. (Faltar aulas com frequência para salvar o mundo de monstros e deuses gregos canalhas estava acabando com suas boas notas.) Depois, teve que dispensar um filme com o namorado, Percy, e alguns amigos, para poder concorrer a um estágio de férias de verão em uma empresa de arquitetura. Infelizmente, seu cérebro tinha virado papinha de bebê. Ela estava certa de que fora mal na entrevista.

Finalmente, por volta das quatro da tarde, quando se arrastava pelo parque da Washington Square a caminho da estação de metrô, ela pisou em uma bosta de vaca fresquinha.

Olhou com irritação para o céu.

— Hera!

Os pedestres olharam para ela com expressões esquisitas, mas Annabeth não se importou. Estava cansada das brincadeirinhas da deusa. Já tinha feito *tantas* missões para Hera, mas a rainha do céu continuava a deixar presentes de seu animal sagrado bem onde Annabeth podia

pisar. A deusa devia ter um rebanho de vacas dissimuladas patrulhando Manhattan.

Quando chegou à estação da rua Quatro Oeste, Annabeth já estava mal-humorada e exausta e só queria pegar o trem F até a casa de Percy. Estava tarde para o cinema, mas talvez eles pudessem jantar ou fazer alguma outra coisa.

E, então, ela viu o monstro.

Annabeth já tinha visto muita coisa doida antes, mas aquela fera ia direto para a lista “O que os deuses estavam pensando?”. Parecia um leão e um lobo grudados, colados de bunda em uma concha de caranguejo-ermitão.

A concha em si era uma espiral marrom, como uma casquinha de sorvete, com quase dois metros de comprimento e uma marca irregular no meio, como se tivesse rachado e depois sido colada de volta. Saindo de cima havia as pernas dianteiras e a cabeça de um lobo cinzento, à esquerda, e um leão de juba dourada, à direita.

Os dois animais não pareciam felizes por compartilhar a concha. Eles a arrastaram pela plataforma, ziguezagueando, enquanto um tentava ir para um lado e outro seguia para o lado oposto. Rosnaram um para o outro com irritação. Depois, pararam e farejaram o ar.

Passageiros seguiam direto. A maioria contornava o monstro e o ignorava. Alguns só franziam a testa ou pareciam irritados.

Annabeth já tinha visto a Névoa em ação muitas vezes, mas sempre ficava impressionada com a forma como o véu

mágico era capaz de distorcer a visão mortal, tornando até o mais feroz dos monstros uma coisa explicável: um cachorro vadio ou talvez um sem-teto enrolado em um saco de dormir.

As narinas do monstro se dilataram. Antes que Annabeth pudesse decidir o que fazer, as duas cabeças se viraram e olharam diretamente para ela.

Annabeth buscou sua faca. Então se lembrou de que não tinha uma. No momento, sua arma mais mortal era a mochila, que estava lotada de pesados livros da biblioteca pública sobre arquitetura.

Ela acalmou a respiração. O monstro estava a quase dez metros de distância.

Lutar com um leão-lobo-caranguejo no meio de uma estação de metrô lotada não era sua primeira opção, mas, se fosse necessário, faria isso. Ela era filha de Atena.

Então encarou a fera, deixando claro que estava disposta a brigar.

— Pode vir, Caranguejo — disse ela. — Espero que você tenha alta tolerância à dor.

As cabeças de leão e de lobo mostraram os dentes. O chão tremeu. O ar correu pelo túnel enquanto um trem chegava.

O monstro rosnou para Annabeth. Ela poderia jurar que havia uma expressão de arrependimento nos olhos dele, como se pensando: *Eu adoraria partir você em pedacinhos, mas tenho um compromisso em outro lugar.*

Naquele momento, o bicho se virou e saiu andando, arrastando a enorme concha atrás. Ele desapareceu escada acima, na direção do trem A.

Por um momento, Annabeth ficou perplexa demais para se mexer. Poucas vezes ela tinha visto um monstro deixar um semideus em paz assim. Se houvesse chance, os monstros quase *sempre* atacavam.

Se aquele caranguejo-ermitão de duas cabeças tinha alguma coisa mais importante a fazer do que matá-la, Annabeth queria saber o que era. Não podia deixar o monstro seguir com seus planos nefastos e usar o transporte público sem pagar.

Ela olhou com tristeza para o trem F que a levaria para a casa de Percy, e saiu correndo escada acima, atrás do monstro.

Annabeth pulou no vagão quando as portas estavam se fechando. O trem se afastou da plataforma e mergulhou na escuridão. As luzes piscavam. Os passageiros se balançavam. Todos os assentos estavam tomados. Havia uns doze passageiros de pé, oscilando e segurando em barras e apoios de mão.

Annabeth só conseguiu ver o Caranguejo quando alguém mais adiante dela gritou:

— Cuidado, seu esquisito!

O lobo-leão-caranguejo estava abrindo caminho, rosnando para os mortais, mas os passageiros só agiam

com a irritação comum vista no metrô de Nova York. Talvez eles vissem o monstro como um bêbado qualquer.

Annabeth foi atrás.

Quando Caranguejo abriu as portas para o vagão seguinte e a atravessou, Annabeth reparou que a concha cintilava levemente.

Estava assim antes? Símbolos vermelhos em neon giravam ao redor do monstro: letras gregas, signos astrológicos e pictogramas. *Hieróglifos egípcios*.

Um arrepio se espalhou entre as clavículas de Annabeth. Ela se lembrou de uma coisa que Percy lhe havia contado algumas semanas antes, sobre um encontro que tivera e que parecia tão impossível que ela supôs que ele estivesse brincando.

Mas agora...

Ela abriu caminho entre a multidão para seguir o Caranguejo até o vagão seguinte.

Não havia dúvidas de que a concha da criatura estava brilhando mais intensamente naquele momento. Quando Annabeth se aproximou, começou a se sentir enjoada. Teve uma sensação quente dentro de si, como se houvesse um anzol preso no umbigo, puxando-a para a direção do monstro.

Annabeth tentou se acalmar. Tinha dedicado a vida a estudar os espíritos da Grécia Antiga, os animais e os *daímones*. O conhecimento era sua maior arma. Mas essa coisa meio caranguejo de duas cabeças... Annabeth não

tinha padrão de referência. Sua bússola interna estava girando sem chegar a lugar algum.

Ela desejou estar com mais gente. Estava com o celular, mas, mesmo se conseguisse sinal lá embaixo, para quem ligaria? A maioria dos semideuses não andava com celular. O sinal atraía monstros. Percy estava do outro lado da cidade. Quase todos os seus amigos estavam no Acampamento Meio-Sangue, na parte norte de Long Island.

O Caranguejo seguiu abrindo caminho para a parte da frente do trem.

Quando Annabeth o alcançou no vagão seguinte, a aura do monstro estava tão forte que até os mortais começaram a reparar. Muitos estavam com ânsia de vômito e encolhidos nas cadeiras, como se alguém tivesse aberto um armário cheio de refeições estragadas. Outros caíram desmaiados no chão.

Annabeth estava tão nauseada que sentiu vontade de recuar, mas a sensação de ser puxada por um anzol continuava em seu umbigo, levando-a na direção do monstro.

O trem entrou aos solavancos na estação da rua Fulton. Assim que as portas se abriram, todos os passageiros ainda conscientes saíram cambaleando. A cabeça de lobo do Caranguejo se esticou para uma senhora e, com os dentes, agarrou sua bolsa quando ela tentou fugir.

— Ei! — gritou Annabeth.

O monstro soltou a mulher.

Os dois pares de olhos grudaram em Annabeth, como se pensando: *Quer morrer?*

Em seguida, ele jogou as cabeças para trás e rugiu em harmonia. O som atingiu Annabeth como um furador de gelo entre os olhos. As janelas do vagão racharam. Mortais que haviam desmaiado voltaram à consciência num susto. Alguns conseguiram sair rastejando pelas portas. Outros pularam pelas janelas quebradas.

Com a visão embaçada, Annabeth viu o monstro agachado, apoiado nas patas da frente, diferentes entre si, pronto para pular.

O tempo ficou mais devagar. Ela percebeu vagamente as portas com vidros quebrados se fechando, o trem então vazio saindo da estação. Seria possível que o condutor não tivesse percebido o que estava acontecendo? Seria possível que o trem estivesse seguindo no piloto automático?

Agora a apenas três metros dele, Annabeth reparou em outros detalhes do monstro. A aura vermelha parecia brilhar mais na marca da concha. Letras gregas e hieróglifos egípcios cintilantes jorravam como gás vulcânico de uma fissura no fundo do mar. A pata dianteira esquerda do leão estava raspada no pulso e tinha tatuada uma série de listras pretas pequenas. Dentro da orelha esquerda do lobo havia uma etiqueta de preço que marcava u\$99,99.

Annabeth segurou a alça da mochila. Estava prestes a jogá-la no monstro, mas não seria uma boa arma. Por isso, ela usou sua tática de sempre ao encarar um inimigo mais forte: começou a falar.

— Você é feito de duas partes diferentes — disse ela. — Parecem... pedaços de uma estátua que ganhou vida. Vocês foram fundidos um com o outro?

Era pura conjectura, mas o rugido do leão fez Annabeth achar que tinha acertado na mosca. O lobo mordiscou a bochecha do leão como se mandando-o calar a boca.

— Vocês não estão acostumados a trabalhar juntos — sugeriu Annabeth. — Sr. Leão, o senhor tem um número de identificação na pata. Era um artefato de museu. Talvez do Met?

O leão rugiu tão alto que os joelhos de Annabeth tremeram.

— Acho que isso é um sim. E senhor, sr. Lobo... essa etiqueta na orelha... o senhor estava à venda em alguma loja de antiguidades?

O lobo rosnou e deu um passo na direção dela.

Enquanto isso, o trem continuou seguindo para o rio East. O vento frio entrava pelas janelas quebradas e fez Annabeth bater os dentes.

Todos os instintos a mandavam correr, mas suas juntas pareciam estar se dissolvendo. A aura do monstro foi ficando mais intensa e enchendo o ar com símbolos enevoados e luz sangrenta.

— Você... você está ficando mais forte — reparou Annabeth. — Está indo a algum lugar, não é? E quanto mais perto chega...

As cabeças do monstro rosnaram de novo em harmonia. Uma onda de energia vermelha se espalhou pelo vagão.

Annabeth precisou lutar para ficar consciente.

Caranguejo chegou mais perto. A concha se expandiu, com a fissura no centro ardendo como ferro derretido.

— Calma — gemeu Annabeth. — Eu... entendi agora. Você ainda não terminou. Está procurando por uma outra parte. Uma terceira cabeça?

O monstro parou. Os olhos brilharam com atenção, como se dizendo: *Você andou lendo meu diário?*

A coragem de Annabeth aumentou. Ela estava finalmente entendendo o inimigo. Já tinha enfrentado muitas criaturas de três cabeças antes. Quando se tratava de seres míticos, *três* era uma espécie de número mágico. Fazia sentido esse monstro ter outra cabeça.

Caranguejo era algum tipo de estátua dividida em pedaços. Só que alguma coisa o tinha despertado. Ele estava tentando se regenerar.

Annabeth concluiu que não podia deixar aquilo acontecer. Os hieróglifos e letras gregas vermelhas e brilhantes flutuavam ao redor dele como um pavio em chamas, irradiando uma magia que parecia fundamentalmente *errada*, como se dissolvesse devagar a estrutura celular de Annabeth.

— Você não é exatamente um monstro grego, é? — arriscou ela. — É do Egito?

Caranguejo não gostou desse comentário. Ele mostrou os dentes e se preparou para atacar.

— Opa, rapaz — disse ela. — Você ainda não está com força total, está? Se me atacar agora, vai perder. Afinal,

vocês dois não confiam um no outro.

O leão inclinou a cabeça e rugiu.

Annabeth fingiu uma expressão de choque.

— Sr. Leão! Como pode dizer isso sobre o sr. Lobo?

O leão piscou, sem entender.

O lobo olhou para o leão e rosnou com desconfiança.

— Sr. Lobo! — Annabeth ofegou. — O senhor não devia usar esse tipo de linguajar para falar de seu amigo!

As duas cabeças se viraram uma para a outra, mordendo e uivando. O monstro oscilou quando as patas dianteiras seguiram em direções opostas.

Annabeth sabia que só conseguira ganhar alguns segundos. Ela vasculhou a mente, tentando descobrir o que aquela criatura era e como poderia derrotá-la, mas aquilo era diferente de tudo o que ela conseguia se lembrar das aulas no Acampamento Meio-Sangue.

Ela considerou ir para trás do monstro, para talvez tentar quebrar a concha, mas, antes de poder fazer isso, o trem diminuiu a velocidade. Eles pararam na estação da rua High, a primeira parada do Brooklyn.

A plataforma estava estranhamente vazia, mas um brilho de luz ao lado da escada de saída chamou a atenção de Annabeth. Uma jovem loura de roupas brancas brandia um cajado de madeira para tentar bater em um animal estranho que corria ao redor das pernas dela, latindo com raiva. Dos ombros para cima, a criatura parecia um labrador preto, mas o fim das costas era só uma ponta estreita, como a cauda calcificada de um girino.

Annabeth teve tempo de pensar: *A terceira parte.*

E então a garota loura bateu no focinho do cachorro. O cajado emitiu luz dourada, e o cachorro se lançou para trás, direto por uma janela quebrada na extremidade do vagão de Annabeth.

A garota loura foi atrás. Pulou, passando pelas portas que se fechavam na hora em que o trem ia sair da estação.

Por um momento, todos ficaram ali, duas garotas e dois monstros.

Annabeth examinou a garota na outra ponta do vagão e tentou avaliar o nível de ameaça.

A recém-chegada usava uma calça de linho branco e blusa combinando, como um uniforme de caratê. Os coturnos com bicos de aço pareciam capazes de provocar grande dano em uma luta. Carregava uma mochila azul de náilon pendurada no ombro esquerdo com uma vara curva de marfim — um bumerangue? — pendurada na alça. Mas a arma mais intimidante da garota era o cajado de madeira branca, com mais ou menos um metro e meio e com a cabeça de uma águia entalhada. Ele cintilava, como bronze celestial.

Annabeth olhou nos olhos da garota e foi tomada por uma sensação de déjà-vu.

A Garota Caratê não devia ter mais de treze anos. Os olhos eram azuis brilhantes, como dos filhos de Zeus. Os cabelos louros compridos tinham mechas roxas. Ela se parecia muito com uma filha de Atena — pronta para o combate, rápida, alerta e destemida. Annabeth sentiu como

se estivesse vendo a si mesma de quatro anos antes, por volta da época em que conheceu Percy Jackson.

Mas a Garota Caratê falou e afastou essa fantasia.

— Certo. — Ela soprou uma mecha roxa do rosto. — Como se meu dia já não estivesse esquisito o suficiente.

Britânica, pensou Annabeth. Mas não teve tempo para refletir sobre isso.

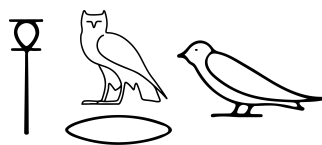
O cachorro-girino e o Caranguejo tinham ficado no centro do vagão, a uns cinco metros de distância, olhando um para o outro com surpresa. Mas, no momento, eles já haviam superado o choque. O cachorro uivou, um grito triunfante de *Encontrei você!* E o leão-lobo-caranguejo correu para se encontrar com o outro monstro.

— Detenha-os! — gritou Annabeth.

Ela pulou nas costas de Caranguejo, e as patas da frente desabaram pelo peso adicional.

A outra garota gritou alguma coisa que pareceu “*Mar!*”

Uma série de hieróglifos dourados brilhou no ar:



A criatura canina cambaleou para trás, engasgando como se tivesse engolido uma bola de bilhar.

Annabeth lutou para segurar Caranguejo, mas a fera tinha o dobro de seu peso. O monstro se ergueu nas patas dianteiras para tentar jogá-la longe. As duas cabeças se viraram para morder o rosto dela.

Felizmente, ela já havia colocado rédeas em muitos pégasos selvagens no Acampamento Meio-Sangue. Annabeth conseguiu manter o equilíbrio enquanto tirava a mochila. Bateu com dez quilos de livros de arquitetura na cabeça do leão e passou a alça pela boca do lobo, puxando-a com força.

Enquanto isso, o trem emergiu para a luz do sol. Eles sacudiram pelos trilhos elevados do Queens, com ar fresco entrando pelas janelas quebradas e caquinhos de vidro dançando nos assentos.

Com o canto do olho, Annabeth viu o cachorro se recuperar do acesso de engasgo. Ele pulou na Garota Caratê, que lançou o bumerangue de marfim e acertou o monstro com outro raio dourado.

Annabeth desejou ser capaz de gerar raios dourados. Tudo que tinha era uma mochila idiota. Ela fez o melhor para dominar o Caranguejo, mas o monstro parecia ficar mais forte a cada segundo enquanto a aura vermelha da coisa enfraquecia Annabeth. Sua cabeça parecia cheia de algodão. O estômago deu um nó.

Ela perdeu a noção do tempo enquanto lutava com a criatura. Só sabia que não podia deixar aquilo se acoplar à coisa com cabeça de cachorro. Se o monstro virasse um sei lá o quê de três cabeças, talvez fosse impossível detê-lo.

O cachorro atacou a Garota Caratê de novo. Dessa vez, derrubou-a. Annabeth, distraída, não conseguiu se segurar no monstro caranguejo, e ele a jogou longe. Ela bateu com a cabeça na beirada de uma cadeira.

Suas orelhas estalaram quando a criatura rugiu em triunfo. Uma onda de energia quente e vermelha se espalhou pelo vagão. O trem tombou para o lado, e Annabeth voou como se não existisse força da gravidade.

— Vamos levantar — disse uma voz de garota. — Temos que sair daqui.

Annabeth abriu os olhos. O mundo girava. Sirenes de emergência berravam ao longe.

Ela estava deitada de costas sobre uma grama espinhosa, a garota loura do trem inclinada sobre ela, puxando seu braço.

Annabeth conseguiu se sentar. Sentia como se alguém tivesse martelado pregos quentes em sua caixa torácica. Quando sua visão clareou, ela se deu conta de que tinha sorte de estar viva. A aproximadamente cinquenta metros de distância, o trem do metrô tinha saído dos trilhos. Os vagões estavam caídos de lado em um zigue-zague de ruína quebrada e fumegante que fez Annabeth se lembrar da carcaça de um *drakon* (infelizmente, ela tinha visto várias).

Ela não viu mortais feridos. Com sorte, todos tinham saído do trem na estação da rua Fulton. Mesmo assim... que desastre.

Annabeth reconheceu onde estava: na praia Rockaway. Algumas dezenas de metros à esquerda, terrenos vazios e cercas de arame amassadas levavam a uma praia de areia amarela cheia de piche e lixo. O mar se agitava sob um céu nublado. À direita de Annabeth, depois dos trilhos do trem,

havia uma sequência de prédios residenciais tão malcuidados que podiam ser prédios inventados feitos de embalagens velhas de geladeira.

— Alôôô!! — A Garota Caratê sacudiu o ombro dela. — Sei que você deve estar em estado de choque, mas temos que ir. Não quero ser interrogada pela polícia carregando essa coisa.

A garota se afastou para a esquerda. Atrás dela, no asfalto rachado, o monstro labrador preto pulava como um peixe fora d'água, com o focinho e as patas presos com uma corda dourada cintilante.

Annabeth olhou para a garota mais nova. Ao redor do pescoço dela brilhava uma corrente com um amuleto prateado, um símbolo que era uma mistura de *ankh* egípcio com um biscoitinho com forma de menino.



Ao lado dela estavam o cajado e o bumerangue de marfim, ambos entalhados com hieróglifos e imagens de monstros estranhos e *nada* gregos.

— Quem é você? — perguntou Annabeth.

Um sorriso surgiu no canto da boca da garota.

— Normalmente, não digo meu nome para estranhos. Vulnerabilidade mágica, essas coisas. Mas tenho que respeitar uma pessoa que luta contra um monstro de duas

cabeças com apenas uma mochila. — Ela estendeu a mão.
— Sadie Kane.

— Annabeth Chase.

Elas se cumprimentaram.

— É um prazer conhecer você, Annabeth — disse Sadie.

— Agora vamos levar nosso cachorro para passear, certo?

Elas saíram bem na hora.

Em poucos minutos, veículos de socorro cercaram os restos do trem e um grupo de espectadores vindos dos prédios próximos se reuniu.

Annabeth estava mais enjoada do que nunca. Pontos vermelhos dançavam diante de seus olhos, mas ainda assim ela ajudou Sadie a arrastar a criatura canina de costas pelo rabo para as dunas de areia. Sadie pareceu ter prazer em puxar o monstro por cima de todas as pedras e garrafas quebradas que encontrava.

A fera rosnava e se contorcia. A aura vermelha brilhava mais intensamente, enquanto a corda dourada parecia se apagar.

Normalmente, Annabeth gostava de andar na praia. O oceano lembrava Percy. Mas naquele dia estava com fome e exausta. A mochila ia ficando mais pesada a cada momento, e a magia da criatura canina provocava-lhe ânsia de vômito.

Além disso, a praia Rockaway era um lugar depressivo. Um furacão gigantesco tinha passado ali mais de um ano antes, e os danos ainda eram visíveis. Alguns dos prédios residenciais ao longe foram reduzidos a blocos, com as

janelas tapadas por madeira e paredes de concreto pichadas. Madeira podre, pedaços de asfalto e metal retorcido sujavam a praia. As colunas de um píer destruído se projetavam da água. O próprio mar atormentava a costa com ressentimento, como se dizendo: *Não me ignore. Posso sempre voltar e terminar o serviço.*

Finalmente, eles chegaram a uma van de venda de sorvete abandonada meio afundada nas dunas. Pintadas na lateral, imagens apagadas de outrora guloseimas saborosas fizeram o estômago de Annabeth roncar em protesto.

— Tenho que parar — murmurou ela.

Ela largou o monstro canino e cambaleou até a van, depois deslizou com as costas na porta do passageiro.

Sadie se sentou de pernas cruzadas de frente para ela. Remexeu em sua mochila e pegou um frasco de cerâmica fechado por uma rolha.

— Aqui. — Ela entregou para Annabeth. — É delicioso. Beba.

Annabeth observou o frasco com cautela. Estava pesado e quente, como se cheio de café.

— Hum... isso não vai soltar nenhum raio dourado, e *cabrum!*, na minha cara?

Sadie riu com deboche.

— É só uma poção curativa, boba. Uma amiga minha, Jaz, prepara a melhor do mundo.

Annabeth ainda estava hesitante. Já tinha experimentado poções antes, preparadas pelos filhos de Hécate. Normalmente, tinham gosto de sopa de água suja, mas pelo

menos eram feitas para funcionar em semideuses. O que havia naquele frasco definitivamente não era.

— Não sei se devo experimentar — disse ela. — Eu... não sou como você.

— *Ninguém* é como eu — concordou Sadie. — Sou maravilhosa de uma forma única. Mas, se você quer dizer que não é mágica, bem, dá para ver isso. Normalmente, nós lutamos com cajados e varinhas. — Ela bateu na vara branca entalhada e no bumerangue de marfim a seu lado. — Mesmo assim, acho que minhas poções devem funcionar em você. Você lutou com um monstro. Sobreviveu àquele acidente de trem. *Não pode* ser normal.

Annabeth riu fracamente. Achou a prepotência da garota de certo modo revigorante.

— Não, definitivamente não sou normal. Sou uma semideusa.

— Ah. — Sadie bateu com os dedos na varinha curva. — Desculpe, isso é novidade para mim. Uma *sem deusa*?

— Semideusa — corrigiu Annabeth. — Meio deusa, meio mortal.

— Ah, certo. — Sadie respirou aliviada. — Já hospedei Ísis em minha cabeça várias vezes. Quem é *seu* amigo especial?

— Meu... não. Eu não *hospedo* ninguém. Minha mãe é uma deusa grega, Atena.

— Sua mãe.

— É.

— Uma deusa. Uma deusa *grega*.

— É. — Annabeth reparou que a nova amiga estava pálida. — Acho que não deve ter esse tipo de coisa, hã, no lugar de onde você é.

— No Brooklyn? — refletiu Sadie. — Não. Acho que não. Nem em Londres. Nem em Los Angeles. Não me lembro de ter conhecido *semideuses* gregos em nenhum desses lugares. Mesmo assim, quando alguém já enfrentou babuínos mágicos, deusas gatas e anões de sunga, não se surpreende com facilidade.

Annabeth não tinha certeza se tinha ouvido direito.

— Anões de sunga?

— Aham. — Sadie olhou para o monstro canino, ainda se contorcendo com as amarras douradas. — Mas o problema é o seguinte. Alguns meses atrás, minha mãe me avisou. Ela me disse para tomar cuidado com outros deuses e outros tipos de magia.

O frasco nas mãos de Annabeth pareceu ficar mais quente.

— Outros deuses. Você mencionou Ísis. Ela é a deusa egípcia da magia. Mas... não é a sua mãe?

— Não — disse Sadie. — Quer dizer, sim. Ísis é a deusa egípcia da magia. Mas não é minha mãe. Minha mãe é um fantasma. Bem... ela era maga na Casa da Vida, como eu, mas morreu, então...

— Só um segundo.

A cabeça de Annabeth estava latejando tanto que ela achou que nada poderia deixá-la pior. Ela abriu o frasco e bebeu a poção toda.

Estava esperando sopa de água suja, mas o gosto na verdade era de suco morno de maçã. Sua visão clareou imediatamente. O estômago acalmou.

— Uau — disse ela.

— Eu falei. — Sadie deu um sorrisinho arrogante. — Jaz é uma tremenda farmacêutica.

— Você estava dizendo... Casa da Vida. Magia egípcia. Você é como o garoto que meu namorado conheceu.

O sorriso de Sadie desmoronou.

— Seu namorado... conheceu uma pessoa como eu? Outro mago?

A poucos metros de distância, a criatura canina rosnou e se debateu. Sadie não pareceu preocupada, mas Annabeth estava de olho em como estava ficando fraco o brilho da corda mágica.

— Foi algumas semanas atrás — contou Annabeth. — Percy me contou uma história maluca sobre ter conhecido um garoto perto da baía Moriches. Aparentemente, o garoto usava hieróglifos para fazer feitiços. Ele ajudou Percy a lutar contra um grande monstro crocodilo.

— O filho de Sobek! — soltou Sadie. — Mas meu *irmão* lutou contra esse monstro. Ele não disse nada sobre...

— Seu irmão se chama Carter? — perguntou Annabeth.

Uma aura dourada furiosa brilhou ao redor da cabeça de Sadie, um halo de hieróglifos que pareciam carrancas, punhos e bonecos de palito mortos.

— A partir desse momento — rosnou Sadie —, o nome do meu irmão é Saco de Pancadas. Parece que ele não anda

me contando tudo.

— Ah. — Annabeth teve que lutar contra a vontade de chegar para o lado e afastar-se da nova amiga. Tinha medo de que aqueles hieróglifos furiosos e cintilantes explodissem. — Que chato. Foi mal.

— Não — disse Sadie. — Eu vou gostar de dar na cara do meu irmão. Mas, primeiro, me conte tudo: sobre você, os semideuses, os gregos e qualquer outra coisa que possa ter a ver com esse nosso amigo canino do mal.

Annabeth contou o que podia.

Normalmente, não saía confiando em quem aparecia, mas tinha muita experiência interpretando pessoas. Ela gostou de Sadie imediatamente: os coturnos, as mechas roxas, a forma de agir... Pela experiência de Annabeth, pessoas não confiáveis não eram tão abertas sobre querer dar na cara de alguém. Com certeza não ajudavam uma estranha inconsciente e não davam poção curativa.

Annabeth descreveu o Acampamento Meio-Sangue. Contou algumas das aventuras em que lutou contra deuses, gigantes e Titãs. Explicou como viu o caranguejo-leão-lobo de duas cabeças na estação da rua Quatro Oeste e decidiu ir atrás dele.

— E aqui estou — encerrou Annabeth.

A boca de Sadie tremeu. Parecia que ela ia começar a gritar ou chorar. Em vez disso, teve um acesso de risadinhas.

Annabeth franziu a testa.

— Eu falei alguma coisa engraçada?

— Não, não... — Sadie riu. — Bem... é um *pouco* engraçado. Quero dizer, estamos sentadas em uma praia falando sobre deuses gregos. E um acampamento para semideuses e...

— É tudo verdade!

— Ah, eu acredito em você. É ridículo demais para *não* ser verdade. É só que cada vez que meu mundo fica mais estranho, eu penso: *Certo. Chegamos ao máximo da esquisitice agora. Pelo menos sei até onde as coisas estranhas podem ir.* Primeiro, descubro que eu e meu irmão somos descendentes dos faraós e temos poderes mágicos. Tudo bem. Sem problema. Depois, descubro que meu pai, que já estava morto, fundiu a alma com Osíris e se tornou senhor dos mortos. Brilhante! Por que não? E, então, meu tio assume a Casa da Vida e supervisiona centenas de magos por todo o mundo. Em seguida, meu namorado acaba se revelando um híbrido de garoto mago/deus imortal dos funerais. E o tempo todo, estou pensando: *Claro! Fique calma e siga em frente! Eu me ajustei!* Aí você aparece em uma quinta-feira qualquer, la-ri-rá, e diz: *Ah, a propósito, os deuses egípcios são só uma pequena parte do absurdo cósmico. Também temos os gregos com quem nos preocupar. Viva!*

Annabeth não conseguiu acompanhar tudo o que Sadie disse (um namorado deus funerário?), mas tinha que admitir que rir de tudo aquilo era mais saudável do que se encolher e chorar.

— Tudo bem — admitiu ela. — Tudo parece meio louco, mas acho que faz sentido. Meu professor Quíron... há anos ele vem dizendo para mim que os deuses antigos são imortais por serem parte do tecido da civilização. Se os deuses gregos podem existir por todos esses milênios, por que não poderiam os egípcios?

— Quanto mais, melhor — concordou Sadie. — Mas, hum, e esse cachorrinho? — Ela pegou uma conchinha e jogou na cabeça do monstro labrador, que rosnou de irritação. — Em um minuto, ele está sentado na mesa de nossa biblioteca, um artefato inofensivo, um fragmento de pedra de alguma estátua, é o que achamos. No minuto seguinte, ganha vida e sai correndo da Casa do Brooklyn. Destrói nossas barreiras mágicas, passa pelos pinguins de Felix e se livra dos meus feitiços como se não fossem nada.

— Pinguins? — Annabeth balançou a cabeça. — Não. Esqueça que perguntei.

Ela observou a criatura canina que lutava contra as amarras. Letras gregas e hieróglifos vermelhos giravam ao redor dele como se tentando formar novos símbolos, uma mensagem que Annabeth quase conseguia ler.

— Essas cordas vão aguentar? — perguntou ela. — Parecem frágeis.

— Não esquentar — garantiu Sadie. — Essas cordas já prenderam deuses. E não eram deuses pequenos. Eram dos bem grandes.

— Hã, tá. Então você disse que o cachorro era parte de uma estátua. Alguma ideia de *qual* estátua?

— Nenhuma. — Sadie deu de ombros. — Cleo, nossa bibliotecária, estava pesquisando isso quando o Fido aqui acordou.

— Mas tem que ter alguma ligação com o outro monstro, com cabeças de lobo e de leão. Tive a impressão de que elas também haviam acabado de ganhar vida. Elas se fundiram e não estavam acostumadas a trabalhar em equipe. Entraram no trem em busca de alguma coisa, provavelmente esse cachorro.

Sadie mexeu no pingente prateado.

— Um monstro com três cabeças: de leão, de lobo e de cachorro. Todas saindo de... o que era aquela coisa com forma de cone? Uma concha? Uma tocha?

A cabeça de Annabeth começou a girar de novo. *Uma tocha.*

Ela teve um vislumbre de uma lembrança distante, talvez uma imagem que vira em um livro. Não tinha pensado que o cone do monstro podia ser algo que dava para segurar, alguma coisa que coubesse em uma mão enorme. Mas não exatamente uma tocha...

— É um cetro — percebeu Annabeth. — Não lembro qual deus o segurava, mas o cajado de três cabeças era seu símbolo. Ele era... grego, eu acho, mas também era de algum lugar no Egito...

— Alexandria — sugeriu Sadie.

Annabeth ficou olhando para ela.

— Como você sabe?

— Bem, é verdade que não sou maluca por história como meu irmão, mas *estive* em Alexandria. Eu me lembro de ter sido a capital onde os gregos governaram o Egito. Alexandre, o Grande, não era?

Annabeth assentiu.

— Isso mesmo. Alexandre conquistou o Egito e, depois que morreu, seu general, Ptolomeu, assumiu. Ele queria que os egípcios o aceitassem como faraó, então misturou os deuses egípcios e gregos e inventou deuses novos.

— Parece confuso — disse Sadie. — Prefiro meus deuses não misturados.

— Mas tinha um deus em particular... Não consigo lembrar seu nome. A criatura de três cabeças ficava no topo do cetro dele...

— Bem grande esse cetro — observou Sadie. — Não quero conhecer o sujeito que o carrega por aí.

— Ah, deuses. — Annabeth se empertigou. — É isso! O cajado não está apenas tentando se remontar. Está tentando encontrar seu dono.

Sadie fez expressão de escárnio.

— Não gosto nada disso. Precisamos garantir...

O monstro canino uivou. A corda mágica explodiu como uma granada e cobriu a praia de estilhaços dourados.

A explosão fez Sadie sair rolando pelas dunas como uma bola de feno.

Annabeth foi jogada contra a van de sorvete. Seus membros viraram chumbo. Todo o ar foi arrancado dos

pulmões.

Se a criatura canina quisesse matá-la, teria conseguido isso facilmente.

Mas ele correu para longe do mar e desapareceu em meio às plantas.

Annabeth, por instinto, procurou uma arma. Pegou com força a varinha curva de Sadie. A dor a fez ofegar. O marfim queimava como gelo seco. Ela tentou soltar, mas a mão não obedeceu. Ela então viu a varinha soltar fumaça e mudar de forma, até a queimadura diminuir e uma adaga de bronze celestial aparecer, igual à que carregava havia anos.

Ela ficou olhando para a lâmina. Depois ouviu gemidos vindos das dunas ali perto.

— Sadie!

Annabeth lutou para ficar de pé.

Quando chegou à maga, Sadie estava sentada cuspiendo areia. Tinha algas no cabelo, e a mochila estava enrolada em um dos coturnos, mas ela parecia mais furiosa do que ferida.

— Fido idiota! — rosnou ela. — Nada de biscoitos para ele! — Ela franziu a testa para a faca de Annabeth. — Onde você conseguiu isso?

— Hã... é sua varinha — disse Annabeth. — Eu a peguei e... sei lá. Ela mudou de forma para a adaga que costumo usar.

— Ah. Bem, itens mágicos têm vontade própria. Fique com ela. Tenho mais em casa. Agora, para que lado Fido foi?

— Para lá.

Annabeth apontou com a lâmina nova.

Sadie olhou na direção e arregalou os olhos.

— Ah... certo. Na direção da tempestade. Isso é novidade.

Annabeth seguiu o olhar dela. Depois dos trilhos do metrô, não via nada além de um prédio residencial abandonado, cercado e esquecido, sob um céu do fim de tarde.

— Que tempestade?

— Você não está vendo? — perguntou Sadie. — Espere.

Ela soltou a mochila do coturno e remexeu no que carregava. Tirou outro frasco de cerâmica, esse mais largo e achatado, como um pote de creme para o rosto. Destampou e pegou um pouco de gosma rosa.

— Me deixe passar um pouco disso nas suas pálpebras.

— Uau, isso merece levar um *não* automático.

— Não seja fresca. É totalmente inofensivo... bem, para magos. Provavelmente para semideuses também.

Annabeth não ficou tranquilizada, mas fechou os olhos. Sadie espalhou a gosma, que formigou e esquentou como uma pomada de mentol.

— Pronto — disse Sadie. — Pode olhar agora.

Annabeth abriu os olhos e levou um susto.

O mundo estava banhado de cores. O chão tinha ficado transparente, com camadas gelatinosas que levavam à escuridão abaixo. O ar estava coberto de véus cintilantes, todos vibrantes, mas ligeiramente sem sincronia, como se múltiplos vídeos de alta definição tivessem sido

sobrepostos. Hieróglifos e letras gregas giravam ao redor dela, se fundindo e explodindo ao colidir. Annabeth sentiu como se estivesse vendo o mundo em nível atômico. Tudo que era invisível foi revelado, pintado com luz mágica.

— Você... vê assim o tempo todo?

Sadie riu com escárnio.

— Pelos deuses do Egito, não! Eu ficaria maluca. Tenho que me concentrar para ver o Duat. É isso que você está fazendo, espiando o lado mágico do mundo.

— Eu... — Annabeth hesitou.

Annabeth costumava ser uma pessoa confiante. Sempre que lidava com mortais comuns, tinha a arrogante certeza de que detinha conhecimentos secretos. Ela entendia o mundo de deuses e monstros. Os mortais não faziam ideia. Mesmo com os outros semideuses, Annabeth era quase sempre a veterana mais experiente. Ela havia feito mais do que a maioria dos heróis sonhava, e havia sobrevivido a tudo.

Agora, olhando para aquelas cortinas de cores em movimento, Annabeth sentiu como se voltasse aos seis anos, aprendendo como o mundo era terrível e perigoso.

Ela se sentou com força na areia.

— Não sei o que pensar.

— Não pense — aconselhou Sadie. — Respire. Seus olhos vão se habituar. É meio como nadar. Se você deixar o corpo assumir, vai saber o que fazer instintivamente. Se entrar em pânico, vai se afogar.

Annabeth tentou relaxar.

Assim, começou a discernir padrões no ar: correntes fluindo entre camadas da realidade, trilhas de vapor de magia emanando de carros e prédios. O local do acidente de trem brilhava em um tom verde. Sadie tinha uma aura dourada com plumas enevoadas se espalhando atrás de si como asas.

No local onde o monstro canino estava deitado antes de fugir, o chão fumegava como carvões quentes. Filetes carmesim fluíam dali, seguindo na direção em que o monstro fugiu.

Annabeth se concentrou no prédio abandonado ao longe, e seus batimentos cardíacos dobraram. A torre emitia de seu interior um tom vermelho, a luz escapava pelas janelas cobertas de tábuas, irradiando pelas rachaduras nas paredes arruinadas. Nuvens pretas giravam acima, e mais filetes de energia vermelha fluíam na direção do prédio vindos de toda a paisagem, como se atraídos para um vórtice.

A cena fez Annabeth se lembrar de Caríbdis, o monstro que suga água e gera redemoinhos que ela encontrou no Mar de Monstros. Não era uma lembrança feliz.

— Aquele prédio — disse ela. — Está atraindo luz vermelha de todos os lados.

— Exatamente — confirmou Sadie. — Na magia egípcia, vermelho é ruim. Representa o mal e o caos.

— Então é para lá que o monstro canino está indo — supôs Annabeth. — Para se fundir com a outra peça do cetro...

— E para encontrar seu dono, eu arriscaria.

Annabeth sabia que devia se levantar. Elas tinham que correr. Mas, ao olhar para as camadas rodopiantes de magia, teve medo de se mexer.

A vida toda ela ouviu sobre a Névoa, o limite mágico que separava o mundo mortal do mundo dos monstros e deuses gregos. Mas nunca tinha pensado na Névoa como uma cortina de verdade.

Como Sadie tinha chamado... o *Duat*?

Annabeth se perguntou se a Névoa e o Duat tinham relação entre si, ou se eram talvez até a mesma coisa. O número de véus que ela conseguia ver era opressor, como uma tapeçaria que ia se dobrando cem vezes.

Ela não acreditava que pudesse ficar de pé. *Se entrar em pânico, vai se afogar.*

Sadie ofereceu a mão. Seus olhos estavam cheios de solidariedade.

— Olhe, eu sei que é muito, mas nada mudou. Você ainda é a mesma forte semideusa que usa mochilas como arma. E, agora, ainda tem uma linda adaga.

Annabeth sentiu o sangue subir ao rosto. Normalmente, seria ela a fazer o discurso animador.

— Sim. Sim, claro. — Ela aceitou a mão de Sadie. — Vamos encontrar esse deus.

Uma cerca de arame contornava o prédio, mas elas se espremeram por uma abertura e seguiram por um campo tomado de mato e pedaços de concreto.

O efeito da gosma encantada nos olhos de Annabeth dava a impressão de estar passando. O mundo não parecia mais tão cheio de camadas e caleidoscópico, mas não tinha problema. Ela não precisava de visão especial para saber que a torre estava repleta de magia ruim.

De perto, o brilho vermelho das janelas estava ainda mais radiante. Os pedaços de compensado estalavam. As paredes de tijolos emitiam ruídos. Hieróglifos de pássaros e bonecos palito se formavam no ar e flutuavam para dentro. Até a pichação parecia vibrar nas paredes, como se os símbolos estivessem tentando ganhar vida.

A força da coisa que havia dentro do prédio também atraía Annabeth, da mesma forma que o Caranguejo no trem.

Ela segurou a nova adaga de bronze e percebeu que era pequena e curta demais para oferecer poder ofensivo. Mas era por isso que Annabeth *gostava* de adagas: elas a mantinham concentrada. Uma filha de Atena nunca devia depender de uma faca se pudesse usar o cérebro. A inteligência vencia guerras, não a força bruta.

Infelizmente, o cérebro de Annabeth não estava funcionando muito bem no momento.

— Eu queria saber o que vamos enfrentar — murmurou ela enquanto as duas se aproximavam sorrateiramente do prédio. — Gosto de pesquisar primeiro, de me armar com conhecimento.

Sadie resmungou.

— Você fala como meu irmão. Diga aí, com que frequência os monstros dão a você o luxo de usar o Google antes de atacarem?

— Nunca — admitiu Annabeth.

— Pois é. Carter... adoraria passar horas na biblioteca, lendo sobre todos os demônios hostis que poderíamos enfrentar, marcando as partes importantes e fazendo fichamentos para eu estudar. Pena que, quando os demônios atacam, eles não avisam, e raramente se dão o trabalho de se identificar.

— E qual é o *seu* procedimento-padrão de operação?

— Partir para cima — disse Sadie. — Pensar rápido. Quando necessário, explodir o inimigo em pedacinhos.

— Que ótimo. Você adoraria meus amigos.

— Vou interpretar como um elogio. Aquela porta, o que acha?

Alguns degraus levavam a uma entrada de porão. Havia uma única tábua pregada na porta em uma tentativa pífia de impedir a entrada de invasores, mas a porta em si estava entreaberta.

Annabeth estava prestes a sugerir que avaliassem as redondezas. Não confiava em uma entrada tão fácil, mas Sadie não esperou. A jovem maga desceu os degraus e entrou.

A única opção de Annabeth era ir atrás.

No fim das contas, se elas tivessem entrado por qualquer outra porta, teriam morrido.

O interior do prédio era um casco cavernoso, com trinta andares de altura e uma enxurrada de tijolos, canos, tábuas e outros destroços, junto com símbolos gregos e hieróglifos cintilantes e tufo de energia vermelha neon. A cena era apavorante e linda, como se um furacão tivesse sido capturado, iluminado por dentro e colocado em exibição permanente.

Como elas haviam entrado pelo porão, Sadie e Annabeth estavam protegidas por uma escada curta, uma espécie de trincheira no concreto. Se tivessem entrado para a tempestade pelo térreo, teriam sido partidas em pedacinhos.

Enquanto Annabeth olhava, uma viga de aço retorcido voou em velocidade de carro de corrida. Dezenas de tijolos passaram em disparada, como um cardume de peixes. Um hieróglifo vermelho flamejante bateu em um pedaço voador de compensado, e a madeira pegou fogo como um lenço de papel.

— Ali em cima — sussurrou Sadie.

Ela apontou para o alto do prédio, onde parte do trigésimo andar ainda estava intacta, uma plataforma em ruínas se projetando no vazio. Era difícil ver pelos detritos voadores e pela névoa vermelha, mas Annabeth conseguiu identificar uma forma humanoide robusta de pé no precipício, com os braços abertos como se para receber a tempestade.

— O que ele está fazendo? — murmurou Sadie.

Annabeth se encolheu quando uma hélice de canos de cobre passou a centímetros de sua cabeça. Ficou olhando para os destroços e começou a reparar em padrões, como aconteceu com o Duat: tábuas girando e pregos voando juntos para formar uma plataforma, amontoados de tijolos se unindo como peças de Lego para formar um arco.

— Ele está construindo alguma coisa — observou ela.

— Construindo o quê, um desastre? — perguntou Sadie.
— Esse lugar lembra os domínios de Caos. E, acredite, *não* é bem meu local favorito para passar as férias.

Annabeth olhou ao redor, perguntando-se se Caos significava a mesma coisa para egípcios e gregos. Annabeth teve lá suas experiências ruins com o Caos, e, se Sadie também esteve lá... bem, a maga devia ser mais forte do que parecia.

— A tempestade não é completamente aleatória — disse Annabeth. — Está vendo ali? E ali? Pedacos de materiais estão se juntando e formando algum tipo de estrutura dentro do prédio.

Sadie franziu a testa.

— Para mim, parecem tijolos em um liquidificador.

Annabeth não sabia bem como explicar, mas tinha estudado arquitetura e engenharia o bastante para reconhecer os detalhes. Os canos de cobre estavam se ligando como artérias e veias em um sistema circulatório. Seções de paredes velhas estavam se reunindo para formar um novo quebra-cabeça. De vez em quando, mais tijolos ou

vigas se soltavam das paredes externas e se juntavam ao furacão.

— Ele está canibalizando o prédio — disse ela. — Não sei por quanto tempo as paredes externas aguentarão.

Sadie soltou um palavrão baixinho.

— Por favor, não vá dizer que ele está construindo uma pirâmide. Qualquer coisa, menos isso.

Annabeth se perguntou por que uma maga egípcia odiaria pirâmides, mas balançou a cabeça negativamente.

— Eu diria que é algum tipo de torre cônica. Só tem um jeito de ter certeza.

— Perguntar ao construtor.

Sadie olhou para os resquícios do trigésimo andar.

O homem na beirada não havia se mexido, mas Annabeth podia jurar que estava maior. Uma luz vermelha girava ao redor dele. Pela silhueta, ele parecia usar uma cartola alta e angular no estilo de Abraham Lincoln.

Sadie botou a mochila no ombro.

— Bom, se esse é nosso deus misterioso, onde está...

Bem naquele momento um uivo de três partes soou em meio ao tumulto. Do outro lado do prédio, um par de portas de metal se abriu e o monstro caranguejo entrou.

Infelizmente, a fera tinha agora as três cabeças: de lobo, de leão e de cachorro. A espiral comprida brilhava com inscrições gregas e hieróglifos. Ignorando completamente os detritos voadores, o monstro entrou pisando com as seis patas dianteiras e deu um salto. A tempestade o carregou para cima, girando em meio ao caos.

— Está indo para o dono — disse Annabeth. — Temos que impedir.

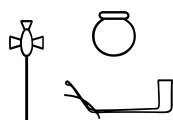
— Que legal — resmungou Sadie. — Isso vai me esgotar.

— O quê?

Sadie ergueu o cajado.

— *N'dah*.

Um hieróglifo dourado surgiu no ar acima delas:



E de repente elas estavam cercadas por uma esfera de luz.

A coluna de Annabeth formigou. Ela já estivera dentro de uma bolha protetora assim antes, quando ela, Percy e Grover usaram pérolas mágicas para fugir do mundo inferior. A experiência tinha sido... claustrofóbica.

— Isso vai nos proteger da tempestade? — perguntou Annabeth.

— Espero que sim. — O rosto de Sadie estava coberto de suor. — Venha.

Ela foi na frente, subindo pela escada.

Imediatamente, o escudo foi posto à prova. Uma bancada de cozinha voadora as teria decapitado, mas se esmigalhou em contato com o campo de força de Sadie. Pedacos de mármore giraram inofensivos ao redor delas.

— Demais — disse Sadie. — Agora segure o cajado enquanto viro um pássaro.

— Espere. *O quê?*

Sadie revirou os olhos.

— Estamos pensando rápido, lembra? Vou voar até lá em cima e impedir o monstro do cajado. Você tenta distrair aquele deus... seja lá quem ele for. Atraia a atenção dele.

— Tudo bem, mas não sou maga. Não sei manter o feitiço.

— O campo de força vai permanecer durante alguns minutos, desde que você use o cajado.

— Mas e você? Se não estiver dentro do campo...

— Tenho uma ideia. Pode até funcionar.

Sadie tirou algo da mochila: uma pequena estátua de animal. Ela o envolveu com os dedos e começou a mudar de forma.

Annabeth já tinha visto gente virar bicho, mas nunca era fácil de assistir. Sadie encolheu para um décimo do tamanho. O nariz se alongou em um bico. Os cabelos, as roupas e a mochila viraram uma cobertura lisa de penas. Ela se tornou uma pequena ave de rapina — um milhafre, talvez —, e seus olhos azuis estavam dourados e brilhantes. Com a pequena estátua ainda nas garras, Sadie abriu as asas e se lançou na tempestade.

Annabeth fez uma careta quando um amontoado de tijolos voou na direção da amiga; mas, de alguma forma, os detritos passaram direto sem transformar Sadie em purê de penas. A forma de Sadie apenas oscilou, como se ela estivesse viajando debaixo da água.

Annabeth percebeu que Sadie estava no Duat, voando em um nível diferente de realidade.

A ideia fez a mente de Annabeth se encher de possibilidades. Se um semideus pudesse aprender a atravessar paredes, correr direto através de monstros...

Mas aquela era uma conversa para outra hora. No momento, precisava se mover. Ela disparou pelos degraus e entrou naquela confusão. Barras de metal e canos de cobre bateram contra o campo de força. A esfera dourada piscava com um pouco menos de brilho cada vez que rebatia os detritos.

Ela levantou o cajado de Sadie com uma das mãos e a nova adaga com a outra. Na torrente mágica, a lâmina de bronze celestial tremeluziu como uma tocha se apagando.

— Ei! — gritou ela para a plataforma bem acima. — Seu Deus aí!

Nenhuma resposta. A voz dela não devia conseguir sobressair à tempestade.

A estrutura do prédio começou a gemer. A argamassa escorria das paredes e entrava na mistura como tufo de algodão-doce.

A Sadie pássaro ainda estava viva, voando na direção do monstro de três cabeças, que seguia em espiral para cima. O animal já estava na metade do caminho, balançando com força as pernas e brilhando com mais intensidade, como se absorvendo o poder do furacão.

O tempo de Annabeth estava acabando.

Ela procurou na memória, vasculhando mitos antigos, as histórias mais obscuras que Quíron contara no

acampamento. Quando era mais nova, ela era como uma esponja que absorvia todos os fatos e nomes.

O cajado de três cabeças. O deus de Alexandria, Egito.

O nome do deus lhe veio. Esperava estar certa pelo menos.

Uma das primeiras lições que ela aprendera como semideusa foi: *Nomes têm poder*. Nunca se diz o nome de um deus ou de um monstro se não está preparado para atrair a atenção dele.

Annabeth respirou fundo. Gritou com toda a sua força:

— SERÁPIS!

A tempestade diminuiu. Enormes pedaços de canos pairaram no ar. Nuvens de tijolos e madeira ficaram imóveis, suspensas.

Parado no meio do furacão, o monstro de três cabeças tentou ficar de pé. Sadie voou acima, abriu as garras e largou a estátua, que imediatamente cresceu e virou um camelo de tamanho real.

O animal desgrenhado caiu nas costas do monstro. As duas criaturas tombaram pelo ar e bateram no chão em um emaranhado de membros e cabeças. O monstro do cajado continuou a lutar, mas o camelo ficou em cima com as pernas abertas, balindo e cuspiendo e basicamente recusando-se a se mexer, como um bebê de quinhentos quilos dando ataque de birra.

Do trigésimo andar, uma voz de homem trovejou:

— QUEM OUSA INTERROMPER MINHA ASCENSÃO TRIUNFAL?

— Eu! — gritou Annabeth. — Desça para me enfrentar!

Ela não gostava de levar o crédito pelos camelos alheios, mas queria manter a atenção exclusiva do deus para que Sadie pudesse fazer... o que decidisse fazer. A jovem maga com certeza tinha bons truques guardados na manga.

O deus Serápis pulou para o vazio. Caiu trinta andares e parou de pé no meio do térreo, a uma distância fácil para Annabeth lançar a adaga.

Não que ela estivesse tentada a atacar.

Serápis tinha quatro metros e meio. Vestia apenas um short curto com estampa floral havaiana. O corpo era recortado em músculos. A pele bronze era coberta de tatuagens cintilantes de hieróglifos, letras gregas e outras grafias que Annabeth não reconheceu.

Os cabelos compridos, e de um ondulado desgrenhado, emolduravam o rosto como dreadlocks rastafáris. Uma barba grega encaracolada descia até as omoplatas. Os olhos eram verde-mar, tão parecidos com os de Percy que Annabeth ficou arrepiada.

Normalmente, ela não gostava de sujeitos barbudos, mas tinha que admitir que aquele deus era atraente, com aquele estilo de surfista radical mais velho.

Mas o enfeite de cabeça estragava o visual. O que Annabeth pensou ser uma cartola era na verdade uma cesta cilíndrica de vime com imagens de amores-perfeitos.

— Com licença — disse ela. — Isso aí na sua cabeça é um vaso de flores?

Serápis levantou as sobrancelhas castanhas e peludas. Bateu na cabeça como se tivesse esquecido a cesta. Algumas sementes de trigo caíram.

— Isso é um *modius*, garotinha tola. É um dos meus símbolos sagrados! O cesto de grãos representa o mundo inferior, que eu controlo.

— Hã, controla?

— É claro! — Serápis fez expressão de irritação. — Ou *controlava*, e vou voltar a controlar em breve. Mas quem é você para criticar meu modo de vestir? Uma semideusa grega, pelo cheiro, carregando uma arma de bronze celestial e um cajado egípcio da Casa da Vida. O que você é, heroína ou maga?

As mãos de Annabeth tremeram. Independentemente do chapéu de vaso de flor, Serápis irradiava poder. Ao ficar tão perto dele, Annabeth se sentia líquida por dentro, como se o coração, o estômago e a coragem estivessem derretendo.

Controle-se, pensou ela. *Você já encontrou vários deuses.*

Mas Serápis era diferente. A presença dele emanava uma sensação fundamentalmente *errada*, como se o mero fato de estar presente estivesse virando o mundo de Annabeth do avesso.

Atrás, a seis metros do deus, Sadie pássaro pousou e voltou à forma humana. Fez um gesto para Annabeth: dedos nos lábios (*psiu*), depois fez círculos com a mão (*faça com que ele continue falando*). Ela começou a remexer silenciosamente na mochila.

Annabeth não fazia ideia do que a amiga estava planejando, mas se obrigou a olhar nos olhos de Serápis.

— Quem disse que não sou as duas coisas, maga e semideusa? Agora explique por que você está aqui!

O rosto de Serápis se fechou. E então, para surpresa de Annabeth, ele jogou a cabeça para trás e riu, derramando mais grãos do *modius*.

— Entendi! Está tentando me impressionar, é? Você acha que merece ser minha sacerdotisa?

Annabeth engoliu em seco. Só havia uma resposta para uma pergunta daquelas.

— É claro que sim! Já fui *magna mater* do culto de Atena! Mas você é merecedor do meu serviço?

— RÁ! — Serápis sorriu. — Uma grande mãe no culto de Atena, é? Vamos ver se você é mesmo durona.

Ele fez um gesto. Uma banheira voou direto para o campo de força de Annabeth. A porcelana explodiu em estilhaços no encontro com a esfera dourada, mas o cajado de Sadie ficou tão quente que Annabeth precisou soltá-lo. A madeira branca queimou até virar cinzas.

Que ótimo, pensou ela. Nem dois minutos, e eu já destruí o cajado de Sadie.

Ela não tinha mais seu escudo protetor. Estava encarando um deus de quatro metros e meio só com as armas de sempre: uma pequena adaga e muita atitude.

À esquerda de Annabeth, o monstro de três cabeças ainda lutava para sair de debaixo do camelo, mas o animal era pesado, teimoso e incrivelmente descoordenado. Cada

vez que o monstro tentava empurrá-lo, o camelo soltava um pum poderoso e abria ainda mais as pernas.

Enquanto isso, Sadie tirou um giz da mochila. Escreveu furiosamente no chão de concreto atrás de Serápis, talvez um belo epitáfio para celebrar a morte iminente delas.

Annabeth se lembrou de uma citação que seu amigo Frank uma vez lhe disse, alguma coisa de *A arte da guerra*, de Sun Tzu.

Quando enfraquecer, aja com força.

Annabeth se empertigou e riu na cara de Serápis.

— Pode jogar coisas em mim, senhor Serápis. Não preciso de cajado para me defender. Meus poderes são grandiosos demais! Ou pare de me fazer perder tempo e me diga como posso servir você, *supondo* que eu concorde em me tornar sua nova sacerdotisa.

O rosto do deus se tomou de raiva.

Annabeth teve certeza de que ele jogaria todo o furacão de detritos nela, e não haveria como impedi-lo. Ela pensou em jogar a adaga no olho do deus, da mesma forma que sua amiga Rachel uma vez distraiu o Titã Cronos, mas Annabeth não confiava na própria mira.

Finalmente, Serápis abriu um sorriso torto.

— Você tem coragem, garota. Isso eu preciso admitir. E não demorou a vir me encontrar. Talvez você *possa* servir. Você vai ser a primeira de muitos a me dar seu poder, sua vida, sua alma!

— Acho que vai ser divertido.

Annabeth olhou rapidamente para Sadie, torcendo para ela terminar logo a arte com giz.

— Mas, primeiro — disse Serápis —, preciso do meu cajado!

Ele fez um gesto para o camelo. Um hieróglifo vermelho queimou o pelo da criatura, e, com um pum final, o pobre animal se dissolveu em um monte de areia.

O monstro de três cabeças se apoiou nas patas dianteiras e sacudiu a areia do corpo.

— Espere! — gritou Annabeth.

As três cabeças do monstro rosnaram para ela.

Serápis fez expressão de desprezo.

— O que foi agora, garota?

— Bem, eu devia... sabe, entregar o cajado para você, como sua sacerdotisa! Temos que fazer as coisas direito!

Annabeth partiu para cima do monstro. Era pesado demais para ela levantar, mas ela enfiou a faca no cinto e usou as duas mãos para segurar a ponta da concha cônica da criatura, arrastando-a para trás, para longe do deus.

Enquanto isso, Sadie desenhou um grande círculo do tamanho de um bambolê no concreto. Estava agora decorando com hieróglifos, usando giz de várias cores diferentes.

Ah, claro, pensou Annabeth com frustração. Demore o tempo que precisar e capriche!

Ela deu um jeito de sorrir para Serápis enquanto segurava o monstro do cajado, que ainda tentava se arrastar para a frente.

— Agora, meu senhor — disse Annabeth —, me conte seu plano glorioso! Tem alguma coisa a ver com almas e vidas, não?

O monstro do cajado uivou em protesto, provavelmente porque conseguia ver Sadie escondida atrás do deus, fazendo a arte secreta no concreto. Serápis não pareceu perceber.

— Observe! — Ele abriu os braços musculosos. — O novo centro do meu poder!

Fagulhas vermelhas brilharam no furacão congelado. Uma teia de luz ligou os pontos até Annabeth conseguir ver o contorno cintilante da estrutura que Serápis estava construindo: uma torre enorme de noventa metros de altura, feita em três camadas que iam se estreitando: uma base quadrada, um meio octogonal e um topo circular. No zênite, ardia uma chama tão intensa quanto uma forja de Ciclope.

— Um farol — concluiu Annabeth. — O Farol de Alexandria.

— Exato, minha jovem sacerdotisa.

Serápis andou para frente e para trás como um professor dando aula, embora o short floral fosse uma distração e tanto. O chapéu de cesta de vime ficava se inclinando para um lado e para outro, derramando grãos. Por alguma razão, continuou sem reparar em Sadie agachada atrás dele, desenhando belas imagens com giz.

— Alexandria! — disse o deus. — Outrora a maior cidade do mundo, a grande fusão do poder grego e egípcio! Eu era

o deus supremo e agora me ergui de novo. Criarei minha nova capital aqui!

— Hã... na praia Rockaway?

Serápis parou e coçou a barba.

— Você tem razão. Esse nome não serve. Vamos chamar de... Rockandria? Serapaway? Bom, vamos decidir isso depois! Nosso primeiro passo é terminar meu novo farol. Vai ser um guia para o mundo, que vai atrair divindades da Grécia Antiga e do Egito para mim, como aconteceu no passado. Vou me alimentar da essência delas e me tornar o deus mais poderoso de todos!

Annabeth sentiu como se tivesse engolido uma colher de sal.

— *Alimentar da essência delas*. Você quer dizer destruí-las?

Serápis fez um gesto de desconsideração.

— *Destruir* é uma palavra muito feia. Prefiro *incorporar*. Você deve conhecer minha história, certo? Quando Alexandre, o Grande, conquistou o Egito...

— Ele tentou fundir as religiões grega e egípcia — disse Annabeth.

— Tentou e falhou — disse Serápis, rindo para si. — Alexandre escolheu um deus do sol egípcio, Amon, como divindade principal. Isso não deu muito certo. Os gregos não gostavam de Amon. Nem os egípcios do Delta do Nilo. Eles viam Amon como um deus de outra parte do rio. Mas, quando Alexandre morreu, seu general tomou o controle do Egito.

— Ptolomeu I — disse Annabeth.

Serápis deu um sorriso satisfeito.

— Sim... Ptolomeu. Aquele era um mortal com *visão*!

Annabeth precisou de toda a força de vontade para não olhar para Sadie, que agora tinha completado o círculo mágico e batia nos hieróglifos com o dedo, murmurando alguma coisa baixinho, como se para ativá-los.

O monstro de três cabeças do cajado rosnou em reprovação. Ele tentou pular, e Annabeth quase não conseguiu segurá-lo. Estava ficando sem força. A aura da criatura continuava nauseante.

— Ptolomeu criou um novo deus — disse ela com esforço.
— Você.

Serápis deu de ombros.

— Ah, não foi do *nada*. Eu já fui um pequeno deus de vilarejo. Ninguém tinha ouvido falar de mim! Mas Ptolomeu encontrou minha estátua e levou para Alexandria. Ele mandou os sacerdotes gregos e egípcios fazerem presságios, encantos e outras coisas mais. Todos concordaram que eu era o grande deus Serápis e que deveria ser idolatrado acima de todos os outros deuses. Virei um sucesso instantâneo!

Sadie ficou de pé dentro do círculo mágico. Solto o colar de prata e começou a girar como uma corda de laçar.

O monstro de três cabeças rugiu como que para avisar o dono: *Cuidado!*

Mas Serápis estava animado. Enquanto ele falava, as tatuagens de hieróglifos e letras gregas em sua pele

brilhavam com mais intensidade.

— Eu me tornei o deus mais importante dos gregos e egípcios! — continuou ele. — À medida que mais pessoas me idolatravam, passei a sugar o poder dos deuses mais velhos. Aos poucos, mas com segurança, tomei o lugar deles. O mundo inferior? Eu me tornei o senhor de lá, substituindo Hades e Osíris. O cão de guarda, Cérbero, se transformou no meu cajado, que você agora está segurando. As três cabeças representam o passado, o presente e o futuro, os quais controlarei quando o cajado voltar ao meu poder.

O deus esticou a mão. O monstro tentou alcançá-lo. Os músculos do braço de Annabeth estavam queimando. Os dedos começaram a ceder.

Sadie continuava balançando o pingente e murmurando um feitiço.

Hécate sagrada, pensou Annabeth, é preciso quanto tempo para se fazer um feitiço idiota?

Seus olhos encontraram os de Sadie, e ela entendeu o recado: *Espere. Só mais alguns segundos.*

Annabeth não sabia se tinha mais alguns segundos.

— A dinastia ptolomaica... — Ela trincou os dentes. — Ela caiu séculos atrás. Seu culto foi esquecido. Por que você voltou agora?

Serápis fungou.

— Isso não é importante. Aquele que me despertou... bem, ele tem delírios de grandeza. Acha que pode me

controlar só porque encontrou uns feitiços antigos no Livro de Tot.

Atrás do deus, Sadie se encolheu como se tivesse sido atingida entre os olhos. Aparentemente, esse “Livro de Tot” trazia alguma lembrança.

— Sabe — prosseguiu Serápis —, naquela época, o rei Ptolomeu decidiu que não bastava *me* fazer o deus principal. Também queria ser imortal. Ele se declarou deus, mas a magia deu errado. Depois que ele morreu, sua família foi amaldiçoada por muitas gerações. A linhagem ptolomaica foi ficando cada vez mais fraca, até que aquela tola da Cleópatra se suicidou e deu tudo para os romanos.

O deus fez expressão de desprezo.

— Esses mortais... são sempre tão gananciosos. O mago que *dessa* vez me despertou acha que pode fazer melhor do que Ptolomeu. Ele me despertar foi só um de seus experimentos com magia greco-egípcia. Ele quer se tornar deus, mas se excedeu. Eu voltei. *Eu* vou controlar o universo.

Serápis dirigiu os olhos verdes e brilhantes para Annabeth. Suas feições pareceram mudar fazendo Annabeth se lembrar de muitos olímpianos: Zeus, Poseidon, Hades. Alguma coisa no sorriso dele até a fez recordar-se de sua mãe, Atena.

— Pense só, pequena semideusa — disse Serápis —, esse farol vai atrair os deuses até mim como mariposas para uma vela. Quando eu tiver consumido o poder deles, vou erguer uma grande cidade. Construirei uma nova biblioteca

de Alexandria com todo o conhecimento do mundo antigo, tanto grego quanto egípcio. Como filha de Atena, você deve apreciar isso. Como minha sacerdotisa, pense em todo o poder que você vai ter!

Uma nova biblioteca de Alexandria.

Annabeth não podia fingir que a ideia não mexia com ela. Tanto conhecimento do mundo antigo foi destruído quando aquela biblioteca pegou fogo.

Serápis deve ter visto a fome nos olhos dela.

— Sim. — Ele esticou a mão. — Chega de conversa, garota. Traga meu cajado!

— Você está certo — resmungou Annabeth. — Chega de conversa.

Ela puxou a adaga e enfiou na concha do monstro.

Muitas coisas podiam ter dado errado. A maioria deu mesmo.

Annabeth esperava que a faca fosse partir a concha, talvez até destruir o monstro. Mas ela só abriu uma pequena fissura que cuspiu uma magia vermelha tão quente quanto um filete de magma. Annabeth cambaleou para trás, com os olhos ardendo.

Serápis gritou:

— TRAIÇÃO!

A criatura do cajado uivou e se debateu, com as três cabeças tentando em vão alcançar a faca enfiada nas costas.

No mesmo momento, Sadie lançou o feitiço. Ela lançou o colar de prata e gritou:

— *Tyet!*

O pingente explodiu. Um hieróglifo prateado gigante envolveu o deus como um caixão transparente:



Serápis rugiu quando seus braços ficaram presos nas laterais do corpo.

Sadie gritou:

— Eu o nomeio Serápis, deus de Alexandria! Deus de... hum, chapéus esquisitos e cajados de três cabeças! Eu o amarro com o poder de Ísis!

Detritos começaram a cair do ar e se esparramar ao redor de Annabeth. Ela desviou de um muro de tijolos e de uma caixa de luz. Em seguida, percebeu que o monstro do cajado ferido rastejava na direção de Serápis.

Ela correu em sua direção, mas foi atingida na cabeça por um pedaço de madeira. Bateu no chão com força, a cabeça latejando, e foi enterrada na mesma hora por mais detritos.

Ela respirou com dificuldade.

— Ai, ai, ai.

Pelo menos, não estava enterrada sob tijolos. Ela abriu caminho em uma pilha de compensados e tirou uma farpa de quinze centímetros da camisa.

O monstro tinha chegado aos pés de Serápis. Annabeth sabia que deveria ter esfaqueado uma das cabeças do monstro, mas não havia conseguido fazer isso. Sempre amolecia quando se tratava de animais, mesmo que fossem parte de uma criatura mágica do mal tentando matá-la. Naquele momento, era tarde demais.

O deus forçou os muitos músculos. A prisão prateada se despedaçou a seu redor. O cajado de três cabeças voou para sua mão, e Serápis se virou para Sadie Kane.

O círculo protetor dela evaporou em uma nuvem de vapor vermelho.

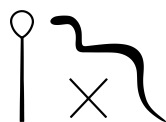
— Você queria me *amarrar*? — gritou Serápis. — Você queria me *nomear*? Você nem tem a linguagem apropriada para me nomear, pequena maga!

Annabeth cambaleou para a frente, mas sua respiração continuava difícil. Com Serápis de posse do cajado, a aura dele parecia dez vezes mais poderosa. Os ouvidos de Annabeth zumbiam. Os tornozelos estavam moles como uma gelatina. Ela conseguia sentir sua força vital sendo sugada... sugada para o halo vermelho do deus.

De alguma forma, Sadie mantinha sua posição com expressão desafiadora.

— Tudo bem, senhor Tigela de Cereal. Você quer uma linguagem apropriada? *HA-DI!*

Um novo hieróglifo ardeu no rosto de Serápis:



Mas o deus o apagou do ar com a mão livre. Ele fechou o punho, e fumaça saiu por entre os dedos, como se ele tivesse acabado de esmagar uma locomotiva a vapor em miniatura.

Sadie engoliu em seco.

— Isso é impossível. Como...?

— Estava esperando uma explosão? — Serápis riu. — Me desculpe por decepcioná-la, criança, mas meu poder é grego e egípcio. Combina os dois, consome os dois, *substitui* os dois. Vejo que é beneficiada por Ísis, certo? Excelente. Ela já foi minha mulher.

— *O quê?* — gritou Sadie. — Não. Não, não, não.

— Ah, sim! Quando depus Osíris e Zeus, Ísis foi obrigada a me servir. Agora, vou usar você como portal para atraí-la e amarrá-la. Ísis vai ser minha rainha de novo!

Serápis apontou o cajado. De cada uma das três cabeças monstruosas, filetes vermelhos de luz dispararam, envolvendo Sadie em galhos espinhentos.

Sadie gritou, e Annabeth finalmente se recuperou do choque.

Ela pegou a folha de compensado mais próxima — um quadrado maleável do tamanho de um escudo — e tentou se lembrar das aulas de *frisbee* do Acampamento Meio-Sangue.

— Ei, Cabeça de Grão! — gritou Annabeth.

Ela girou a cintura e usou a força do corpo todo. O compensado voou pelo ar na hora em que Serápis se virou para ela, e a beirada bateu bem entre os olhos dele.

— AHH!

Annabeth mergulhou para o lado quando Serápis apontou cegamente o cajado na direção dela. As três cabeças de monstro lançaram chamas superaquecidas de vapor, que abriram um buraco no concreto onde Annabeth estava havia pouco.

Ela continuou a se mover e abriu caminho entre as montanhas de detritos que agora cobriam o chão. Mergulhou atrás de uma pilha de vasos sanitários quebrados quando o cajado do deus lançou outro jato triplo de vapor na direção dela, chegando tão perto que ela sentiu bolhas surgirem na nuca.

Annabeth viu Sadie a uns trinta metros, de pé e cambaleando para longe de Serápis. Pelo menos, ainda estava viva. Mas Annabeth sabia que precisaria de tempo para se recuperar.

— Ei, Serápis! — gritou Annabeth por trás da montanha de privadas. — Qual era o gosto daquele compensado?

— Filha de Atena! — gritou o deus. — Vou devorar sua força vital! Vou usar você para destruir sua maldita mãe! Você se acha inteligente? Você não é nada em comparação com aquele que me despertou, e nem *e/le* entende o poder que libertou. Nenhum de vocês vai ganhar a coroa da imortalidade. Eu controlo o passado, o presente e o futuro. Sozinho, governarei os deuses!

E obrigada pelo longo discurso, pensou Annabeth.

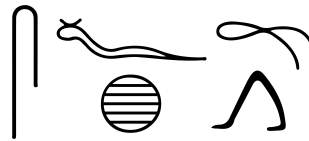
Quando Serápis explodiu o local onde ela estava, transformando os vasos sanitários em uma pilha de

porcelana quebrada, Annabeth já tinha se esgueirado pela metade da sala.

Estava procurando Sadie quando a maga apareceu em seu esconderijo, a apenas três metros de distância, e gritou:

— *Suh-FAH!*

Annabeth se virou quando um novo hieróglifo, de seis metros de altura, ardeu na parede atrás de Serápis:



A argamassa se desfez. Um ruído veio da lateral do prédio, e, quando Serápis gritou “NÃO!”, a parede inteira desabou em cima dele em uma onda de tijolos que o enterrou sob toneladas de escombros.

Annabeth engasgou com a nuvem de poeira. Seus olhos ardiam. Ela sentia como se tivesse sido cozida em uma panela de arroz, mas conseguiu cambalear para perto de Sadie.

A jovem maga estava coberta de pó de cal como se tivesse sido passada no açúcar. Olhava para o buraco que havia feito na lateral do prédio.

— Isso funcionou — murmurou ela.

— Foi genial. — Annabeth apertou os ombros dela. — Que feitiço foi aquele?

— *Afrouxar* — disse Sadie. — Eu achei... bem, destruir costuma ser mais fácil do que construir.

Como se concordando, o resto da estrutura do prédio estalou e gemeu.

— Venha. — Annabeth pegou a mão de Sadie. — Precisamos sair daqui. Essas paredes...

A fundação tremeu. De debaixo dos destroços veio um rugido abafado. Filetes de luz vermelha brilhavam por entre os detritos.

— Ah, por favor! — protestou Sadie. — Ele ainda está vivo?

Um desânimo recaiu sobre Annabeth, mas ela não estava surpresa.

— Ele é um deus. É imortal.

— Ah, então como...?

A mão de Serápis, ainda segurando o cajado, surgiu por entre os tijolos e tábuas. As três cabeças do monstro dispararam jatos de vapor em todas as direções. A faca de Annabeth ainda estava enfiada até o cabo na concha do monstro, e a cicatriz ao redor soltava hieróglifos, letras gregas e palavrões em vermelho — milhares de anos de palavras chulas se espalhando livremente.

Como uma linha do tempo, pensou Annabeth.

De repente, surgiu-lhe uma ideia.

— Passado, presente e futuro. Ele controla tudo.

— O quê? — perguntou Sadie.

— O cajado é a chave — disse Annabeth. — Temos que destruí-lo.

— Sim, mas...

Annabeth correu para a pilha de destroços. Seus olhos estavam grudados no cabo da adaga, mas ela chegou tarde demais.

Serápis soltou o outro braço, depois a cabeça, com o cesto de flores esmagado e vazando grãos. O *frisbee* de compensado que Annabeth tinha jogado quebrara o nariz dele e deixara os olhos roxos, fazendo-o parecer um guaxinim.

— Vou matar você! — gritou ele, no momento em que Sadie repetiu:

— *Suh-FAH!*

Annabeth fez um recuo apressado, e Serápis gritou “NÃO!” quando outra seção da parede de trinta andares caiu em cima dele.

A magia deve ter exaurido Sadie. Ela caiu como uma boneca de pano, e Annabeth a pegou bem a tempo de não deixar a cabeça bater no chão. Quando as seções que restavam da parede tremeram e se inclinaram para dentro, Annabeth pegou a garota, que era mais nova que ela, no colo e a levou para fora.

De alguma forma, ela saiu do prédio antes do restante desabar. Annabeth ouviu o rugido gigantesco, mas não sabia se era a destruição atrás de si ou o som de seu crânio se partindo com a dor e a exaustão.

Ela continuou cambaleando até chegar aos trilhos do metrô. Lá, colocou Sadie delicadamente sobre o mato.

Os olhos de Sadie se reviraram. Ela murmurava coisas incoerentes. A pele estava tão febril que Annabeth precisou lutar contra o pânico. Vapor saía das mangas da maga.

Perto do local do acidente do trem, os mortais repararam no novo desastre. Veículos de socorro começaram a se

afastar e seguir na direção do prédio desmoronado. Um helicóptero da imprensa voava em círculos.

Annabeth ficou tentada a gritar pedindo ajuda médica, mas, antes que pudesse fazê-lo, Sadie inspirou com força. Suas pálpebras tremeram.

Ela cuspiu um pedaço de concreto, se sentou com fraqueza e olhou para a coluna de poeira que subia para o céu como resultado da pequena aventura delas.

— Certo — murmurou Sadie. — O que devemos destruir agora?

Annabeth chorou de alívio.

— Graças aos deuses você está bem. Você estava soltando fumaça.

— Ossos do ofício. — Sadie tirou um pouco da poeira do rosto. — Magia demais pode literalmente me queimar. Foi o mais perto que cheguei da imolação hoje.

Annabeth concordou. Tinha sentido inveja de todos aqueles feitiços legais que Sadie sabia fazer, mas naquele momento estava feliz de ser apenas uma semideusa.

— Chega de magia para você.

— Ao menos por um tempo. — Sadie fez uma careta. — Imagino que não tenhamos derrotado Serápis.

Annabeth olhou para o local do pretenso farol. Queria achar que o deus não existia mais, porém sabia que não era possível. Ainda conseguia sentir a aura dele rompendo o mundo, puxando a alma dela e sugando sua energia.

— Temos no máximo alguns minutos — supôs ela. — Ele vai se libertar. E virá atrás de nós.

Sadie gemeu.

— Precisamos de reforços. Infelizmente, não tenho energia suficiente para abrir um portal, mesmo se eu conseguisse encontrar um. Ísis também não está me respondendo. Ela sabe que não deve aparecer e ter a essência sugada pelo senhor Tigela de Cereal. — Ela suspirou. — Imagino que você não tenha o contato de outros semideuses como chamada de emergência no celular, tem?

— Se ao menos... — Annabeth parou de falar.

Ela percebeu que a mochila ainda estava nos ombros. Como não havia caído durante a luta? E por que estava tão leve?

Ela puxou a mochila e abriu. Os livros de arquitetura tinham sumido. O que havia no fundo era um quadrado de ambrosia do tamanho de um brownie enrolado em celofane, e por baixo...

O lábio inferior de Annabeth tremeu. Ela tirou uma coisa que não carregava havia muito tempo: o boné azul surrado do New York Yankees.

Ela olhou para o céu que escurecia.

— Mãe?

Não houve resposta, mas Annabeth não conseguia pensar em nenhuma outra explicação. A mãe tinha enviado ajuda. Compreender isso a encorajou e apavorou. Se Atena estava interessada particularmente na situação, Serápis era uma ameaça monumental de verdade... não só para Annabeth, mas para os deuses.

— É um boné de beisebol — observou Sadie. — Isso é bom?

— Eu... acho que sim — disse Annabeth. — Na última vez que usei a magia não funcionou. Mas, se *funcionar*... eu talvez tenha um plano. Vai ser sua vez de distrair Serápis.

Sadie franziu a testa.

— Não mencionei que estou sem magia?

— Não tem problema — disse Annabeth. — Como você é em blefar, mentir e falar besteira?

Sadie ergueu uma sobrancelha.

— Já disseram que são minhas qualidades mais atraentes.

— Excelente — disse Annabeth. — Então está na hora de eu ensinar grego para você.

Elas não tinham muito tempo.

Annabeth mal tinha terminado de preparar Sadie quando o prédio desmoronado tremeu, detritos explodiram e Serápis surgiu, rugindo e amaldiçoando.

Quem estava trabalhando no acidente saiu, assustado, correndo do local, mas não pareceu perceber o deus de quatro metros e meio se afastando do desmoronamento, com o cajado de três cabeças cuspidando vapor e raios vermelhos de magia para o céu.

Serápis se dirigia com convicção para perto de Sadie e Annabeth.

— Pronta? — perguntou Annabeth.

Sadie suspirou.

— Tenho escolha?

— Aqui. — Annabeth deu a ela o quadrado de ambrosia.

— Comida de semideus. Deve restaurar sua força.

— *Deve, não é?*

— Se eu posso usar sua poção curativa, você deve poder comer ambrosia.

— Tim-tim, então. — Sadie deu uma mordida. Suas bochechas ganharam cor de novo. Os olhos cintilaram. — Tem gosto dos pãezinhos da minha avó.

Annabeth sorriu.

— Ambrosia sempre tem o gosto da sua comida favorita.

— Uma pena. — Sadie deu outra mordida e engoliu. — Os pãezinhos da vovó estão sempre queimados e bem ruins. Ah, lá vem nosso amigo.

Serápis chutou um carro de bombeiro que estava no caminho e seguiu na direção dos trilhos do trem. Não parecia ter visto Sadie e Annabeth ainda, mas a semideusa achava que ele conseguia *sentir* onde elas estavam. O deus observou o horizonte cheio de fúria assassina no rosto.

— Aqui vamos nós.

Annabeth colocou o boné do Yankees.

Os olhos de Sadie se arregalaram.

— Muito bem. Você está bem invisível. Não vai começar a disparar fagulhas, vai?

— Por que eu faria isso?

— Ah... meu irmão fez um feitiço de invisibilidade uma vez. Não funcionou muito bem. De qualquer modo, boa sorte.

— Para você também.

Annabeth correu para um lado enquanto Sadie começou a balançar os braços e gritar:

— Ei, Serápis!

— PARA VOCÊ, A MORTE! — berrou o deus.

Ele seguiu em frente, com os pés enormes abrindo crateras no asfalto.

Como elas planejaram, Sadie recuou na direção da praia. Annabeth se agachou atrás de um carro abandonado e esperou que Serápis passasse. Invisível ou não, ela não iria se arriscar.

— Venha! — disse Sadie, provocando o deus. — Isso é o mais rápido que você consegue correr, seu caipira gigantesco?

— RAAAW!

O deus disparou para onde Annabeth estava.

Ela correu atrás de Serápis, que alcançou Sadie perto do mar.

O deus ergueu o cajado cintilante, com as três cabeças monstruosas arrotando vapor.

— Suas últimas palavras, maga?

— Para você? Sim!

Sadie girou os braços em movimentos que poderiam ser mágicos... ou talvez de kung fu.

— *Meana aedei thea!* — Ela entoou as frases que Annabeth havia ensinado. — *En... ponte pathen algae!*

Annabeth fez uma careta. A pronúncia de Sadie era bem ruim. Ela tinha acertado mais ou menos a primeira frase:

Cante sobre a fúria, ó deusa. Mas a segunda devia ser: No mar, que sofra a miséria. Mas Sadie dissera alguma coisa parecida com: *No mar, sofra o musgo!*

Felizmente, o som do grego antigo bastou para impressionar Serápis. O deus hesitou, com o cajado de três cabeças ainda erguido.

— O que você...

— Ísis, me escute! — prosseguiu Sadie. — Atena, me ajude!

Ela soltou outras frases, algumas em grego, algumas em egípcio antigo.

Enquanto isso, Annabeth foi se aproximando por trás do deus, com os olhos na adaga ainda enfiada na concha do monstro. Se Serápis baixasse o cajado...

— *Alfa, beta, gama!* — gritou Sadie. — *Gyros, spanakopita. Presto!* — Ela sorriu com triunfo. — Pronto. Você já era!

Serápis ficou olhando para ela, perplexo. As tatuagens vermelhas em sua pele se apagaram um pouco. Alguns símbolos viraram pontos de interrogação e carinhas tristes. Annabeth chegou mais perto... estava a seis metros dele.

— Já era? — perguntou Serápis. — De que diabo você está falando, garota? Estou prestes a destruir você.

— E, se destruir — avisou Sadie —, ativará a ligação mortal que envia você para o esquecimento!

— Ligação mortal? Não existe isso!

Serápis baixou o cajado. As três cabeças de animal estavam na altura dos olhos de Annabeth.

O coração dela disparou. Faltavam três metros. Se ela pulasse, talvez conseguisse alcançar a adaga. Só teria uma chance para puxá-la.

As cabeças do cajado não pareceram reparar nela. Elas rosnavam e mordiam, cuspidando vapor em direções aleatórias. Lobo, leão, cachorro: passado, presente e futuro.

Para provocar o dano máximo, ela sabia qual cabeça precisava acertar.

Mas por que o futuro tinha que ser um cachorro? Aquele labrador preto era a menos ameaçadora das cabeças de monstro. Com grandes olhos dourados e orelhas caídas, fazia Annabeth se lembrar de muitos animais simpáticos que conhecera.

Não é um animal de verdade, disse a si mesma. *É parte de um cajado mágico.*

Mas, quando chegou a uma distância suficiente para acertá-lo, os braços ficaram pesados. Ela não conseguia olhar para o cachorro sem sentir culpa.

O futuro é uma coisa boa, o cachorro parecia dizer. *É fofo e macio!*

Se Annabeth acertasse a cabeça do labrador, ela estaria matando seu *próprio* futuro, os planos que tinha para a faculdade, os planos que havia feito com Percy...?

Sadie ainda estava falando. Seu tom estava mais ousado.

— Minha mãe, Ruby Kane — disse Sadie para Serápis —, deu a vida para prender Apófis no Duat. *Apófis*, veja bem, que tem milhares de anos a mais do que você e é muito mais poderoso. Então, se você acha que vou deixar um deus

de segunda categoria controlar o mundo, está muito enganado!

A raiva na voz dela não era blefe, e de repente Annabeth ficou feliz de ter dado a Sadie a tarefa de enfrentar Serápis. A maga era surpreendentemente apavorante quando queria.

Serápis se mexeu, pouco à vontade.

— Eu vou destruir você!

— Boa sorte — provocou Sadie. — Atei você a feitiços gregos e egípcios tão poderosos que vão lançar seus átomos às estrelas.

— Você está mentindo! — gritou Serápis. — Não sinto feitiço nenhum em mim. Nem aquele que me despertou tinha uma magia assim.

Annabeth estava cara a cara com o cachorro preto. A adaga estava logo acima, mas todas as moléculas do corpo dela se rebelavam contra a ideia de matar o animal... matar o futuro.

Enquanto isso, Sadie forjou uma gargalhada corajosa.

— O que despertou você? Você está falando daquele velho golpista, Setne?

Annabeth não conhecia aquele nome, mas Serápis com certeza conhecia. O ar ao redor dele agitou-se de calor. O leão rosnou. O lobo mostrou os dentes.

— Ah, sim — prosseguiu Sadie. — Conheço bem Setne. Imagino que ele não tenha lhe contado quem o deixou voltar ao mundo. Ele só está vivo porque *eu* o poupei. Você acha que a magia *dele* é poderosa? Então me teste. AGORA.

Annabeth se mexeu. Percebeu que Sadie estava falando com *ela*, não com o deus. O blefe estava se esgotando. Ela não tinha mais tempo.

Serápis falou com deboche:

— Boa tentativa, maga.

Quando ele ergueu o cajado para atacar, Annabeth pulou. A mão se fechou ao redor do cabo da adaga, e ela a puxou.

— O quê? — gritou Serápis.

Annabeth soltou um choro gutural e enfiou a adaga no pescoço do cachorro.

Ela esperava uma explosão.

Mas o que aconteceu foi que a adaga foi sugada pelo pescoço do cachorro como um clipe de papel por um aspirador de pó. Annabeth quase não teve tempo de soltar.

Ela rolou para longe quando o cachorro uivou, encolheu e murchou até implodir dentro da concha do monstro. Serápis rugiu. Balançou o cetro, mas parecia não conseguir soltar.

— O que você fez? — gritou ele.

— Tirei seu futuro — disse Annabeth. — Sem isso, você não é nada.

O cajado rachou. Ficou tão quente que Annabeth sentiu os pelos no braço começarem a queimar. Rastejou para trás na areia quando as cabeças de leão e lobo foram sugadas pela concha. O cajado todo desmoronou em uma bola vermelha de fogo na mão do deus.

Serápis tentou jogar longe. Só brilhou com mais intensidade. Seus dedos se curvaram. Sua mão foi consumida. O braço todo se contraiu e evaporou ao ser puxado para dentro da esfera ardente.

— Não posso ser destruído! — gritou Serápis. — Sou o ápice da união dos mundos de vocês! Sem minha orientação, vocês nunca vão obter a coroa! Vocês vão perecer! Vocês...

A bola de fogo brilhou e sugou o deus para seu vórtice. E, então, apagou-se como se nunca tivesse existido.

— Ugh — disse Sadie.

Elas se sentaram na praia ao pôr do sol, vendo a maré e ouvindo o barulho dos veículos de socorro atrás.

Pobre Rockaway. Primeiro, um furacão. Depois, um acidente de trem, um desmoronamento de prédio e um deus enraivecido, tudo em um dia. Algumas comunidades nunca têm descanso.

Annabeth tomou um pouco de Ribena, uma bebida britânica que Sadie havia pegado na “área de depósito pessoal” no Duat.

— Não se preocupe — disse Sadie, tranquilizando-a. — Conjurar um lanchinho não é magia difícil.

Do jeito que Annabeth estava com sede, o Ribena estava mais gostoso do que néctar.

Sadie parecia estar melhor. A ambrosia fizera efeito. Naquele momento, em vez de parecer estar à beira da

morte, ela só parecia ter sido atropelada por um bando de mulas.

As ondas batiam nos pés de Annabeth e a ajudavam a relaxar, mas ela ainda sentia certa inquietação pelo encontro com Serápis... uma vibração no corpo, como se todos os ossos tivessem virado diapasões.

— Você mencionou um nome — lembrou ela. — Setne?

Sadie torceu o nariz.

— Longa história. É um mago do mal que voltou à vida.

— Ah, odeio quando pessoas do mal voltam à vida. Você disse... que o deixou livre?

— Ah, eu e meu irmão precisávamos da ajuda dele. Na época, não tivemos muita escolha. De qualquer modo, Setne fugiu com o Livro de Tot, a coleção de feitiços mais perigosa do mundo.

— E Setne usou a magia para despertar Serápis.

— Faz sentido. — Sadie deu de ombros. — O monstro crocodilo que meu irmão e seu namorado enfrentaram um tempo atrás, o filho de Sobek... Eu não ficaria surpresa se fosse mais um dos experimentos de Setne. Ele tenta combinar magia grega e egípcia.

Depois do dia que elas tiveram, Annabeth queria colocar o boné de invisibilidade, entrar em um buraco e dormir para sempre. Já tinha salvado o mundo vezes suficientes. Não queria pensar em outra potencial ameaça. Mas não podia ignorá-la. Ela tocou na aba do boné do Yankees e tentou entender por que a mãe o havia devolvido naquele dia, com a magia restaurada.

Atena parecia enviar uma mensagem: *Sempre haverá ameaças poderosas demais para serem enfrentadas de frente. Seus dias de descrição não terminaram. Você precisa seguir com cuidado.*

— Setne quer ser deus — disse Annabeth.

O vento que vinha do mar ficou frio de repente. Tinha menos cheiro de ar fresco marinho e mais de ruínas queimadas.

— Deus... — Sadie tremeu. — Aquele coroa, excêntrico e magrelo, de tanga e cabelo de Elvis. Que pensamento horrível.

Annabeth tentou visualizar o homem que Sadie descrevia. Mas logo decidiu que não queria fazer isso.

— Se o objetivo de Setne é a imortalidade — disse Annabeth —, despertar Serápis não vai ser seu último truque.

Sadie riu, mas sem humor.

— Ah, não. Ele só está brincando com a gente agora. O filho de Sobek... Serápis. Eu apostaria que Setne planejou os dois eventos só para ver o que aconteceria, como os semideuses e magos reagiriam. Ele está testando magia nova, e nossas capacidades, antes de fazer sua verdadeira aposta pelo poder.

— Ele não tem como fazer isso — disse Annabeth, esperançosa. — Ninguém consegue se tornar deus só com feitiços.

A expressão de Sadie não foi tranquilizadora.

— Espero que você esteja certa. Porque um deus que sabe magia grega e egípcia, que consegue controlar os dois mundos... não consigo nem imaginar.

O estômago de Annabeth deu um nó, como se estivesse aprendendo uma nova posição de ioga. Em qualquer guerra, um bom planejamento era mais importante do que apenas poder. Se o tal Setne havia orquestrado a batalha de Percy e Carter com aquele crocodilo, se havia planejado o despertar de Serápis para que Sadie e Annabeth fossem levadas a lutar contra ele... Um inimigo que planejava tão bem seria muito difícil de deter.

Ela enfiou os dedos na areia.

— Serápis disse outra coisa antes de desaparecer: *vocês nunca vão obter a coroa*. Achei que era uma metáfora. Depois lembrei o que ele havia dito sobre Ptolomeu I, o rei que tentou se tornar deus...

— A coroa da imortalidade — lembrou Sadie. — Talvez um *pschent*.

Annabeth franziu a testa.

— Não conheço essa palavra. *Shent?*

Sadie soletrou.

— Uma coroa egípcia, parece mais um pino de boliche. Não é um belo acessório de moda, mas o *pschent* dava ao faraó poder divino. Se Setne está tentando recriar a magia de fazer deuses do velho rei, aposto cinco libras e um prato dos pãezinhos queimados da vovó que está tentando encontrar a coroa de Ptolomeu.

Annabeth decidiu não aceitar a aposta.

— Temos que impedi-lo.

— Certo. — Sadie bebericou o Ribena. — Vou voltar para a Casa do Brooklyn. Depois de bater no meu irmão por não me contar sobre vocês, semideuses, vou botar nossos pesquisadores para trabalhar e ver o que podemos descobrir sobre Ptolomeu. Pode ser que a coroa dele esteja em algum museu por aí. — O lábio de Sadie se curvou. — Apesar de eu *odiar* museus.

Annabeth passou o dedo na areia. Sem perceber, ela desenhou o hieróglifo de Ísis, o *tyet*.

— Também vou pesquisar. Meus amigos no chalé de Hécate podem saber alguma coisa sobre a magia de Ptolomeu. Talvez eu possa convencer minha mãe a me aconselhar.

Pensar na mãe a deixou inquieta.

Naquele dia, Serápis esteve prestes a destruir tanto Annabeth quanto Sadie. Ameaçou usá-las como portais para atrair Atena e Ísis e acabar com elas.

Os olhos de Sadie estavam agitados, como se ela estivesse pensando a mesma coisa.

— Não podemos deixar Setne continuar com essas experiências. Ele vai destruir nossos mundos. Temos que encontrar essa coroa, senão...

Ela olhou para o céu, e sua voz falhou.

— Ah, minha carona chegou.

Annabeth se virou. Por um momento, achou que o *Argo II* estava descendo das nuvens, mas esse era um tipo diferente de barco voador: uma pequena barca de junco

com olhos pintados na proa e uma única vela branca com o símbolo *tyet* desenhado.

Ela parou delicadamente depois da arrebentação.

Sadie se levantou e tirou a areia da calça.

— Quer uma carona para casa?

Annabeth tentou imaginar um barco daqueles navegando até o Acampamento Meio-Sangue.

— Hã, não precisa. Posso voltar sozinha.

— Você que sabe. — Sadie colocou a mochila no ombro e ajudou Annabeth a se levantar. — Você disse que Carter usou hieróglifos para ajudar seu namorado. Tudo bem, tudo ótimo, mas prefiro ficar em contato direto com você.

Annabeth deu um sorrisinho.

— Você está certa. Não dá para confiar nos garotos quando se trata de comunicação.

Elas trocaram o número de celular.

— Mas só ligue se for urgente — avisou Annabeth. — Celulares atraem monstros.

Sadie pareceu surpresa.

— É mesmo? Nunca reparei. Acho que não devo mandar *selfies* com caras engraçadas pelo Instagram, então.

— Melhor não.

— Bom, até a próxima.

Sadie deu um leve abraço em Annabeth.

Annabeth ficou um pouco surpresa ao ganhar um abraço de uma garota que tinha acabado de conhecer, uma garota que podia muito bem ter visto Annabeth como inimiga. Mas o gesto a fez se sentir bem. Annabeth aprendeu que, em

situações de vida ou morte, as pessoas podiam fazer amizade rapidamente.

Ela deu um tapinha no ombro de Sadie.

— Tenha cuidado.

— É difícil.

Sadie subiu no barco, que partiu para o mar. Surgiu uma neblina do nada, que ficou densa ao redor da embarcação. Quando a neblina sumiu, o navio e Sadie Kane tinham desaparecido.

Annabeth ficou olhando para o oceano vazio. Pensou na Névoa, no Duat e em como eles estavam ligados.

Mais do que tudo, ela pensou no cajado de Serápis e no uivo que o cachorro preto dera quando ela o perfurara com a adaga.

— Não foi meu futuro que eu destruí — garantiu a si mesma. — Eu faço meu futuro.

Mas, em algum lugar por ali, um mago chamado Setne tinha outros planos. Se Annabeth queria detê-lo, tinha que se preparar.

Ela deu meia-volta e saiu andando pela praia, rumo ao leste, iniciando a longa jornada de volta ao Acampamento Meio-Sangue.

A COROA DE PTOLOMEU

UMA AVENTURA DE PERCY JACKSON, ANNABETH CHASE
E CARTER E SADIE KANE



PERCY JACKSON

— **CARTER!** — **GRITEI.**

Nada aconteceu.

Ao meu lado, recostada no muro do antigo forte, Annabeth espiou a chuva, esperando que adolescentes mágicos caíssem do céu.

— Está fazendo isso direito? — perguntou ela.

— Ih, sei lá. Tenho quase certeza de que o nome dele se pronuncia *Carter*.

— Experimenta bater no hieróglifo várias vezes.

— Isso é ridículo.

— Experimenta.

Olhei para minha mão. Não havia nem sinal do hieróglifo que Carter Kane tinha desenhado em minha pele quase dois meses antes. Ele me garantira que a magia do símbolo não sairia com a água, mas, sortudo como eu sou, devo ter feito alguma besteira ao passar a mão na calça ou algo assim.

Bati na palma da mão.

— Carter? Alô, Carter? Percy para Carter. Chamando Carter Kane. Testando, um, dois, três. Essa coisa está ligada?

Nada ainda.

Normalmente, eu não entraria em pânico se a cavalaria não aparecesse. Annabeth e eu já passamos por poucas e boas sem ajuda alguma. Só que normalmente não ficamos presos em Governors Island no meio de um furacão, cercados por cobras assassinas que cospem fogo.

(Quer dizer, eu *já* me vi cercado por cobras assassinas que cospem fogo, mas aquelas não tinham asas. Tudo fica pior com asas.)

— Muito bem. — Annabeth enxugou os olhos molhados de chuva, mas não adiantou nada, pois estava caindo uma tempestade. — Sadie não atendeu o telefone. O hieróglifo do Carter não está funcionando. Acho que vamos ter que resolver isso sozinhos.

— Claro — falei. — Mas o que vamos fazer?

Espreitei na esquina, atrás da quina do muro. Ao final de uma comprida passagem em arco, um gramado ocupava cerca de cem metros quadrados de um pátio interno, cercado por construções de tijolinhos vermelhos. Annabeth tinha me dito que aquele lugar era um forte ou algo parecido da Guerra de Independência americana, mas eu não tinha prestado atenção aos detalhes. Nosso maior problema era o cara de pé no meio do gramado fazendo um ritual mágico.

Ele parecia um Elvis Presley nanico, desfilando de lá pra cá em uma calça jeans skinny preta, uma camisa azul-clara e uma jaqueta de couro preta. Seu topete oleoso parecia intocado pela chuva e pelo vento.

O cara segurava um pergaminho velho que parecia um mapa do tesouro. Enquanto andava de um lado para outro, ele lia em voz alta, de vez em quando jogando a cabeça para trás e rindo. Basicamente, o sujeito estava em modo louco força total.

Como se isso não fosse assustador o bastante, seis serpentes aladas voavam ao redor dele, cuspidas chamas no meio da chuva.

Um relâmpago brilhou no céu. O ruído do trovão fez tremer meus molares.

Annabeth me puxou de volta.

— Esse aí só pode ser o Setne — disse ela. — O pergaminho que ele está lendo é do *Livro de Tot*. Seja lá qual for o feitiço que está lançando, temos que impedi-lo.

A essa altura, eu deveria voltar e explicar o que estava acontecendo.

Só tinha um problema: eu não fazia ideia do que estava acontecendo.

Alguns meses atrás, eu enfrentei um crocodilo gigante em Long Island. Um garoto chamado Carter Kane apareceu se dizendo mago e me ajudou, explodindo coisas com hieróglifos e se transformando em um guerreiro gigante que brilhava e tinha cabeça de galinha. Juntos, derrotamos o crocodilo, que, segundo Carter, era o filho de Sobek, o deus crocodilo egípcio. Carter avaliou a situação e concluiu que estava acontecendo alguma coisa estranha, híbrida de egípcia e grega. (Uau, eu nunca teria adivinhado.) O garoto desenhou um hieróglifo mágico na palma da minha mão e

disse que era só eu chamar o nome dele se algum dia precisasse de ajuda.

Agora pulemos para o mês passado: Annabeth encontrou por acaso a irmã de Carter, Sadie Kane, no trem para Rockaway. As duas lutaram contra um sujeito divino chamado Serápis, que tinha um cajado com três cabeças e usava uma tigela de cereal como chapéu. Encerrada a luta, Sadie contou a Annabeth que talvez um mago muito antigo chamado Setne estivesse por trás de todas aquelas coisas estranhas. Pelo que entendi, esse tal de Setne tinha voltado dos mortos, arranjado um manual de feitiçaria ultrapoderoso chamado *Livro de Tot* e estava mexendo com as magias egípcia e grega na esperança de encontrar um jeito de se tornar um deus. Sadie e Annabeth trocaram números de celular e combinaram de manter contato.

Hoje, quatro semanas depois, Annabeth apareceu no meu apartamento às dez da manhã dizendo que havia tido um sonho ruim: uma visão de sua mãe.

(A propósito: a mãe dela é Atena, a deusa da sabedoria. Meu pai é Poseidon. Somos semideuses gregos. Achei que era bom mencionar isso, tipo, só para refrescar a memória.)

Annabeth decidiu que, em vez de ir ao cinema, seria bacana passarmos o sábado nos arrastando até a ponta de Manhattan e pegando a barca para Governors Island, onde, segundo Atena, estavam surgindo problemas.

Assim que chegamos, um furacão bizarro varreu o porto de Nova York. Todos os mortais foram evacuados de Governors Island, deixando Annabeth e eu presos em um

velho forte com o Elvis Maluco e as Cobras Mortais Voadoras.

Faz sentido para você?

Nem para mim.

— Seu boné de invisibilidade — falei. — Voltou a funcionar, não foi? Que tal eu distrair Setne enquanto você se aproxima por trás? Aí você arranca o livro das mãos dele.

Annabeth franziu o cenho. Mesmo com o cabelo louro encharcado e colado no rosto ela ficava bonita. Seus olhos eram da mesma cor das nuvens da tempestade.

— Pelo que dizem, Setne é o maior mago do mundo. Talvez ele veja através do véu de invisibilidade — argumentou ela. — Além do mais, se você for até lá, é capaz de ele fritar você com um feitiço. Pode acreditar, você não vai querer ser fritado com magia egípcia.

— Eu sei. Carter me acertou com um punho azul brilhante uma vez. Mas, a não ser que você tenha alguma ideia melhor...

Infelizmente, ela não tinha. Annabeth pegou da mochila o boné dos New York Yankees.

— Você me dá um minuto de vantagem? Tente derrubar aquelas cobras voadoras primeiro. Devem ser alvos mais fáceis.

— Pode deixar. — Ergui minha caneta esferográfica. Tudo bem, não é algo que impressione como arma, mas ela vira uma espada mágica quando tiro a tampa. É sério. — Uma lâmina de bronze celestial consegue matar essas cobras?

Annabeth franziu o cenho novamente.

— Deveria. Pelo menos... minha adaga de bronze funcionou contra o cajado de Serápis. Se bem que aquela adaga era feita de uma varinha egípcia, então...

— Estou ficando com dor de cabeça. Normalmente, quando tenho dor de cabeça, é hora de parar de falar e atacar algum monstro.

— Tudo bem. Mas não esqueça: nosso objetivo principal é pegar aquele pergaminho. Pelo que Sadie me disse, Setne pode usá-lo para se tornar imortal.

— Entendido. Nada de caras maus virando imortais sob a minha vigilância.

Então eu a beijei, porque 1) quando você é um semideus indo para a batalha, cada beijo pode ser seu último e 2) eu gosto de beijar Annabeth.

— Tome cuidado — disse ela.

Então colocou o boné dos Yankees e desapareceu.

Eu adoraria dizer que me aproximei do cara e matei as cobras, que Annabeth esfaqueou Elvis nas costas e pegou o pergaminho e que nós dois fomos para casa felizes.

Bem que *pelo menos uma vez* as coisas poderiam acontecer do jeito que planejamos.

Mas nããããão.

Dei alguns segundos para Annabeth chegar ao pátio de fininho.

Em seguida, abri a caneta, e Contracorrente surgiu em seu comprimento total: quase um metro de bronze celestial afiadíssimo. Avancei até o pátio e cortei em pleno ar a primeira serpente que encontrei.

Se você quer mandar um *Oi, colega!* marcante para um sujeito, nada melhor que matar o réptil voador dele.

Ao contrário da maioria dos monstros que já enfrentei, a cobra não se desintegrou. As duas metades simplesmente caíram na grama molhada, a metade com asas se sacudindo de um lado para outro, perdida.

O Elvis Maluco nem reparou no que tinha acontecido. Continuou andando de um lado para outro, absorto no pergaminho, então segui em frente e mandei ver em uma segunda cobra.

Estava difícil enxergar, por causa da tempestade. Em geral eu consigo continuar seco quando estou dentro d'água, mas na chuva é mais complicado. Os pingos alfinetavam minha pele e entravam nos meus olhos.

Relampejou. Quando minha visão clareou, duas cobras mergulhavam sobre mim, cada uma vindo de um lado. Dei um pulo para trás bem a tempo de escapar dos cuspes de fogo.

Caso vocês não saibam, é difícil pular para trás com uma espada na mão. E é ainda mais difícil quando o chão está coberto de lama.

Resumindo: escorreguei e caí de bunda.

Jatos de chamas cortaram o ar acima da minha cabeça, mas depois as duas cobras ficaram voando em círculos sobre mim como se estivessem surpresas demais para atacar novamente. Deviam estar se perguntando: *Esse cara caiu de bunda de propósito? Devemos rir antes de matá-lo? Seria muito cruel?*

Antes que elas decidissem o que fazer, o Elvis Maluco gritou:

— Deixem-no!

Na mesma hora as cobras foram se juntar às irmãs, que orbitavam três metros acima do mago.

Eu queria me levantar e encarar Setne, mas minha bunda tinha outros planos: ficar onde estava, sofrendo uma dor absurda. As bundas são assim às vezes. São umas... bundonas.

Setne enrolou o pergaminho e foi andando na minha direção, a chuva se abrindo a sua passagem como uma cortina de contas. As cobras aladas o seguiram, produzindo nuvens de vapor em meio à tempestade com seus cuspes de fogo.

— Olá! — disse Setne, de um jeito tão casual e simpático que eu logo vi que estava encrencado. — Você é um semideus, imagino.

Como ele sabia? Talvez sentisse o “cheiro” da aura de um semideus, da mesma forma que os monstros gregos. Ou talvez meus amigos brincalhões, os irmãos Stoll, tivessem escrito sou um semideus na minha testa com caneta permanente, e Annabeth tivesse decidido não me contar. Isso acontecia de vez em quando.

O sorriso de Setne fazia seu rosto parecer ainda mais sombrio. Os olhos, com delineador preto, compunham uma expressão faminta e bestial. Um cordão de ouro com dois *ankhs* entrelaçados cintilava no pescoço, e da orelha

esquerda pendia um ornamento que parecia uma falange humana.

— Você deve ser Setne. — Consegui me levantar sem morrer. — Comprou essa roupa para a festa de Halloween?

Setne deu uma risadinha.

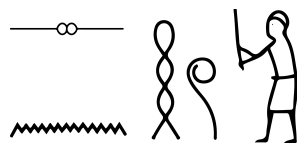
— Olha, não é nada pessoal, mas estou meio ocupado no momento. Vou pedir que você e sua namorada esperem até eu terminar meu feitiço, tudo bem? Depois que eu tiver conjurado a *deshret*, podemos bater um papo.

Tentei parecer confuso, uma das minhas expressões mais convincentes.

— Que namorada? Eu estou sozinho. Além do mais, por que você vai conjurar um deserto?

— É *deshret*. — Setne ajeitou o topete. — A coroa vermelha do Baixo Egito. Quanto à sua namorada... — Ele se virou e apontou para trás, gritando algo parecido com: — *Sun-AH!*

Hieróglifos vermelhos surgiram no ar, como se ardessem em fogo, no local que Setne apontou.



Annabeth ficou visível. Eu nunca a tinha de fato visto com o boné dos Yankees, já que ela desaparecia a cada vez que o colocava, mas ali estava ela: os olhos arregalados de surpresa, pega na tentativa de se aproximar de Setne sem ser notada.

Antes que ela pudesse reagir, os hieróglifos vermelhos incandescentes se tornaram fios grossos, que cortaram o ar e enlaçaram Annabeth, prendendo seus braços e pernas com tanta força que ela se desequilibrou e caiu.

— Ei! — gritei. — Solte minha namorada!

O mago abriu um sorriso presunçoso.

— Magia de invisibilidade? *Por favor.* Eu uso feitiços desse tipo desde que as pirâmides ainda estavam na garantia. Como falei, não é nada pessoal, semideuses, só não posso desperdiçar energia matando vocês... pelo menos não enquanto não terminar a conjuração. Espero que entendam.

Meu coração disparou. Eu já tinha presenciado magia egípcia, quando Carter me ajudara a enfrentar o crocodilo gigante em Long Island, mas não fazia ideia de como impedi-la e não conseguia suportar ver aquele mago a usando contra Annabeth.

Parti para cima dele, mas Setne apenas fez um gesto com a mão e murmurou:

— *Hu-Ai.*

Mais hieróglifos idiotas surgiram na minha frente.



Caí de cara no chão.

Minha cara não curtiu muito. Fiquei com lama nas narinas e sangue na boca, porque mordi a língua. Quando

pisquei, os hieróglifos vermelhos arderam por dentro das minhas pálpebras.

— *O que foi* esse feitiço? — falei, com um gemido.

— *Cair* — respondeu Setne. — Um dos meus preferidos. É sério, não se levante. Só vai se machucar mais.

— Setne! — gritou Annabeth, debaixo da tempestade. — Preste atenção: você *não pode* se transformar em um deus. Não vai dar certo. Você só vai destruir...

As cordas mágicas se expandiram, cobrindo a boca de Annabeth.

— Agradeço a preocupação — disse o mago. — De verdade. Mas tenho tudo sob controle. Aquela história com Serápis... quando você destruiu meu deus híbrido, lembra? Apreendi bastante com aquilo. Fiz anotações muito úteis.

Annabeth tentava se soltar, mas era em vão.

Eu queria correr até ela, mas tinha o pressentimento de que acabaria com a cara na lama de novo. Dessa vez precisaria usar a inteligência... o que não é muito meu estilo.

Tentei estabilizar a respiração. E me virei de lado, só para ver se conseguia.

— Então você estava na praia Rockaway, vendo tudo? — perguntei a Setne. — Quando Annabeth e Sadie acabaram com Serápis... foi tudo parte de um plano seu?

— É claro! — Setne parecia muito satisfeito consigo mesmo. — Eu anotei os feitiços que Serápis usou quando tentou erguer o novo farol de Alexandria. Depois, foi só compará-los com a magia mais antiga que consta no *Livro*

de Tot e *voilà!* Encontrei a combinação exata de feitiços para me transformar em deus. Vai ser incrível. Observe e aprenda!

Setne abriu o pergaminho e voltou a entoar os dizeres. As serpentes aladas subiam em espirais na chuva. Um relâmpago brilhou. O chão tremeu.

À esquerda de Setne e a uns quatro metros de mim, o chão gramado se abriu e um gêiser de chamas jorrou para o alto. Na mesma hora as serpentes voaram até lá, unindo-se a terra, fogo e chuva, tudo girando em um tornado, se mesclando e se solidificando até formar uma enorme naja com cabeça de mulher, toda enroscada.

Seu gorro reptiliano devia ter facilmente dois metros de largura. Seus olhos brilhavam como rubis. Uma língua bifurcada se remexia entre seus lábios, e seu cabelo preto era trançado com ouro. Sobre a cabeça dela repousava uma espécie de coroa: algo como um chapéu em miniatura, vermelho e com um ornamento de arabesco na frente.

Olha, para ser sincero, não sou muito fã de cobras gigantescas, muito menos se elas têm cabeça humana e usam um chapéu idiota. Se eu tivesse conjurado aquela coisa, faria um feitiço para mandá-la de volta para o lugar de onde veio, e rápido.

Mas Setne só enrolou o pergaminho, guardou-o no bolso da jaqueta e sorriu.

— Maravilha!

A mulher-cobra sibilou:

— Quem ousa me invocar? Sou Wadjet, rainha das najas, protetora do Baixo Egito, eterna padroeira de...

— Eu sei! — Setne bateu palmas. — Sou um grande fã seu!

Fui rastejando na direção de Annabeth. Não que eu fosse de grande ajuda naquele momento, com o feitiço *cair* me impedindo de levantar, mas queria estar perto dela se aquela naja rainha de sei lá o quê fizesse alguma coisa. Talvez eu conseguisse ao menos usar Contracorrente para cortar aquelas cordas vermelhas, dando a Annabeth a chance de lutar.

— Ah, isso é demais — continuou Setne, e pegou alguma coisa do bolso da calça. Um celular.

A deusa mostrou as presas e lançou sobre Setne uma fumaça verde (veneno, eu acho), mas ele repelia a nuvem tóxica como a ogiva de um foguete espacial repele o calor.

Continuei rastejando na direção de Annabeth, que ainda lutava inutilmente para se soltar do casulo de cordas vermelhas. A frustração ardia nos olhos dela. Annabeth odeia ser deixada de lado, mais do que praticamente qualquer coisa.

— Muito bem, onde eu clico para usar a câmera? — perguntou Setne, mexendo desajeitadamente no celular. — Temos que tirar uma foto juntos antes que eu destrua você.

— Antes que você *me destrua*?

A deusa naja se lançou para cima de Setne, mas foi jogada para trás por uma rajada de chuva e vento.

Eu estava a três metros de Annabeth. A lâmina de Contracorrente brilhou quando a arrastei pela lama.

— Vamos ver. — Setne deu tapinhas no celular. — Desculpa, essas coisas são novidade para mim. Sou da Décima Nona Dinastia. Opa, já sei. Não. Droga. Onde foi parar a tela? Ah! Aqui! Como é mesmo que o pessoal moderno chama isso? *Shelfy*? — Ele inclinou o corpo para se aproximar da deusa naja, esticou o braço com o celular e tirou uma foto. — Pronto!

— O QUE SIGNIFICA ISSO? — rugiu Wadjet. — COMO OUSA TIRAR UMA *SELFIE* COM A DEUSA NAJA?

— Isso! *Selfie*! — exclamou o mago. — Obrigado. Agora vou pegar sua coroa e consumir sua essência. Espero que não se importe.

— O QUÊ?

A deusa naja recuou e mostrou as presas de novo, mas a chuva e o vento a prenderam como um cinto de segurança. Setne gritou alguma coisa em uma mistura de egípcio e grego arcaicos. Algumas das palavras gregas que entendi: *alma* e *ligação* e talvez *manteiga* (mas posso ter me enganado quanto a esta última). A deusa naja começou a se contorcer.

Alcansei Annabeth bem na hora em que Setne terminou de declamar o feitiço.

Então a deusa naja implodiu, e o barulho que se ouviu foi como o maior canudo do mundo terminando de tomar o maior milk-shake do mundo. Wadjet foi sugada para dentro da própria coroa vermelha, junto com as quatro serpentes

aladas de Setne e o círculo de um metro e meio do gramado, onde a deusa tinha estado enroscada.

Por fim, a coroa caiu na cratera fumegante e coberta de lama.

Setne riu com prazer.

— PERFEITO!

Se, por *perfeito*, o sujeito queria dizer *tão horrível que me dá vontade de vomitar e ai meu Deus preciso tirar Annabeth daqui agora mesmo*, eu concordava com ele.

Setne desceu na cratera para pegar a coroa. Aproveitei a chance para começar a cortar desesperadamente as cordas que prendiam Annabeth. Eu tinha acabado de livrá-la da mordaca quando as cordas emitiram um som parecido com o de uma buzina.

Meus ouvidos doeram. Minha visão ficou turva.

Quando o som parou e a vertigem passou, Setne estava de pé ao nosso lado, agora com a coroa vermelha encaixada no topete.

— As cordas gritam quando são cortadas — avisou ele. — Acho que eu devia ter mencionado isso.

Annabeth se contorcia, tentando soltar as mãos.

— O que... o que você fez com a deusa naja?

— Hã? Ah. — Setne deu um tapinha no arabesco que decorava a coroa. — Eu devorei a essência dela. Agora tenho o poder do Baixo Egito.

— Você... você devorou uma deusa! — exclamei.

— Pois é! — Ele tirou da jaqueta o *Livro de Tot* e o balançou diante dos nossos olhos. — É incrível a riqueza de

informações que tem aqui. Ptolomeu I teve a ideia certa, fazer de si mesmo um deus, mas, quando ele se tornou rei de Alexandria, a magia egípcia estava diluída e fraca. Ptolomeu certamente não teve acesso a um material de primeira como o *Livro de Tot*. Com esta belezinha aqui, estou com tudo! E agora que a coroa do Baixo Egito é minha, eu vou...

— Deixe-me adivinhar: vai atrás da coroa do Alto Egito — disse Annabeth. — Depois vai juntar as duas e governar o mundo.

Ele sorriu.

— Garota esperta. Mas primeiro tenho que destruir vocês dois. Nada pessoal. É só que eu descobri que um pouco de sangue de semideus é um ótimo catalisador para magia híbrida greco-egípcia. Agora, se vocês puderem ficar bem paradinhos...

Foi quando eu avancei de um pulo, a espada em riste.

Por incrível que pareça, Contracorrente se cravou bem na barriga dele.

É tão raro as coisas darem certo para mim que só fiquei agachado ali, perplexo, segurando a espada com a mão tremendo.

— Uau. — Setne olhou para o sangue em sua camisa azul-clara. — Mandou bem.

— Obrigado. — Tentei puxar Contracorrente de volta, mas tinha ficado presa. — Então... já pode morrer agora, se não se importa.

Setne sorriu como quem pede desculpas.

— Acontece que... agora estou além do alcance da morte. Com este instrumento... — Ele tocou a lâmina. — Sinto dizer que o máximo que você pode fazer é me deixar mais forte!

A coroa vermelha começou a brilhar.

Então, por um milagre, meus instintos salvaram minha vida. Apesar do feitiço que Setne jogara em mim, consegui me levantar, alcançar Annabeth e me jogar junto com ela para o mais longe possível daquele mago.

Aterrissei no chão junto à passagem em arco no momento em que um rugido terrível fez o pátio tremer. Árvores foram arrancadas do solo; janelas se estilhaçaram; tijolos despencaram das paredes e tudo ao redor foi sendo puxado na direção de Setne, como se ele tivesse virado o novo centro de gravidade. Até as cordas mágicas que prendiam Annabeth foram arrancadas. Reunindo todas as minhas forças, eu a segurei com um dos braços enquanto me agarrava a uma coluna com o outro.

Nuvens de destroços giravam ao redor do mago. Madeira, pedra e vidro se vaporizavam à medida que eram absorvidos pelo corpo de Setne.

Quando a gravidade voltou ao normal, percebi que tinha deixado para trás uma coisa importante.

Contracorrente tinha sumido. O ferimento na barriga de Setne se fechara.

— Ei! — falei, me levantando com as pernas trêmulas. — Você comeu minha espada!

Minha voz soou aguda, como a de um garotinho de quem roubaram o dinheiro do lanche. A questão é que Contracorrente era meu bem mais importante. Estava comigo havia muito tempo. E me acompanhara em muitas enrascadas.

Eu já a perdera algumas vezes, mas ela sempre reaparecia em meu bolso, na forma de caneta. Dessa vez, tinha a sensação de que isso não aconteceria. Contracorrente havia sido *consumida*: sugada para dentro do corpo de Setne, junto com os tijolos, os estilhaços de vidro e vários centímetros cúbicos de terra.

— Lamento por isso — disse Setne, erguendo as mãos com as palmas para cima. — Sou uma divindade em crescimento. Preciso me nutrir... — Ele inclinou a cabeça como se estivesse prestando atenção a alguma coisa em meio à tempestade. — *Percy Jackson*. Interessante. E sua amiga é Annabeth Chase. Vocês viveram aventuras interessantes. Serão um excelente alimento!

Annabeth se levantou com dificuldade.

— Como sabe nossos nomes?

— Ah, devorar o bem mais precioso de alguém é uma boa forma de saber informações sobre seu dono. — Setne deu tapinhas na barriga. — Agora, se não se importam, preciso mesmo consumir vocês. Mas não se preocupem! A essência dos dois vai viver para sempre bem aqui... ao lado do meu... hã... pâncreas, eu acho.

Lentamente, segurei a mão de Annabeth. Depois de tudo pelo que havíamos passado, eu não permitiria que

tivéssemos aquele fim: devorados por um Elvis aspirante a deus com um chapéu ridículo.

Considerarei minhas opções: ataque direto ou retirada estratégica. Minha vontade era dar um soco nos olhos excessivamente pintados de Setne, mas, se conseguisse chegar à beira do cais com Annabeth, poderíamos pular na água. Sendo filho de Poseidon, eu estaria em vantagem no mar. Poderíamos nos reorganizar, talvez até voltar com mais algumas dúzias de amigos semideuses e artilharia pesada.

Antes que eu pudesse decidir, uma coisa completamente aleatória gerou uma reviravolta na situação.

Um camelo caiu do céu e esmagou Setne.

— Sadie! — gritou Annabeth.

Por uma fração de segundo, achei que ela estivesse chamando o camelo de *Sadie*, mas então percebi que ela olhava para o alto, onde dois falcões voavam em espiral acima do pátio.

O camelo berrou e peidou, o que me fez gostar mais ainda dele.

Infelizmente, porém, não tivemos tempo de ficarmos amigos. O camelo arregalou os olhos, soltou um gemido de susto e se desfez em areia.

Setne se levantou do monte de areia e terra, a coroa torta na cabeça, a jaqueta preta coberta de pelo de camelo, mas não parecia ferido.

— Isso foi deselegante. — Então olhou para os dois falcões, que desciam velozes na direção dele. — Não tenho tempo para essa bobagem.

E, bem na hora em que os pássaros iam arrancar a cara dele, Setne desapareceu em um redemoinho de chuva.

Os falcões pousaram e se transformaram em dois adolescentes humanos. À direita estava meu amigo Carter Kane, exibindo um visual despojado em sua calça larga de linho bege. Segurava uma varinha curva de marfim em uma das mãos e, na outra, uma espada com lâmina em forma de gancho. À esquerda, vi uma garota loura pouco mais nova que Carter — devia ser a irmã dele, Sadie. Ela usava uma calça também larga e de linho, só que preta, além de coturnos enlameados; tinha mechas laranja no cabelo e segurava um cajado de madeira branca.

Fisicamente, os dois não eram nada parecidos. Carter tinha a pele mais acobreada, o cabelo preto e cacheado. Sua expressão pensativa irradiava seriedade. Sadie, em contraste, tinha a pele bem clara, olhos azuis e um sorrisinho tão travesso que, se eu a conhecesse no Acampamento Meio-Sangue, acharia que é filha de Hermes.

Pensando bem, quem sou eu para falar sobre a falta de semelhança entre os Kane? Meus irmãos são ciclopes e tritões de duas caudas.

Annabeth soltou um suspiro de alívio e deu um grande abraço em Sadie, exclamando:

— Estou *tão* feliz de ver vocês!

Carter e eu nos entreolhamos.

— E aí, cara — falei. — Não vou abraçar você, não.

— Tudo bem — concordou Carter. — Desculpem pelo atraso. Essa tempestade atrapalhou nossa magia de localização.

Fiz que sim, como se soubesse o que era *magia de localização*.

— Mas então... — falei — esse amigo de vocês, Setne... ele é, tipo, um porco imundo.

Sadie deu uma risada de deboche.

— Vocês não fazem *ideia*. Por acaso ele fez aquele monólogo de vilão, que é sempre útil? Revelou os planos malignos, disse para onde iria, esse tipo de coisa?

— Ah, ele usou um pergaminho, o *Livro de Tot* — respondi. — Conjurou uma deusa naja, devorou a essência dela e roubou o chapéu vermelho da coitada.

— Droga. — Sadie olhou para Carter. — Agora ele vai atrás da coroa do Alto Egito.

— É — confirmou Carter. — E, se ele conseguir juntar as duas...

— Vai se tornar imortal — completou Annabeth. — Um deus novinho em folha. Aí ele vai começar a sugar do mundo todas as magias gregas e egípcias.

— Sem contar que ele roubou minha espada — acrescentei. — Quero ela de volta.

Os três ficaram olhando para mim.

— Que foi? Eu gosto da minha espada.

Carter prendeu no cinto o *khopesh* de lâmina curva e a varinha.

— Contem tudo que aconteceu. Com detalhes.

Enquanto falávamos, Sadie murmurou uma espécie de feitiço, fazendo a chuva se curvar ao nosso redor como se estivéssemos debaixo de um enorme guarda-chuva invisível. Maneiro.

Annabeth tem uma memória melhor, então foi ela quem contou quase toda a nossa luta com Setne... embora chamar de *luta* fosse generosidade.

Quando ela terminou, Carter se ajoelhou e desenhou alguns hieróglifos na lama.

— Se Setne pegar a *hedjet*, é o nosso fim — disse ele. — Ele vai formar a coroa de Ptolomeu e...

— Espere — falei. — Tenho baixa tolerância para nomes confusos. Será que você pode explicar o que está acontecendo usando, tipo, palavras comuns?

Carter franziu a testa.

— O *pschent* é a coroa dupla do Egito, certo? A metade de baixo é a coroa vermelha, a *deshret*. Representa o Baixo Egito. A metade de cima é a *hedjet*, a coroa branca do Alto Egito.

— Quem usa as duas juntas — acrescentou Annabeth — se torna o faraó de todo o Egito.

— Só que, neste caso — disse Sadie —, nosso amigo feioso, Setne, está criando um *pschent* muito especial: a coroa de Ptolomeu.

— Hum... — Eu ainda não tinha entendido, mas achei que deveria ao menos fingir que estava acompanhando. — Mas esse Ptolomeu não era grego?

— Era — respondeu Carter. — Alexandre, o Grande, conquistou o Egito. E morreu. Aí o general dele, Ptolomeu, assumiu e tentou fundir as religiões grega e egípcia. Ele se proclamou um rei-deus, como os antigos faraós, mas não parou por aí. Ptolomeu usou uma combinação de magias grega e egípcia para tentar se tornar imortal. Não funcionou, mas...

— Setne aperfeiçoou a fórmula — adivinhei. — Aquele *Livro de Tot* dá a ele magia de primeira.

Sadie bateu palmas para minha dedução.

— Acho que agora você entendeu. Setne vai recriar a coroa de Ptolomeu, mas desta vez do jeito certo, e vai se tornar um deus.

— E isso é ruim — falei.

Annabeth ficou mexendo distraidamente na orelha enquanto pensava sobre o assunto.

— Então... quem era a deusa naja?

— Wadjet — disse Carter. — A guardiã da coroa vermelha.

— E existe um guardião da coroa branca? — perguntou ela.

— Nekhbet. — Carter fez cara feia. — A deusa abutre. Não gosto muito dela, mas acho que vamos ter que impedir que seja devorada. Como Setne precisa da Coroa do Reino Alto, deve ir para o sul fazer o próximo ritual. É uma coisa meio simbólica.

— O alto normalmente não é o norte? — perguntei.

Sadie deu um sorrisinho.

— Ah, isso seria fácil *demais*. No Egito, o alto é o sul, porque o Nilo corre do sul para o norte.

— Que ótimo — falei. — E esse sul seria onde? Brooklyn? Antártida?

— Acho que o Setne não vai assim tão longe. — Carter se levantou e observou o horizonte. — Nosso quartel-general fica no Brooklyn. E imagino que Manhattan seja tipo a central dos deuses gregos. Um tempão atrás, nosso tio Amós deu a entender isso.

— Ah, é — confirmei. — O Monte Olimpo fica acima do Edifício Empire State, então...

— O Monte Olimpo... — Sadie ficou me olhando — fica em cima do... É claro. Por que não? Acho que meu irmão quer dizer que, se Setne quisesse estabelecer um novo núcleo de poder unindo o grego e o egípcio...

— ...ele pensaria em algum lugar que ficasse entre o Brooklyn e Manhattan — completou Annabeth. — Como aqui mesmo, Governors Island.

— Exatamente — confirmou Carter. — Ele vai precisar conduzir o ritual da segunda coroa ao sul daqui, mas não precisa ser *muito* ao sul. Se eu fosse ele...

— Que bom que não é — comentei.

— ...ficaria aqui mesmo, em Governors Island. Estamos na ponta norte da ilha, então...

Olhei na direção sul.

— Alguém sabe o que tem na outra ponta?

— Eu nunca estive aqui — disse Annabeth. — Mas acho que tem uma área de piquenique.

— Que lindo. — Sadie ergueu o cajado. A ponta ardeu com um fogo branco. — Alguém a fim de fazer um piquenique na chuva?

— Setne é perigoso — disse Annabeth. — Não podemos simplesmente partir para cima dele. Precisamos de um plano.

— Ela tem razão — disse Carter.

— Eu até que gosto da ideia de partir para cima — falei. — Velocidade é fundamental, certo?

— *Obrigada* — murmurou Sadie, aliviada.

— Inteligência *também* é fundamental — disse Annabeth.

— Exatamente — disse Carter. — Temos que pensar como atacar.

Sadie revirou os olhos.

— Como eu temia — disse, se dirigindo a mim. — Esses dois juntos... vamos morrer antes que eles terminem de pensar.

Eu tinha o mesmo pressentimento, mas Annabeth estava ficando com aquela expressão tempestuosa de irritação, e, como ela é minha *namorada*, achei melhor tentar um acordo:

— Que tal planejarmos enquanto caminhamos para o sul? Podemos andar bem devagar.

— Fechado — disse Carter.

Saindo do antigo forte, seguimos pela rua, passando por elegantes prédios de tijolinho que deviam ter sido quartéis militares em outros tempos. Cruzamos campos de futebol encharcados. O temporal continuava, mas o guarda-chuva

mágico de Sadie nos acompanhou, nos protegendo quase totalmente.

Annabeth e Carter compararam as anotações das pesquisas que tinham feito. Os dois falavam sobre Ptolomeu e sobre misturar as magias grega e egípcia.

Sadie não parecia interessada em estratégia. Com seu coturno, ia pulando de poça em poça, cantarolando baixinho, girando como uma criancinha e de vez em quando tirando coisas aleatórias da mochila: pequenos animais de cera, um pedaço de barbante, um giz, um saco amarelo de balas.

Ela me lembrava alguém...

Então entendi. Fisicamente, ela era uma versão mais jovem de Annabeth, mas a inquietação e a agitação eram a cara de... bem, a minha cara. Se Annabeth e eu tivéssemos uma filha, provavelmente seria bem parecida com Sadie.

Opa.

Não que eu já tenha sonhado com filhos. Quer dizer, se você namora alguém por mais de um ano, a ideia começa a surgir em algum ponto da sua mente, certo? Ainda assim... eu acabei de fazer dezessete anos. Não estou pronto para pensar *tão* seriamente nessas coisas. Além do mais, sou um semideus. Passo o dia ocupado tentando me manter vivo.

No entanto, ao olhar para Sadie, consegui me imaginar tendo, um dia, uma garotinha que tivesse a cara de Annabeth e o meu jeito: uma linda semideusa que não parasse quieta, sempre pulando nas poças e esmagando monstros com camelos mágicos.

Eu devia estar encarando Sadie, porque ela me olhou de cara feia.

— Que foi?

— Nada — falei depressa.

Carter me cutucou.

— Você estava prestando atenção?

— Sim. Não. O quê?

Annabeth suspirou.

— Percy, explicar coisas para você é a mesma coisa que dar uma palestra para um porquinho-da-índia.

— Ei, Sabidinha, não começa.

— Deixa pra lá, Cabeça de Alga. Só estávamos dizendo que precisamos pensar em um ataque múltiplo.

— Ataque múltiplo... — Bati no bolso, mas Contracorrente não tinha reaparecido. Eu não queria admitir que isso me deixava bastante nervoso.

Claro, eu tenho outros recursos. Consigo fazer ondas (literalmente) e, de vez em quando, conjurar um belo furacão. Mas minha espada era uma grande parte de mim. Sem Contracorrente, eu me sentia aleijado.

— Como vamos fazer isso? — Um brilho malicioso surgiu nos olhos de Carter, deixando-o mais parecido com a irmã.

— Vamos fazer o feitiço se virar contra o feiticeiro. Setne está usando magia híbrida, unindo magia grega e egípcia, certo? Vamos fazer o mesmo.

Annabeth assentiu.

— Ataques ao estilo grego não vão funcionar. Você viu o que Setne fez com a sua espada. E Carter tem certeza de

que feitiços egípcios comuns também não serão suficientes. Mas, se conseguirmos encontrar um jeito de unir nossos poderes...

— Você *sabe* fazer isso? — perguntei.

Os sapatos de Carter faziam barulho na lama.

— Bem... não exatamente.

— Ah, por favor — disse Sadie. — É *fácil*. Carter, dê sua varinha para o Percy.

— Por quê?

— Faça o que eu falei, irmãozinho querido. Annabeth, você se lembra de quando enfrentamos Serápis?

— Isso! — Os olhos de Annabeth se iluminaram. — Eu peguei a varinha da Sadie e a transformei em uma adaga de bronze celestial, como a minha antiga. E essa arma destruiu o cajado de Serápis. Talvez a gente consiga criar outra arma grega a partir de uma varinha egípcia. Boa ideia, Sadie.

— Viva. Sabe, eu não preciso passar horas fazendo planos e pesquisas para ser brilhante. Agora, Carter, por favor.

Assim que peguei a varinha, minha mão se contraiu como se eu estivesse segurando um cabo elétrico. Pontadas de dor subiram pelo meu braço. Tentei largar aquilo, mas não consegui. Meus olhos se encheram de lágrimas.

— A propósito — disse Sadie —, pode ser que doa um pouco.

— Obrigado por avisar. — Trinquei os dentes. — Mas foi um pouco tarde.

O bastão de marfim começou a fumar. Quando a fumaça se dispersou e a dor diminuiu, me peguei segurando, em vez da varinha, uma espada de bronze celestial que *definitivamente* não era Contracorrente.

— O que é isso? — perguntei. — É enorme.

Carter assobiou baixinho.

— Já vi algumas em museus. É uma *kopis*.

Ergui a espada. Como tantas que eu já tinha experimentado, eu sentia que não se encaixava nas minhas mãos. O cabo era pesado demais. A lâmina de um fio só tinha um estranho formato curvo, como um gancho gigantesco. Quando tentei dar um golpe no ar, quase perdi o equilíbrio.

— Esta não parece a sua — falei para Carter. — A sua não se chama *kopis*?

— A minha é um *khopesh* — corrigiu Carter. — A versão original egípcia. O que você está segurando é uma *kopis*, a versão grega, adaptada da original egípcia. É o tipo de espada que os guerreiros de Ptolomeu usariam.

Olhei para Sadie.

— Ele está tentando me confundir?

— Não — respondeu ela, animada. — Ele causa confusão sem nem tentar.

Carter bateu com a palma da mão na testa.

— Não é possível que você não tenha entendido. Como pode...? Deixa pra lá. Percy, a questão é: você consegue lutar com essa espada?

Golpeei o ar novamente.

— Parece que estou usando um cutelo, mas vai ter que servir. E vocês, o que vão usar como arma?

Annabeth esfregou as contas de argila do colar, como geralmente faz enquanto pensa. Ela estava linda. Mas não vamos perder o foco.

— Sadie, aqueles feitiços de hieróglifos que você usou na praia Rockaway... qual deles provocou a explosão? — perguntou ela.

— Chama-se... bem, na verdade não posso dizer a palavra sem fazer você explodir. Espere aí.

Sadie remexeu na mochila e pegou uma folha de papiro amarelado, um buril de escrita e um pote de tinta (acho que papel e caneta não seria muito egípcio). Então se ajoelhou e, usando a mochila como apoio improvisado, escreveu em letras normais: *HA-DI*.

— É um bom feitiço — concordou Carter. — Podemos mostrar o hieróglifo correspondente, mas, se você não souber falar as palavras de poder...

— Não precisa — interrompeu-o Annabeth. — Isso significa *explodir*?

— Mais ou menos — respondeu Sadie.

— E dá para escrever o hieróglifo em um pergaminho sem deflagrar o *cabum*?

— Dá, sim. O pergaminho guarda a magia para depois. Se você ler a palavra no papiro... bem, é ainda melhor. Mais *cabum* com menos esforço.

— Ótimo — disse Annabeth. — Você tem outro pedaço de papiro?

— Annabeth, o que você vai fazer? — perguntei. — Se está pensando em se meter com palavras explosivas...

— Relaxa. Eu sei o que estou fazendo. Acho.

Ela se ajoelhou ao lado de Sadie, que lhe deu uma nova folha de papiro.

Annabeth pegou o buril e escreveu, em grego arcaico:

Κεραυνός

Como sou disléxico, tenho sorte quando consigo reconhecer palavras *na minha língua*, mas, sendo semideus, meu cérebro tem o grego arcaico meio que gravado a ferro.

— Ki-rau-nó — pronunciei. — *Explosão?*

Annabeth respondeu com um sorrisinho malicioso.

— É o termo mais próximo em que consegui pensar. Literalmente, quer dizer *atacar com raios*.

— Aah — fez Sadie. — Adoro atacar coisas com raios.

Carter estava olhando para o papiro.

— Você acha que podemos invocar a palavra do grego arcaico do mesmo jeito que fazemos com os hieróglifos?

— Podemos tentar — disse Annabeth. — Qual de vocês é melhor com esse tipo de magia?

— Sadie — respondeu Carter. — Sou mais um mago de combate.

— Modo galinha gigante — lembrei.

— Olha só, meu avatar é um *guerreiro com cabeça de falcão*.

— Ainda acho que você poderia conseguir patrocínio do KFC. Ganharia uma nota.

— Parem com isso, vocês dois. — Annabeth entregou o pergaminho a Sadie. — Carter, vamos trocar: eu experimento o seu *khopesh* e você experimenta o meu boné.

Ela jogou o boné para ele.

— Eu prefiro basquete, mas... — Carter colocou o boné e desapareceu. — Uau. Legal. Estou invisível, não estou?

Sadie aplaudiu.

— Você nunca ficou tão bonito, irmãozinho querido.

— Engraçadinha.

— Se você conseguir se aproximar do Setne sem ser visto — disse Annabeth —, pode pegá-lo de surpresa e tirar a coroa dele.

— Mas você disse que o Setne enxergou você mesmo sob o feitiço da invisibilidade — disse Carter.

— Isso foi *comigo*, uma grega usando um item mágico grego. Em você talvez funcione melhor. Ou ao menos de forma diferente.

— Vale a pena tentar, Carter. A única coisa melhor do que uma galinha gigante é uma galinha gigante invisível.

De repente, o chão começou a tremer.

Do outro lado dos campos de futebol, na direção do extremo sul da ilha, um brilho branco iluminou o horizonte.

— Isso não pode ser bom — disse Annabeth.

— Não — concordou Sadie. — Talvez seja melhor a gente partir para cima um pouco mais rápido.

Os abutres estavam fazendo a festa.

Depois de uma fileira de árvores, um campo enlameado se estendia até os limites da ilha. Na base de um pequeno farol havia algumas mesas de piquenique, como se estivessem ali embaixo para se abrigar. No porto, do outro lado do mar, a Estátua da Liberdade reluzia branca na tempestade, cercada por nuvens carregadas que se moviam como ondas na proa de um navio.

No meio da área de piquenique, seis enormes abutres pretos voavam em círculos na chuva, orbitando ao redor de nosso amiguinho Setne.

O mago estava de roupa nova. Tinha colocado um paletó xadrez vermelho — para combinar com a cor da coroa, eu acho. A calça de seda cintilava, com uma estampa vermelha e preta. Para completar, garantindo um visual bem extravagante, mocassins todos cobertos de pedrinhas brilhantes.

Ele desfilava de um lado para outro com o *Livro de Tot*, cantarolando um feitiço, exatamente como o tínhamos visto fazer no forte.

— Ele está conjurando Nekhbet — murmurou Sadie. — Eu realmente *não* queria vê-la de novo.

— E que espécie de nome é esse? Neckbutt! — falei.

Sadie riu.

— Foi assim que *eu* a chamei na primeira vez que a vi. Mas ela *não* é muito legal. Possuiu minha avó, me perseguiu por Londres inteira...

— Então qual é o plano? — perguntou Carter. — Talvez um ataque pelos flancos?

— Ou podemos tentar distraí-lo... — disse Annabeth.

— Atacar! — exclamou Sadie, já partindo para a clareira, o cajado em uma das mãos e o pergaminho grego na outra.

Lancei um olhar sugestivo para Annabeth.

— Sua nova amiga é incrível.

E fui atrás de Sadie.

Meu plano era bem simples: avançar sobre Setne e matá-lo. Mesmo com aquela espada pesada, logo ultrapassei Sadie. Dois abutres mergulharam na minha direção, e cortei-os em pleno ar.

Eu estava a dois metros de Setne, imaginando a satisfação de parti-lo ao meio, quando ele se virou e me viu, e então sumiu. Minha espada golpeou o vazio.

Cambaleei, desequilibrado e zangado.

Três metros à minha esquerda, Sadie acertou um abutre com o cajado. A ave explodiu, virando pó branco. Annabeth correu na nossa direção, me olhando com aquela cara enfezada que dizia: *Se você morrer, eu te mato*. A posição de Carter, que estava invisível, era desconhecida.

Com um raio de fogo branco, Sadie explodiu outro abutre no céu. Os restantes se dispersaram na tempestade.

Sadie olhou em volta, à procura de Setne.

— *Cadê* aquele imbecil magrelo?

O imbecil magrelo apareceu bem atrás dela. Pronunciou uma única palavra de seu pergaminho de surpresas detestáveis, e o chão explodiu.

Quando recuperei os sentidos, ainda estava de pé, o que era um pequeno milagre. A força do feitiço tinha me

empurrado para longe de Setne, de forma que meus sapatos produziram dois profundos vãos na lama.

Levantei o rosto, mas não consegui entender o que estava vendo. O solo ao redor de Setne tinha se aberto, formando um buraco circular de três metros de diâmetro. A terra que irrompera na erupção estava congelada no ar. Filetes de areia vermelha se enrolaram nas minhas pernas e roçaram no meu rosto ao serpentearem em todas as direções. Era como se tivessem parado o tempo enquanto alguém secava lama avermelhada em um secador de saladas gigantesco.

Sadie estava caída no chão à minha esquerda, as pernas sob um cobertor de lama. Ela tentou, mas não conseguiu se soltar. O cajado estava fora de seu alcance. O pergaminho em sua mão tinha virado um trapo lamacento.

Dei um passo na direção dela, mas os filetes de areia me impediram de continuar.

Em algum lugar atrás de mim, Annabeth gritou meu nome. Eu me virei e a vi mais distante da zona de explosão. Estava tentando atacar, mas os filetes de terra a alcançaram e bloquearam seu caminho, se sacudindo como tentáculos de polvo.

Não se via Carter em lugar algum. Só me restava torcer para que não estivesse preso naquela teia idiota de terra flutuante.

— Setne! — gritei.

O mago limpou a terra das lapelas do paletó.

— Você *realmente* devia parar de me interromper, semideus. Sabe, originalmente a coroa *deshret* foi um presente dado pelo deus da terra, Geb, aos faraós. Por isso ela se defende com uma magia da terra que é sensacional!

Trinquei os dentes. Annabeth e eu tínhamos acabado de sair de uma batalha com Gaia, a Mãe Terra. Mais magia da terra era a *última* coisa de que eu precisava.

Sadie continuava tentando soltar as pernas da lama.

— Limpe toda essa lama agora mesmo, rapazinho — disse ela. — Depois nos dê essa coroa e vá para o seu quarto.

Os olhos do mago brilharam.

— Ah, Sadie... Sempre adorável. Cadê seu irmão? Eu o explodi sem querer? Você pode me agradecer depois, porque agora eu preciso continuar aqui as minhas coisas.

Ele nos deu as costas e voltou à leitura cantarolada.

O vento ficou mais forte. A chuva ao redor dele chicoteava o ar. Os filetes de areia flutuantes entraram em movimento como fumaça.

Consegui dar um passo à frente, mas era como tentar andar mergulhado em cimento molhado. Annabeth não estava tendo muito mais sorte que eu, e Sadie conseguiu soltar uma das pernas, mas ficou sem o coturno. Ela xingou mais do que meu amigo cavalo imortal Arion (o que não é pouca coisa).

O feitiço esquisito de Setne sobre a terra estava enfraquecendo, mas não rápido o bastante. Eu só tinha

conseguido dar mais dois passos quando Setne terminou a declamação.

Uma nuvem de escuridão se ergueu na frente dele, assumindo a forma de uma mulher majestosa. Ela usava um vestido preto com rubis incrustados na gola, e a parte de cima de seus braços era adornada por aros dourados. Seu rosto tinha uma qualidade imperiosa e atemporal que aprendi a reconhecer. Significava: *Sou uma deusa; lide com isso*. Pousada em seu cabelo preto trançado havia uma coroa cônica branca, e não consegui deixar de me perguntar por que um ser imortal poderoso escolheria um adereço de cabeça no formato de um pino de boliche.

— Você! — rosnou ela para Setne.

— Eu! — confirmou ele. — É maravilhoso vê-la de novo, Nekhbet. Uma pena não termos tempo para bater um papo, mas é que não dá para deixar esses mortais presos para sempre. Vamos ter que ser rápidos. O *hedjet*, por favor.

A deusa abutre abriu os braços, que se tornaram enormes asas pretas. O ar ao redor dela ficou escuro como fumaça.

— Eu não me rendo a novatos arrogantes como você. Sou a protetora da coroa, o escudo do faraó, o...

— Sim, sim — disse Setne. — Mas você já se rendeu várias vezes a novatos arrogantes. A história do Egito é basicamente uma lista dos novatos arrogantes aos quais você se rendeu. Então pode passar a coroa.

Eu não sabia que abutres sibilavam, mas Nekhbet fez exatamente isso. De sob as asas dela começou a sair

fumaça.

Por toda a clareira, a magia de Setne se desfez. Os filetes de areia vermelha caíram no chão com um ressonante *ploft*, e de repente consegui me mexer de novo. Sadie se levantou, cambaleante. Annabeth foi correndo até mim.

Setne não parecia preocupado conosco.

Ele fez uma reverência debochada a Nekhbet.

— Impressionante. Mas veja isto!

Dessa vez ele não precisou ler no pergaminho ao gritar uma combinação de grego e egípcio. Reconheci as palavras do feitiço que ele lançara lá no forte.

Annabeth e eu nos olhamos prolongadamente. Percebi que estávamos pensando a mesma coisa: não podíamos deixar que Setne consumisse a deusa.

Sadie ergueu o papiro lamacento.

— Annabeth e Percy: tirem Nekhbet daqui. VÃO!

Não havia tempo para discutir. Nós dois pulamos na deusa como jogadores de futebol americano e a empurramos campo afora, para longe de Setne.

Atrás de nós, Sadie gritou:

— *Ke-rau-noh!*

Não vi a explosão, mas deve ter sido impressionante.

Annabeth e eu fomos lançados para a frente e caímos em cima de Nekhbet, que soltou um gritinho indignado. (A propósito, não recomendo usar penas de abutre como enchimento de travesseiro. Não são muito confortáveis.)

Consegui me levantar. O local onde víamos Setne por último tinha virado uma cratera fumegante.

O cabelo de Sadie estava chamuscado nas pontas, os olhos arregalados de surpresa. O pergaminho sumira.

— Foi demais! Eu acertei o maldito?

— Não! — respondeu Setne, reaparecendo a alguns poucos metros de nós, um pouco cambaleante e com as roupas fumegantes, mas parecendo mais atordoado do que atingido.

Ele se ajoelhou e pegou uma coisa cônica e branca... a coroa de Nekhbet, que devia ter caído quando nos lançamos sobre a deusa.

— Obrigado por isto — disse Setne, abrindo os braços em triunfo, a coroa branca em uma das mãos e o *Livro de Tot* na outra. — Onde é que eu estava mesmo? Ah, sim! Consumindo vocês todos!

Do outro lado do campo, ouvi a voz de Carter:

— STAHP!

Acho que *stahp* é uma palavra em egípcio arcaico. Como íamos saber?

Um hieróglifo azul cortou o ar, decepando a mão direita de Setne na altura do pulso.



O mago berrou de dor e o *Livro de Tot* caiu na grama.

A uns seis metros de mim, Carter apareceu do nada, segurando o boné de Annabeth. Não estava no modo galinha gigante, mas, tendo salvado nossas vidas, não seria eu a reclamar.

Setne olhou para o *Livro de Tot*, ainda na mão cortada, mas avancei de um pulo e encostei a ponta da espada embaixo do nariz dele.

— Nem pense nisso.

O mago rosnou.

— Pegue o livro, então! Não preciso mais dele!

E sumiu em um redemoinho de escuridão.

Caída no chão ao meu lado, a deusa abutre se debateu e empurrou Annabeth para o lado.

— Saia de cima de mim!

— Minha senhora — disse Annabeth, se levantando —, eu estava tentando impedir que você fosse devorada. Não tem de quê, viu?

A deusa abutre ficou de pé.

Sem a coroa, ela não causava tanta impressão. Seu penteado tinha virado uma salada de lama e grama; seu vestido preto, uma capa de penas. Ela parecia murcha e encolhida, o pescoço projetado como... bem, como o de um abutre. Só faltava o cartaz pedindo uma ajuda por caridade. Eu teria dado uns trocados na mesma hora.

— Crianças desprezíveis — resmungou ela. — Eu poderia ter destruído aquele mago!

— Não exatamente — retruquei. — Alguns minutos atrás, vimos Setne consumir uma deusa naja. E ela tinha muito mais presença que você.

Nekhbet apertou os olhos.

— Era a Wadjet? Ele absorveu a *Wadjet*? Me contem tudo.

Carter e Sadie se aproximaram enquanto contávamos à deusa o que tinha acontecido até ali.

Quando terminamos, Nekhbet gritou de fúria.

— Isso é inaceitável! Wadjet e eu éramos os símbolos da união no Egito Antigo. Éramos reverenciadas como as Duas Senhoras! Aquele novato arrogante do Setne roubou minha outra Senhora!

— Bom, ele não pegou você — ponderou Sadie. — Imagino que seja uma coisa boa.

Nekhbet arreganhou os dentes, que eram pontudos e vermelhos como uma fileira de biquinhos de abutre.

— Vocês... os *Kane*. Eu devia ter imaginado que estariam envolvidos nisso. Sempre se metendo nos assuntos dos deuses.

— Ah, então agora é culpa *nossa*? — Sadie ergueu o cajado. — Escuta aqui, bafo de abutre...

— Vamos manter o foco — interveio Carter. — Pelo menos pegamos o *Livro de Tot*. E impedimos que Setne devorasse Nekhbet. Qual será o próximo passo de Setne e como podemos impedi-lo?

— Ele está com as duas partes do *pschent*! — disse a deusa abutre. — Sem minha essência, a coroa branca não tem tanto poder, é verdade, mas ainda serve para os propósitos de Setne. Ele só precisa completar a cerimônia de endeusamento usando a coroa de Ptolomeu, e aí vai virar um deus. Eu *odeio* quando mortais viram deuses! Sempre querendo tronos, sempre construindo palácios

cafonas e espalhafatosos. Não respeitam as regras do lounge dos deuses.

— Lounge dos deuses? — perguntei.

— Temos que impedi-lo! — gritou Nekhbet.

Sadie, Carter, Annabeth e eu nos entreolhamos, inquietos. Normalmente, quando um deus diz *temos que impedi-lo*, quer dizer *vocês têm que impedi-lo enquanto eu espero aqui, tomando uma bebida gelada*. Se bem que Nekhbet parecia realmente disposta a tomar parte na ação.

Não que isso tenha me deixado menos nervoso. Sempre evito me associar com deusas que comem carcaças de animais. É um dos meus princípios.

Carter se ajoelhou junto à mão decepada de Setne e pegou o *Livro de Tot*.

— Podemos usar o pergaminho? Isso aqui tem magia poderosa.

— Se fosse assim, por que Setne o deixaria para trás? — questionou Annabeth. — Achei que fosse essencial para ele conquistar a imortalidade.

— Ele disse que já tinha acabado de usar — lembrei. — Acho que passou na prova e jogou fora as anotações.

Annabeth fez uma cara horrorizada.

— Ficou maluco? Você joga fora as anotações depois de uma prova?

— Não é o que todo mundo faz, srta. Gênia?

— Pessoal! — interrompeu Sadie. — É uma fofura ver vocês dois brigando, mas temos coisas a fazer. — Ela se

virou para Nekhbet. — Agora, Vossa Alteza da Carniça, diga se há alguma forma de determos Setne.

Nekhbet encolheu as unhas dos pés em formas de garras.

— Talvez. Ele ainda não é um deus completo. Mas, sem minha coroa, meus poderes ficam muito diminuídos.

— E o *Livro de Tot*? — perguntou Sadie. — Pode não ter mais uso para Setne, mas nos ajudou a derrotar Apófis.

Ao ouvir o nome, Nekhbet ficou pálida. Três penas caíram do vestido dela.

— Por favor, não me lembrem dessa batalha. Mas você tem razão. O *Livro de Tot* contém um feitiço para aprisionar deuses. Seria preciso muita concentração e preparação...

Carter tossiu.

— Acho que o Setne não ficaria esperando quietinho enquanto a gente se prepara.

— Não — concordou Nekhbet. — Seria preciso pelo menos três de vocês para montar uma boa armadilha. Desenhar um círculo, encantar uma corda, consagrar a terra... E as outras partes do feitiço teriam que ser improvisadas. Odeio magia ptolomaica e acho uma abominação misturar poderes gregos e egípcios, mas...

— Funciona — completou Annabeth. — Carter conseguiu se manter invisível com o meu boné. E o pergaminho de explosão de Sadie deixou Setne atordoado, pelo menos.

— Vamos precisar de mais do que isso — disse Sadie.

— Sim... — A deusa abutre me encarou como se eu fosse um delicioso gambá atropelado na beira da estrada. — Um

de vocês vai ter que lutar com Setne e mantê-lo desequilibrado enquanto os outros preparam a armadilha. Precisamos de um ataque híbrido muito potente. Uma abominação que nem Ptolomeu aprovaria.

— Por que está olhando para mim? — perguntei. — Eu não sou abominável.

— Você é filho de Poseidon — observou a deusa. — Seria uma combinação inesperada.

— Combinação? O que...?

— Ah, não, não, não. — Sadie levantou as mãos. Parecia horrorizada, e, se a ideia da deusa assustava *aquela* garota, eu não queria saber o que era. — Nekhbet, você não pode estar falando sério. Quer que um semideus hospede você? Ele nem mago é. Não tem sangue de faraós!

Carter fez uma careta.

— Essa é a ideia, Sadie. Percy não é o tipo comum de hospedeiro. Se o pareamento funcionar, ele pode torná-lo muito poderoso.

— Ou pode derreter o cérebro dele!

— Esperem — interveio Annabeth. — Prefiro meu namorado com cérebro não derretido. Do que exatamente estamos falando?

Carter balançou o boné dos Yankees na minha frente.

— Nekhbet quer que Percy seja hospedeiro dela. É um recurso que os deuses egípcios usam para marcar presença no mundo mortal. Eles podem habitar corpos mortais.

Meu estômago deu um nó.

— Você quer que *ela* — aponte para a deusa abutre desgrenhada — me *habite*? Isso me soa meio...

Tentei pensar em uma palavra que transmitisse minha repulsa sem ofender a deusa. Mas não consegui.

Annabeth deu um passo à frente.

— Nekhbet, use a mim. Sou filha de Atena. Posso ser melhor no...

— Ridículo! — A deusa fez um ruído de deboche. — Sua mente é muito astuta, garota. Teimosa e inteligente demais. Eu teria dificuldade em guiar você.

— Me *guiar*? — protestei. — Minha senhora, eu não sou um Toyota.

— Meu hospedeiro precisa ter certo nível de simplicidade — continuou a deusa. — Percy Jackson é perfeito. Ele é poderoso, mas não tem a mente lotada de planos e ideias.

— Uau. Quanto amor.

Nekhbet se virou para mim, incisiva:

— Não temos tempo para discussão! Sem uma âncora física, não posso continuar por muito mais tempo no mundo mortal. Se vocês querem deter Setne, precisam do poder de um deus. Temos que agir *agora*. Juntos, triunfaremos! Vamos fazer um banquete com a carcaça daquele mago metido a besta!

Engoli em seco.

— Na verdade, estou tentando reduzir as carcaças na minha dieta.

Carter me lançou um olhar solidário que só fez com que eu me sentisse pior.

— Infelizmente, Nekhbet tem razão, Percy. Você é nossa melhor chance. Sadie e eu não poderíamos hospedá-la nem se ela quisesse. Já temos deuses patronos.

— Que ficaram quietinhos na deles. Muito conveniente — comentou Sadie. — Devem estar com medo de terem a essência sugada.

Nekhbet voltou a me encarar com seus olhos pretos brilhantes.

— Você consente em me hospedar, semideus?

Eu conseguia pensar em mil e uma maneiras de dizer não, mas a palavra *sim* não saía pela minha garganta de jeito nenhum. Olhei para Annabeth em busca de apoio, mas ela parecia tão tensa quanto eu.

— Eu não... não sei não, Percy — confessou ela. — Isso está *muito* além do que eu consigo avaliar.

De repente, a chuva rareou até parar. No sombrio e abafado silêncio que se seguiu, um brilho vermelho iluminou o centro da ilha, como se alguém tivesse acabado de acender uma fogueira na área dos campos de futebol.

— Lá está Setne — disse Nekhbet. — A ascensão a deus começou. Qual é a sua resposta, Percy Jackson? Só vai funcionar se você me der seu consentimento.

Respirei fundo. Tentei me convencer de que hospedar uma deusa não podia ser pior do que todas as outras coisas estranhas e horríveis que eu já tinha vivenciado em minha trajetória como semideus... Além do mais, meus amigos precisavam da minha ajuda. E eu não queria que aquele

sósia do Elvis magrelo se tornasse deus e construísse um palácio ridículo no meu bairro.

— Tudo bem — falei. — Pode me abutrizar.

Nekhbet se dissolveu em uma névoa preta, que serpenteou ao redor do meu corpo e encheu minhas narinas com um cheiro que parecia piche fervente.

Como é se fundir a um deus?

Se quiser os detalhes completos, acesse meu blog para ler a resenha que fiz. Não tenho a menor vontade de passar por isso de novo. Dei meia estrela para a experiência.

Por enquanto, vamos dizer apenas que ser possuído por uma deusa abutre foi ainda mais perturbador do que eu tinha imaginado.

Milhares de anos de lembranças vieram à minha mente em uma enxurrada. Vi pirâmides se erguendo no deserto, com o sol cintilando no rio Nilo. Ouvi sacerdotes entoando cânticos à sombra fresca de um templo e senti o cheiro de incenso de mirra no ar. Sobrevoei as cidades do Egito Antigo, contornando o palácio do faraó. Fui a deusa abutre Nekhbet — protetora do rei, escudo dos fortes, terror dos fracos e moribundos.

Eu também tinha um desejo ardente de encontrar uma bela e quente carcaça de hiena, de enfiar a cara no animal e...

Ok, basicamente eu não era mais eu mesmo.

Tentei me concentrar no presente. Olhei para os meus sapatos... era o mesmo velho par de Brooks, com cadarço

amarelo no pé esquerdo e preto no direito. Levantei o braço que segurava a espada, para ter certeza de que ainda conseguia controlar meus músculos.

Relaxe, semideus, ouvi a voz de Nekhbet em minha mente. *Deixe que eu assuma o comando*.

— Não mesmo — falei. Foi um alívio ver que minha voz continuava a mesma. — Ou fazemos isso juntos, ou não fazemos.

— Percy? — chamou Annabeth. — Você está bem?

Olhar para ela foi desorientador. A parte “Percy” de mim via minha namorada linda de sempre. A parte “Nekhbet” via uma jovem cercada de uma poderosa aura ultravioleta, a marca de um semideus grego. A visão me encheu de desdém e medo. (Para deixar registrado: sinto um medo saudável de Annabeth. Ela me deu uma surra em mais de uma ocasião. Mas desdém? Não mesmo. Isso vinha só de Nekhbet.)

— Tudo certo — respondi. — Eu estava falando com o abutre na minha cabeça.

Carter andou ao meu redor, franzindo a testa como se eu fosse uma escultura abstrata.

— Percy, tente um equilíbrio. Não deixe que ela o domine, mas também não resista. É como naquela brincadeira em que duas pessoas correm com uma das pernas amarrada na da outra. As duas têm que conseguir um ritmo juntas.

— Mas, se tiver que escolher — completou Sadie —, dá um nocaute nela e fica você no controle.

— Garota idiota! — rosnei. — Não venha me dizer o que... — Mas logo me obriguei a parar de falar. Senti um gosto podre na boca. — Desculpa, Sadie — consegui dizer. — Era Nekhbet falando, não eu.

— Eu sei. — A expressão de Sadie ficou tensa. — Seria bom se tivéssemos mais tempo para você se acostumar a hospedar uma deusa, mas...

Outra luz vermelha eclodiu, iluminando as copas das árvores.

— Quanto mais cedo eu tirar essa deusa da minha cabeça, melhor — falei. — Vamos lá quebrar a cara do Setne.

Setne realmente não conseguia se decidir por um figurino.

Ele estava andando pelo campo de futebol com uma calça preta boca de sino, uma camisa branca com babados e um sobretudo roxo purpurinado — e, para completar, a recém-montada coroa vermelha e branca. Parecia o Prince na foto que eu vira em uma das capas dos discos antigos da minha mãe, e, a julgar pelas luzes mágicas girando ao redor, Setne estava se preparando para uma festa como se fosse 1999 a.C.

Ele não parecia incomodado por agora ter apenas uma das mãos. Balançava no ar o cotoco como um maestro, entoando dizeres em grego e egípcio. Enquanto isso, uma névoa branca surgia aos pés dele e explosões de luz dançavam ao redor, como se mil crianças estivessem escrevendo seus nomes no ar com faíscas.

Eu não entendia o que estava vendo, mas Nekhbet entendia. Com a visão dela, reconheci o Duat, a dimensão mágica que existe abaixo do reino mortal. Vi camadas de realidade, como um subsolo de geleia cintilante e multicolorida, mergulhando até o infinito. Na superfície, onde os mundos mortal e imortal se encontram, Setne estava transformando o Duat em tempestade — ondas revoltas de cor e nuvens brancas de fumaça.

Annabeth já tinha me contado como fora assustador ver o Duat em sua aventura na praia Rockaway. Ela se perguntava se o Duat egípcio tinha alguma relação com o conceito grego de Névoa, o véu mágico que impede os mortais de reconhecerem deuses e monstros.

Com Nekhbet em minha mente, eu soube a resposta. É claro que havia uma relação com a Névoa, que é apenas um nome grego para a camada superior entre os mundos — a camada que Setne estava destruindo naquele momento.

Eu deveria ter ficado apavorado. Ver o mundo em todas as suas camadas infinitas era suficiente para dar vertigem em qualquer um.

Mas eu já tinha sido largado em oceanos. Estava acostumado a me ver em profundezas, rodeado por camadas termais infinitas.

Além do mais, Nekhbet não se impressionava com facilidade. Ela já tinha visto de tudo ao longo dos milênios. Sua mente era tão fria e seca quanto o vento que sopra no deserto à noite. Para ela, o mundo mortal era uma terra de ninguém em constante mutação, pontilhado de carcaças de

homens e suas civilizações. Nada durava. Tudo era algo esperando para morrer. Quanto ao Duat, sempre era agitado e emitia plumas de magia como raios de sol no mundo mortal.

Mesmo assim, porém, nós dois ficamos perturbados ao ver como o feitiço de Setne dilacerava a Névoa. Ele não a estava apenas manipulando. Magos fazem isso o tempo todo. Setne estava abrindo camadas no Duat. Onde quer que ele pisasse, fragmentos se irradiavam, abrindo as camadas do reino mágico. Seu corpo sugava energia de todas as direções e destruía os limites entre o Duat e o mundo mortal, entre a magia grega e a egípcia, transformando-o lentamente em imortal. No processo, ele estava abrindo na ordem cósmica um buraco que talvez nunca se fechasse.

A magia dele nos puxou (Nekhbet e eu), clamando que nos entregássemos e fôssemos absorvidos pela nova forma gloriosa de Setne.

Eu não queria ser absorvido. Nem a deusa abutre. Assim, nosso propósito comum nos ajudou a resistir juntos.

Atravessei o campo. Sadie e Annabeth vinham à direita, mais distantes. Supus que Carter estivesse em algum ponto à minha esquerda, mas ele estava invisível de novo, então não dava para saber. Como eu não conseguia detectá-lo, nem com os sentidos de superabutre de Nekhbet, tive esperanças de que Setne também não conseguisse.

Talvez, se eu mantivesse Setne ocupado, Carter conseguisse cortar a outra mão dele. Ou as pernas. Ou até a

cabeça — pontos de bônus, nesse caso.

Setne parou de declamar quando me viu.

— Maravilha! — Ele sorriu. — Você trouxe o abutre. Obrigado!

Não era a reação que eu esperava. Continuo esperando o dia em que o vilão vai me ver e gritar: *Desisto!* Mas ainda não aconteceu.

— Solte a coroa, Setne. — Levantei a *kopis*, que eu já não achava mais tão pesada agora que contava com o poder de Nekhbet. — Renda-se e talvez saia vivo disso. Senão...

— Ah, parabéns! Muito ameaçador! E suas amigas aqui... Já sei: você me mantém ocupado enquanto elas montam uma armadilha incrível para prender o novo deus?

— Você ainda não é um deus.

Ele abanou a mão em desdém.

— Imagino que Carter também esteja por aqui, se achando muito furtivo com a invisibilidade, não? Oi, Carter!

Se Carter estava por perto, não respondeu. Garoto esperto.

Setne ergueu o pulso-cotoco.

— Onde quer que você esteja, Carter, saiba que fiquei impressionado com o feitiço de cortar a mão. Seu pai ficaria orgulhoso. É isso que importa para você, não é? Deixar seu pai orgulhoso? Mas pense no que seria possível se você se aliasse a mim. Vou mudar as regras do jogo. Poderíamos trazer seu pai de volta à vida; e estou falando da vida de *verdade*, não aquela horrível meia-vida que ele tem no Mundo Inferior. Tudo será possível quando eu for deus!

A Névoa envolveu o pulso de Setne e se solidificou na forma de uma nova mão.

— O que me diz, Carter?

O ar acima do mago cintilou. Então um punho azul gigantesco, do tamanho de uma geladeira, apareceu sobre a cabeça de Setne e, com um soco, o cravou no chão como se ele fosse um prego em madeira macia.

— Minha resposta é não. — Carter apareceu do outro lado do campo, com o boné dos Yankees na mão.

Olhei para a coroa de Ptolomeu, que era a única parte de Setne ainda visível acima do chão.

— Era para você esperar — falei. — Montar a armadilha. Eu ia cuidar do Setne.

Carter deu de ombros.

— Ele não devia ter falado do meu pai.

— Esqueçam isso! — interveio Annabeth. — Peguem a coroa!

Ela tinha razão. Eu teria entrado em ação, mas Nekhbet e eu tivemos um momento de paralisia. A deusa queria seu chapéu de volta, mas, quando dei uma olhada no brilho esquisito que emanava da coroa, lembrei que a deusa naja tinha sido devorada e decidi *não* tocar naquela coroa sem luvas de látex e talvez um traje de astronauta.

Antes que Nekhbet e eu pudéssemos resolver nossas diferenças, a terra tremeu.

Setne se ergueu do chão como se estivesse sobre uma plataforma elevatória e olhou com raiva para Carter.

— Eu faço uma proposta perfeitamente justa e você me bate com um punho gigante? Talvez seu pai não sentisse orgulho nenhum, no fim das contas.

O rosto de Carter se contorceu. Seu corpo todo brilhou, emitindo uma luz azul. Ele levitou do chão como se um avatar de Hórus tivesse tomado forma ao seu redor.

Setne não pareceu preocupado. Fez um sinal de *venha cá* com os dedos recém-crescidos, e o avatar de Carter se estilhaçou. A luz azul girou na direção de Setne e foi engolida pela aura crescente. Carter desabou, imóvel, no chão molhado.

— SETNE! — gritou Sadie, erguendo o cajado. — Venha me pegar, sua fuinha maldita! — Ela lançou um raio de fogo branco, mas Setne o capturou no peito e absorveu a energia.

— Sadie, meu bem — disse ele, meloso —, não fique com raiva. Carter sempre foi o irmão *chato*. Na verdade, eu não queria dar vida eterna a ele. Mas você... por que não vem trabalhar comigo, hein? Podemos nos divertir muito! Quebrar o universo todo, destruir tudo que der vontade!

— Isso... isso não é justo — disse Sadie, com a voz trêmula. — Tentar me conquistar com a proposta da destruição.

Ela usava o tom atrevido de sempre, mas seus olhos estavam fixos em Carter, que continuava imóvel.

Eu sabia que precisava fazer alguma coisa. Tínhamos um plano... mas eu não conseguia lembrar qual era. A deusa abutre na minha cabeça estava voando em círculos no

piloto automático. Até Annabeth parecia ter dificuldade para se concentrar. Estar tão próximo de Setne era como ficar perto de uma cachoeira. O ruído obliterava todo o resto.

— Sabe — continuou Setne, como se estivéssemos planejando uma festa juntos —, acho que esta ilha vai ser perfeita. Meu palácio vai ficar bem aqui, no novo centro do universo!

— Um campo de futebol cheio de lama — comentou Annabeth.

— Ah, deixa disso, filha de Atena! Sei que você consegue ver as possibilidades. Aquele velho tolo do Serápis teve a ideia certa: juntar toda a sabedoria da Grécia e do Egito em um lugar só e usar esse poder para governar o mundo! Só que Serápis não tinha a minha *visão*. Eu vou consumir os antigos templos, de Zeus, de Osíris, de todas essas divindades decrépitas. Quem precisa delas? Vou pegar os pedaços úteis de cada um deles. Vou me tornar o chefe de uma nova raça de deuses. Humanos de todo o mundo virão até aqui para me fazer oferendas e comprar souvenirs.

— Souvenirs? — falei. — Você quer a imortalidade para vender camisetas?

— E globos de neve! — Setne ficou com o olhar perdido de quem sonha acordado. — Adoro globos de neve. Enfim: tem espaço para mais de um novo deus. Sadie Kane, você seria perfeita. Sei que adora quebrar regras. Vamos quebrar *todas*! E seus amigos podem vir com a gente!

Carter gemeu e começou a se mexer.

Setne olhou para trás com repulsa.

— Ainda não morreu? Garoto durão. Bem... acho que podemos incluí-lo nos nossos planos. Mas se você preferir, Sadie, é claro que posso acabar com ele.

Sadie soltou um grito gutural. Ela disparou, mas Annabeth a segurou pelo braço.

— Lute com inteligência. Não com raiva.

— Faz sentido — disse Sadie, embora seus braços ainda tremessem de fúria. — Mas vou lutar com as duas coisas.

Ela abriu o *Livro de Tot*.

Setne só riu.

— Sadie, querida, eu sei anular todos os feitiços desse livro.

— Você não vai vencer — insistiu Sadie. — Não vai tirar mais nada de ninguém!

Ela começou a entoar os dizeres. Annabeth ergueu o *khopesh* emprestado, preparando-se para defendê-la.

— Ah, tudo bem, então. — Setne suspirou. — Imagino que você queira *isto* de volta, então.

O corpo de Setne começou a brilhar. Graças a Nekhbet, percebi o que aconteceria uma fração de segundo antes de acontecer, e foi isso que salvou nossas vidas.

Carter estava tentando se levantar quando gritei:

— ABAIXEM-SE!

Ele desabou como um saco de pedras.

Um anel de fogo eclodiu de Setne.

Larguei a espada e me joguei na frente das garotas, abrindo os braços como um goleiro. Um domo de luz roxa me cercou, e as chamas cruzaram inofensivamente a asas

transparentes que agora se abriam dos meus dois lados. Com meus novos acessórios, eu tinha conseguido proteger Sadie e Annabeth do pior da explosão.

Baixei os braços, e as asas gigantescas se encolheram. Meus pés, flutuando pouco acima do chão, estavam agora dentro de enormes pernas fantasmagóricas com três dedos compridos e garras de pássaro.

Quando percebi que estava pairando no centro de um abutre gigantesco e brilhante, meu primeiro pensamento foi: *Carter vai me zoar para sempre por causa disso.*

Meu segundo pensamento foi: *Pelos deuses! Carter!*

Sadie deve tê-lo visto na mesma hora que eu, porque deu um grito.

O fogo tinha enegrecido o campo todo e transformado a lama instantaneamente em argila rachada e fumegante. A Névoa e as luzes mágicas tinham sido desfeitas. Minha nova espada era uma barra de bronze fumegante no chão. Carter continuava caído no mesmo lugar, envolto em fumaça, o cabelo chamuscado, o rosto vermelho e coberto de bolhas.

Temi pelo pior. Mas vi seus dedos se mexerem. Ele gemeu, um som que parecia “Gug”, e então consegui respirar de novo.

— Graças aos deuses — ouvi Annabeth dizer.

Setne bateu as cinzas do sobretudo roxo.

— Podem agradecer aos deuses se quiserem, mas eles não vão existir por muito mais tempo. Daqui a alguns minutos, a magia que iniciei será irreversível. Agora, Percy, saia desse avatar idiota antes que eu o arranque de você. E

você, Sadie, sugiro que me dê o *Livro de Tot* antes que se machuque. Não há nenhum feitiço aí que você possa usar para me machucar.

Sadie deu um passo à frente. Seu cabelo com mechas laranja balançava ao vento ao redor do rosto. Seus olhos assumiram uma expressão fria como aço, o que a deixou ainda mais parecida com uma versão mais jovem de Annabeth.

— *Nenhum feitiço que eu possa usar* — repetiu Sadie. — Mas eu tenho amigos.

Ela entregou o *Livro de Tot* a Annabeth, que ficou sem saber como reagir, surpresa.

— Hã... Sadie?

Setne deu uma risadinha.

— O que *ela* vai fazer? A garota pode ser inteligente, mas não sabe ler egípcio arcaico.

Sadie segurou o braço de Annabeth.

— Srta. Chase — disse ela, com formalidade —, tenho uma palavra para você.

Ela então se inclinou e sussurrou alguma coisa no ouvido de Annabeth.

O rosto de Annabeth se transformou. Eu só a tinha visto uma vez antes com uma expressão assim, de puro assombro: quando vira os palácios dos deuses no Monte Olimpo.

Sadie se virou para mim.

— Percy... Annabeth tem um trabalho a fazer. Preciso cuidar do meu irmão. Por que você não mantém nosso

amigo Setne entretido?

Annabeth abriu o pergaminho e começou a ler em voz alta em egípcio arcaico. Hieróglifos cintilantes saíram flutuando do papiro, girando no ar ao redor dela, misturando-se com palavras gregas, como se Annabeth estivesse acrescentando os próprios comentários ao feitiço.

Setne parecia ainda mais surpreso do que eu. Um som estrangulado saiu do fundo da sua garganta.

— Isso não é... Esperem aí. Não!

Ele levantou os braços para provocar um contrafeitiço. A coroa começou a brilhar.

Eu precisava me mexer, mas Nekhbet não estava ajudando: concentrara-se demais em Carter, pois ele cheirava a um delicioso churrasquinho.

Aquele ali é fraco, murmurou ela na minha mente. *Vai morrer logo. Os fracos devem morrer.*

A raiva me deu forças. Carter Kane era meu amigo, e eu não ficaria parado vendo meu amigo morrer.

Mexa-se, falei para Nekhbet. E assumi o controle do avatar de abutre.

Antes que Setne pudesse terminar o feitiço, agarrei-o com minhas garras espectrais e o carreguei para o céu.

Vejam bem... eu vivo e respiro esquisitices. Faz parte da vida de um semideus. Mas até hoje ainda há momentos em que paro e tenho dificuldade de acreditar no que está acontecendo. Por exemplo, quando me vejo voando dentro de um abutre brilhoso e gigante, batendo os braços para

controlar asas invisíveis, levando nas garras um mago quase imortal... tudo isso só para roubar o chapéu dele.

E o chapéu não saía de jeito nenhum.

Subi em espiral na tempestade, sacudindo Setne na tentativa de derrubar a coroa da cabeça dele, mas o sujeito devia tê-la prendido no topete com Super Bonder.

Ele disparou fogo e luzes em mim. Meu exoesqueleto de ave rechaçou os ataques, mas aos poucos o avatar foi ficando roxo e se apagando, minhas asas parecendo mais e mais pesadas.

— Percy Jackson! — gritou Setne, se contorcendo. — Isso é perda de tempo!

Não me dei ao trabalho de responder. O esforço do combate estava cobrando seu preço depressa.

Da primeira vez que encontrei Carter, ele me avisou que a magia podia destruir um mago se ele usasse muita de uma vez só. Concluí que isso devia se aplicar a semideuses também. Cada vez que Setne disparava em mim ou tentava se soltar usando sua força de quase-deus, minha cabeça latejava. Minha visão ficava mais fraca. Não demorou muito e me vi encharcado de suor.

Só podia torcer para que Sadie estivesse ajudando o irmão. E que Annabeth estivesse terminando o feitiço esquisito para conseguirmos prender Setne, porque eu não podia ficar no ar por muito mais tempo.

Atravessamos o topo da camada de nuvens. Setne parou de se debater, o que me surpreendeu tanto que quase o deixei cair. Um frio começou a se espalhar pelo meu avatar

de abutre, gelando minhas roupas molhadas, me encharcando até os ossos. Era um tipo mais sutil de ataque, que procurava fraquezas, e eu sabia que não podia me entregar. Apertei o peito de Setne com mais força com meus pés de abutre, tentando esmagá-lo.

— Percy, Percy... — disse ele, como se fôssemos dois amigos do peito em uma noitada. — Você não vê que oportunidade incrível isto é? Um *recomeço* perfeito. Você, especialmente você, devia valorizar essa oportunidade. Os olímpianos uma vez lhe ofereceram seu presente mais valioso. Ofeceram tornar você um deus, não foi? E você, seu idiota adorável, recusou! Agora é sua chance de corrigir esse erro.

Meu avatar tremeu e piscou como uma lâmpada fluorescente com defeito. Nekhbet, minha colega de cérebro, voltou a atenção para dentro de si.

Você recusou a imortalidade? A voz dela transmitia incredulidade, como se ofendida.

Ela vasculhou minhas lembranças. Vi meu passado pelo ponto de vista seco e cínico dela: eu estava na sala do trono do Monte Olimpo depois da guerra contra os titãs. Zeus me ofereceu um prêmio: ser deus. Eu recusei. Eu queria justiça para os outros semideuses. Queria que os deuses parassem de ser cretinos e prestassem atenção aos filhos.

Foi um pedido idiota. Uma coisa ingênua de se desejar. Eu abri mão de poder. *Nunca* se abre mão de poder.

Eu lutava para continuar segurando Setne.

— Nekhbet, esses são os *seus* pensamentos, não os meus. Eu fiz a escolha certa.

Então você é estúpido, sibilou a deusa abutre.

— É, amigo — disse Setne, que aparentemente tinha ouvido. — Tenho que concordar com Nekhbet quanto a isso. Você fez o que era nobre. Mas como acabou essa história? Os deuses cumpriram as promessas?

Não tinha como separar o azedume de Nekhbet dos meus sentimentos. Claro, eu reclamava dos deuses o tempo todo, mas nunca lamentei minha decisão de permanecer mortal. Eu tinha namorada. Tinha família. Tinha a vida toda pela frente — supondo que conseguisse ficar vivo.

Agora... talvez fosse só Nekhbet na minha cabeça, ou Setne mexendo comigo, mas começava a me perguntar se tinha feito uma grande burrada.

— Eu entendo, garoto — disse Setne, cheio de pena. — Os deuses são sua família. Você quer acreditar que eles são bons. Quer que sintam orgulho de você. Eu sentia o mesmo em relação à *minha* família. Meu pai foi Ramsés, o Grande, você sabe.

Eu estava planando preguiçosamente agora, ainda em círculos, a asa esquerda cortando o alto das nuvens carregadas de tempestade. A coroa de Setne brilhou com mais intensidade e sua aura foi ficando mais fria, entorpecendo meus braços e pernas e fazendo meus pensamentos se arrastarem. Eu sabia que as coisas estavam ficando feias, mas não sabia o que fazer.

— É difícil ter um pai poderoso — prosseguiu Setne. — Ramsés era o faraó, claro, então geralmente hospedava o deus Hórus. Isso o deixou distante, para dizer o mínimo. Eu só conseguia pensar que, se tomasse as decisões certas e provasse que era um bom garoto, ele acabaria reparando em mim, me trataria do jeito que eu merecia. Mas a questão é que os deuses não ligam para os mortais, nem para os filhos. Olhe na mente do abutre, se não acreditar em mim. Você pode ser um bom menino, esbanjar nobreza... mas isso só faz com que seja mais fácil para os deuses ignorar você. A única forma de conquistar o respeito deles é partindo pra ação, sendo *mau* e tomando à força o que você quer!

Nekhbet não tentou me convencer do contrário. Ela era a deusa protetora dos faraós, mas não se importava com eles como pessoas. Importava-se em conservar o poder do Egito, que, por sua vez, mantinha viva a adoração aos deuses. Ela não se importava com atos nobres, nem com justiça. Para ela, só os fracos exigem justiça. Os fracos são carcaças esperando para morrer, aperitivos no longo jantar da vida eterna de Nekhbet.

— Você é um bom garoto — disse Setne. — Bem mais legal do que a deusa que está tentando hospedar. Mas precisa enxergar a verdade. Devia ter aceitado a oferta de Zeus. Seria um deus agora, teria força para *executar* as mudanças que pediu!

Força é bom, concordou Nekhbet. Imortalidade é bom.

— Estou lhe dando uma segunda chance — prosseguiu Setne. — Me ajude, Percy. Torne-se um deus.

Emborcamos no ar quando a consciência de Nekhbet se separou da minha. Ela tinha esquecido qual de nós era o inimigo. Nekhbet favorecia os fortes, e Setne era forte. Eu era fraco.

Então me lembrei de como Setne estava tirando as camadas do Duat, abrindo fissuras na realidade, destruindo a ordem cósmica inteira para se tornar imortal.

Vou pegar os pedaços úteis de cada um deles, dissera ele para Sadie.

Meus pensamentos finalmente clarearam. Eu entendi como Setne operava, como tinha nos vencido até o momento.

— Você está procurando um jeito de entrar na minha mente — falei. — Alguma coisa que possa compreender e usar contra mim. Mas não sou como você. Eu não *quero* a imortalidade, muito menos se isso causar a destruição do mundo.

Setne sorriu.

— Bom, valeu a tentativa — disse ele. — Principalmente porque eu fiz você perder o controle do seu abutre!

Uma explosão de frio estilhaçou meu avatar. De repente, eu estava caindo.

Minha única vantagem: eu estava segurando Setne com as garras, o que queria dizer que ele estava logo abaixo de mim. Eu me choquei nele e preendi os braços em seu peito. Despencamos juntos pelas nuvens.

Eu estava tremendo tanto que fiquei surpreso de conseguir me manter consciente. Gelo cobria minhas roupas. O vento e o gelo faziam meus olhos arderem. Eu sentia como se estivesse descendo uma montanha com esquis e sem máscara.

Não sei bem por que Setne não fez uma magia para desaparecer. Acho que até um mago poderoso pode sucumbir ao pânico. Quando você está despencando, se esquece de pensar racionalmente: *Nossa, sei feitiços e outras coisas*. O que acontece é que seu cérebro animal toma o controle e você pensa: *AH, MEU DEUS, ESSE GAROTO ESTÁ SE SEGURANDO EM MIM E ESTOU PRESO E CAINDO E VOU MORRER!*

Apesar de eu estar a segundos de me tornar aperitivo de abutre, a gritaria e agitação de Setne me deram certa satisfação.

Se tivéssemos caído direto, eu teria batido no chão duro e morrido. Sem dúvida.

Felizmente, as correntes de vento estavam fortes, e Governors Island era um alvo pequeno em uma enseada muito grande.

Batemos na água com um estrondo maravilhosamente familiar.

Minha dor desapareceu. Senti um calor subindo pelos meus membros. Sal girou ao meu redor e me encheu de energia renovada. A água do mar sempre me fazia bem, mas normalmente não tão rápido. Talvez a presença de

Nekhbet tenha acelerado minha cura. Talvez meu pai Poseidon estivesse tentando me fazer um favor.

Fosse qual fosse o caso, eu me senti ótimo. Segurei Setne pelo pescoço com uma das mãos e comecei a apertar. Ele lutou como um demônio. (Acredite, eu sei. Já lutei com alguns.) A coroa de Ptolomeu brilhou na água e soltou vapor como uma abertura vulcânica. Setne cravou as unhas no meu braço e soltou bolhas pela boca, talvez tentando lançar feitiços, talvez tentando me convencer a parar de estrangulá-lo. Eu não conseguia ouvi-lo nem queria. Debaixo da água, eu estava no comando.

Leve-o para a margem, disse a voz de Nekhbet.

Ficou maluca?, pensei. Aqui é meu terreno.

Ele não pode ser derrotado aqui. Seus amigos estão esperando.

Eu não queria fazer isso, mas entendi. Talvez conseguisse manter Setne ocupado debaixo da água por um tempo, mas ele já tinha percorrido uma grande parte do caminho rumo à imortalidade, de forma que eu não conseguiria destruí-lo. Eu precisava desfazer a magia dele, ou seja: precisava de ajuda.

Continuei segurando-o pelo pescoço e deixei que a correnteza me levasse para Governors Island.

Carter me esperava na pista de corridas da ilha, a cabeça toda enfaixada, como se estivesse usando um turbante. As bolhas no rosto tinham sido tratadas com uma espécie de gosma roxa. Sua calça ninja de linho parecia ter sido lavada em um cortador de madeira queimada, mas ele

estava vivo, e furioso. Em uma das mãos, segurava uma corda branca cintilante, como um laço de caubói.

— Bem-vindo de volta, Percy. — Ele olhou com raiva para Setne. — Esse cara deu trabalho?

Setne se debateu e lançou fogo na direção de Carter, que desviou as chamas para o lado com a corda.

— Ele está sob controle agora — falei.

Eu estava confiante de que era verdade. A água do mar me devolvera toda a força. Nekhbet estava cooperando de novo, pronta para me proteger de qualquer coisa que Setne tentasse. O mago parecia atordoado e desanimado. Ser estrangulado no fundo da enseada de Nova York provoca esse tipo de coisa.

— Então vamos — disse Carter. — Temos uma bela recepção preparada.

Nos campos de futebol queimados, Sadie e Annabeth tinham desenhado um alvo mágico no chão. Pelo menos, foi o que me pareceu. O círculo de giz tinha cerca de um metro e meio de diâmetro e uma borda elaborada de palavras de poder em grego e hieróglifos. No Duat, eu conseguia ver que o círculo irradiava luz branca. Estava desenhado acima da fenda que Setne abriu, como uma atadura sobre um ferimento.

As garotas estavam em lados opostos do círculo. Sadie cruzou os braços e firmou os coturnos em uma postura de desafio. Annabeth ainda segurava o *Livro de Tot*.

Quando me viu, ela manteve a expressão de batalha, mas, pelo brilho dos seus olhos, vi que ficou aliviada.

Quer dizer... tínhamos acabado de completar um ano de namoro. Eu me considerava uma espécie de investimento de longo prazo para ela: Annabeth esperava que eu fosse dar lucro em algum momento. Se eu morresse agora, ela teria aguentado todas as minhas características irritantes a troco de nada.

— Você sobreviveu — observou ela.

— Não graças ao Elvis. — Levantei Setne pelo pescoço. Ele não pesava quase nada. — Ele foi bem durão até eu descobrir o sistema dele.

Eu o joguei no meio do círculo. Nós quatro o cercamos. Os hieróglifos e letras gregas arderam e giraram, erguendo uma nuvem em forma de funil para conter nosso prisioneiro.

— O sujeito é um carniceiro — falei. — Não muito diferente de um abutre. Ele fica cutucando a mente, encontra o que pode usar e usa para romper nossas defesas. Annabeth e seu amor pela sabedoria. Carter e seu desejo de dar orgulho ao pai. Sadie...

— Minha modéstia incrível — adivinhou Sadie. — E minha óbvia beleza.

Carter riu com deboche.

— Enfim — falei —, Setne tentou me oferecer a imortalidade. Tentou entender meus motivos para ter recusado, mas...

— Perdão — interrompeu Sadie. — Você disse que recusou a imortalidade?

— Você ainda pode ser deus! — gemeu Setne. — Todos vocês! Juntos, podemos...

— Eu não *quero* ser deus — falei. — Você não entende isso, não é? Não conseguiu encontrar nada em mim que compreendesse, o que considero um grande elogio.

Dentro da minha mente, Nekhbet sussurrou: *Mate-o. Destrua-o completamente.*

Não, falei. Porque eu também não sou assim.

Cheguei até o contorno do círculo.

— Annabeth, Carter, Sadie... estão prontos para acabar com esse cara?

— Quando você quiser. — Carter ergueu a corda.

Eu me agachei até ficar cara a cara com Setne. Seus olhos pintados estavam arregalados e fora de foco. Na cabeça, a coroa de Ptolomeu inclinara-se para o lado como um telescópio de observatório.

— Você estava certo sobre uma coisa — falei para ele. — Há muito poder quando se mistura coisas gregas e egípcias. Estou feliz de você ter me apresentado para os meus novos amigos. Vamos continuar nos misturando.

— Percy Jackson, escute...

— Mas existe uma diferença entre compartilhar e roubar — falei. — Você está com uma coisa que me pertence.

Ele começou a falar. Enfie a mão na boca dele.

Achou nojento? Espere. Fica pior.

Alguma coisa me guiou, talvez a intuição de Nekhbet, talvez meus próprios instintos. Meus dedos se fecharam ao redor de um pequeno objeto pontudo no fundo da garganta de Setne, e puxei com tudo: minha caneta esferográfica, Contracorrente.

Foi como se eu tivesse tirado a tampinha da válvula de um pneu. Magia voou pela boca de Setne, um fluxo multicolorido de luz hieroglífica.

AFASTE-SE!, gritou Nekhbet na minha mente, na mesma hora em que Annabeth disse a mesma coisa.

Eu cambaleei para longe do círculo. Setne se contorceu e girou enquanto toda a magia que ele tentara absorver saía jorrando em uma torrente nojenta. Eu já tinha ouvido falar de gente que “vomitava arco-íris” porque via alguma coisa fofa demais.

Mas tenho que dizer: se você algum dia *vir* alguém vomitando arco-íris... não tem nada de fofo nisso.

Annabeth e Sadie gritaram comandos mágicos ao mesmo tempo. A nuvem de magia em forma de funil se intensificou ao redor do círculo, contornando Setne, que estava murchando rapidamente. A coroa de Ptolomeu rolou da cabeça dele. Carter deu um passo à frente e jogou a corda mágica.

Assim que a corda tocou em Setne, um brilho de luz me cegou.

Quando minha visão voltou, Setne e a corda tinham sumido. Nenhuma luz mágica girava. A deusa abutre tinha saído da minha cabeça. Minha boca não estava mais com gosto de hiena morta.

Annabeth, os Kane e eu ficamos em círculo olhando para a coroa de Ptolomeu, que estava caída na terra. Ao lado, havia um enfeite de plástico do tamanho de um ovo de ganso.

Eu o peguei. Era um globo de neve.

Dentro do globo, um modelo em miniatura de Governors Island estava permanentemente submerso. Alternando entre correr e nadar pela paisagem para tentar fugir de rios de neve falsa, estava um homem do tamanho de um cupim usando um sobretudo roxo.

Setne tornou Governors Island sua moradia eterna, afinal.

Ele ficara preso em um souvenir barato de plástico.

Uma hora depois, nos sentamos no parapeito do velho forte e vimos o sol se pôr atrás de Nova Jersey. Eu estava comendo um sanduíche de queijo e tomando um suco de caixinha gelado do estoque extradimensional de lanches de Sadie (junto com dois comprimidos extrafortes para dor de cabeça) e, por isso, me sentia corajoso o suficiente para ouvir explicações.

— Alguém pode me explicar o que aconteceu lá? — perguntei.

Annabeth segurou minha mão.

— Nós vencemos, Cabeça de Alga.

— É, mas... — indiquei o globo de neve, que Carter estava admirando agora — ... como?

Carter sacudiu o globo. A neve falsa girou lá dentro. Talvez fosse minha imaginação, mas juro que ouvi Setne gritando debaixo da água ao vivenciar a versão sacudida de sua pequena prisão.

— Acho que a ideia do globo de neve ficou na minha cabeça — disse Carter. — Quando joguei a corda e lancei a armadilha, a magia se adaptou ao que eu estava pensando. Setne vai ser um excelente peso de papel.

Sadie riu com deboche e quase cuspiu suco pelo nariz.

— Pobrezinho do Setne, preso na mesa do Carter por toda a eternidade, obrigado a vê-lo fazendo horas e horas de pesquisa chata. Seria mais gentil deixar Ammit devorar a alma dele.

Eu não sabia quem era Ammit, mas não precisava de mais monstros devoradores de alma.

— Então a armadilha funcionou — falei, e acho que era meio óbvio. — Não preciso entender todos os detalhes...

— Que bom — disse Annabeth. — Porque acho que nenhum de nós entende.

— ... mas tem uma coisa que eu preciso saber. — Apontei para Sadie. — O que você sussurrou para Annabeth para transformá-la em maga?

As garotas trocaram um sorriso.

— Eu contei para Annabeth meu nome secreto — disse Sadie.

— Você o quê? — perguntei.

— Chama-se *ren* — explicou Sadie. — Todo mundo tem um, mesmo que não saiba. O *ren* é... bem, a definição de quem você é. Quando compartilhei essa informação, Annabeth teve acesso às minhas experiências, minhas capacidades, tudo de maravilhoso que eu tenho.

— Isso foi arriscado. — Carter me olhou com expressão sombria. — Qualquer pessoa que conheça seu *ren* pode controlar você. Não se compartilha essa informação se não for absolutamente necessário, e só com pessoas em quem você realmente confia. Sadie descobriu meu nome secreto ano passado. Minha vida está um inferno desde então.

— Ah, por favor — disse Sadie. — Só uso meu conhecimento para o bem.

Carter de repente deu um tapa no próprio rosto.

— Ei! — reclamou ele.

— Ops, desculpe — disse Sadie. — Mas eu confio na Annabeth. Eu sabia que teríamos que nos unir para criar o círculo de contenção. Além do mais, uma semideusa grega fazendo magia egípcia... Você viu a cara do Setne? Foi impagável.

Minha boca ficou seca. Imaginei Annabeth evocando hieróglifos no Acampamento Meio-Sangue, explodindo carruagens na pista de corrida, lançando punhos azuis gigantes durante a captura da bandeira.

— Então agora minha namorada é maga? Tipo, para sempre? Ela já era bem assustadora antes.

Annabeth riu.

— Não se preocupe, Cabeça de Alga. O efeito de saber o *ren* de Sadie já está passando. Eu nunca vou conseguir fazer magia sozinha.

Dei um suspiro de alívio.

— Tudo bem. Mas tenho, hã... uma última pergunta.

Eu indiquei a coroa de Ptolomeu, que estava no parapeito ao lado de Sadie. Parecia parte de uma fantasia de Halloween, não o tipo de adereço capaz de partir o mundo ao meio com violência.

— O que vamos fazer com isso?

— Ah — disse Sadie —, eu poderia colocar na cabeça e ver o que acontece.

— NÃO! — gritaram Carter e Annabeth.

— Estou brincando — disse Sadie. — Sinceramente, vocês dois, se acalmem. Mas tenho que admitir que não entendo por que Wadjet e Nekhbet não vieram pedir as coroas de volta. As deusas *foram* libertadas, não foram?

— Foram — falei. — Senti a naja Wadjet ser expelida quando Setne estava vomitando arco-íris. E Nekhbet voltou... para onde as deusas vão quando não estão perturbando mortais.

Carter coçou a cabeça enrolada em ataduras.

— Então... elas *esqueceram* as coroas?

Rastros da personalidade de Nekhbet permaneceram nos cantos da minha mente, o suficiente para me deixar desconfortavelmente seguro de que a coroa de Ptolomeu fora deixada ali de propósito.

— É um teste — falei. — As Duas Senhoras querem ver o que vamos fazer com ela. Quando Nekhbet soube que eu recusei a imortalidade no passado, ficou meio ofendida. Acho que está curiosa para saber se algum de nós vai tentar ficar com isso.

Annabeth me olhou sem entender.

— Nekhbet faria isso por *curiosidade*? Mesmo que causasse um evento capaz de destruir o mundo?

— É a cara da Nekhbet — disse Sadie. — Ela é uma ave velha e nociva. Adora ver os mortais brigarem e se matarem.

Carter ficou olhando para a coroa.

— Mas... nós sabemos que não devemos usar essa coisa. Não sabemos? — A voz dele soou um pouco melancólica.

— Pela primeira vez, você está certo, irmãozinho querido — disse Sadie. — Por mais que eu fosse adorar ser uma deusa de verdade, acho que vou ter que me contentar em ser uma deusa *figurativa*.

— Vou vomitar arco-íris agora — disse Carter.

— E o que vamos fazer com a coroa? — perguntou Annabeth. — Não é o tipo de coisa que podemos deixar nos achados e perdidos de Governors Island.

— Ei, Carter — falei —, depois que derrotamos aquele monstro crocodilo em Long Island, você disse que tinha um lugar seguro para guardar o colar. Dá para guardar a coroa lá também?

Os Kane tiveram uma conversa silenciosa.

— Acho que poderíamos levar a coroa para o Primeiro Nomo, no Egito — disse Carter. — Nosso tio Amós é o responsável lá. Ele tem os cofres mágicos mais seguros do mundo. Mas nada é cem por cento seguro. Os experimentos de Setne com magia grega e egípcia estremeceram o Duat. Deuses e magos sentiram. Tenho certeza de que os

semideuses também sentiram. Esse tipo de poder é tentador. Mesmo que trancássemos a coroa de Ptolomeu...

— Outros podem experimentar a magia híbrida — disse Annabeth.

— E quanto mais se tentar — disse Sadie —, maior pode ser o dano ao Duat, ao mundo mortal e à nossa sanidade.

Ficamos em silêncio, absorvendo a ideia. Imaginei o que aconteceria se os garotos do chalé de Hécate soubessem sobre magos egípcios no Brooklyn, ou se Clarisse, do chalé de Ares, aprendesse a conjurar um avatar de javali gigantesco.

Tive um calafrio.

— Vamos ter que manter nossos mundos separados o máximo possível. A informação é perigosa demais.

Annabeth assentiu.

— Você está certo. Não gosto de guardar segredos, mas vamos ter que tomar cuidado com quem falamos. Talvez possamos contar para Quíron, mas...

— Aposto que Quíron já sabe sobre os egípcios — falei. — Ele é um centauro velho e esperto. Vamos ter que manter nossa pequena força-tarefa só entre nós.

— “Nossa pequena força-tarefa”. — Carter sorriu. — Gosto de como isso soa. Nós quatro podemos manter contato. Vamos ter que ficar preparados para o caso de uma coisa assim voltar a acontecer.

— Annabeth tem meu número de celular — disse Sadie. — O que, sinceramente, irmão, é uma solução bem mais

fácil do que escrever hieróglifos invisíveis na mão do seu amigo. O que você tinha na cabeça?

— Fez sentido na ocasião — protestou Carter.

Recolhemos o lixo do nosso piquenique e nos preparamos para seguir cada um para o seu lado.

Carter embrulhou com cuidado a coroa de Ptolomeu em um pedaço de linho. Sadie deu uma boa sacudida no globo de neve de Governors Island e guardou na mochila.

As garotas se abraçaram. Eu apertei a mão de Carter.

Com uma pontada de sofrimento, percebi o quanto sentiria falta deles. Eu estava ficando cansado de fazer novos amigos só para me despedir deles, principalmente porque alguns nunca voltavam.

— Se cuida, Carter — falei. — Chega de fritar em explosões.

Ele deu um sorrisinho.

— Não posso prometer. Mas ligue se precisar de nós, tá? E, hã, obrigado.

— Ei, foi trabalho de equipe.

— Acho que foi. Mas, Percy... a questão principal foi você ser uma boa pessoa. Setne não conseguiu atingir você. Sinceramente, se me tentassem a virar deus como você foi tentado...

— Você teria feito a mesma coisa.

— Talvez. — Ele sorriu, mas não parecia convencido. — Tudo bem, Sadie. Hora de voar. Os iniciados da Casa do Brooklyn vão ficar preocupados.

— E Khufu vai fazer salada de frutas com gelatina para o jantar — disse ela. — Deve ser uma delícia. Tchauzinho, semideuses!

Os Kane viraram aves de rapina e se lançaram na direção do sol poente.

— Foi um dia estranho — falei para Annabeth.

Ela segurou minha mão.

— Estou pensando em jantar o cheeseburger do P. J. Clarke's.

— Com bacon — falei. — A gente merece.

— Adoro seu jeito de pensar — disse ela. — E estou feliz por você não ser um deus.

Ela me beijou, e concluí que eu também estava feliz. Um beijo ao pôr do sol com promessa de um bom cheeseburger com bacon... Com uma recompensa assim, quem precisa de imortalidade?

SOBRE O AUTOR



RICK RIORDAN nasceu em 1964, em San Antonio, Texas, e hoje mora em Boston com a esposa e os dois filhos. Autor best-seller do *The New York Times*, premiado pelo YALSA e pela Associação Americana de Bibliotecas, por quinze anos ensinou inglês e história em escolas de São Francisco, e é essa experiência que atribui sua habilidade em escrever para o público jovem. Além das séries *Percy Jackson e os Olimpianos*, *Os Heróis do Olimpo* e *As Provações de Apolo*, inspiradas na mitologia greco-romana, Riordan assina as séries *As Crônicas dos Kane*, que visita deuses e mitos do Egito Antigo e *Magnus Chase e os Deuses de Asgard*, sobre mitologia nórdica.

OUTRAS SÉRIES DO RIORDANVERSO

PERCY
JACKSON
E OS OLIMPIANOS



MAGNUS
CHASE
e os DEUSES de ASGARD

AS PROVAÇÕES DE
APOLO